



Universidade de Brasília
Departamento de Antropologia

ERICH GOMES MARQUES

**OS PODERES DO ESTADO NO VALE DO AMANHECER:
Percursos Religiosos, Práticas Espirituais e Cura**

Brasília
11 de Dezembro - 2009

ERICH GOMES MARQUES

**OS PODERES DO ESTADO NO VALE DO AMANHECER:
Percurso Religioso, Práticas Espirituais e Cura**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Antropologia Social da Universidade de Brasília – UnB, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Antropologia Social

Orientador: Professor Doutor José Jorge de Carvalho (UnB)

Brasília
11 de Dezembro - 2009

ERICH GOMES MARQUES

**OS PODERES DO ESTADO NO VALE DO AMANHECER:
Percurso Religiosos, Práticas Espirituais e Cura**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Antropologia Social da Universidade de Brasília – UnB, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Antropologia Social

Orientador: Professor Doutor José Jorge de Carvalho (UnB)

Aprovado em ____/____/____

Banca Examinadora

Professor Doutor José Jorge de Carvalho (Orientador), Universidade de Brasília.

Professora Doutora Antonádia Monteiro Borges, Universidade de Brasília.

Professor Doutor Sullivan Charles Barros, Centro Universitário UNIEURO.

Professora Doutora Rita Laura Segato (Suplente), Universidade de Brasília.

Dedico esta dissertação a Gilzélia, por ter estado sempre ao meu lado, mesmo nos momentos mais difíceis, e a meus pais pelo incentivo.

**Dedico ainda em especial a Bálsamo lvares
(*in memoriam*), pelos momentos de
confidência.**

AGRADECIMENTOS

Esclareço aqui, “caro leitor”, que este ainda é aquele capítulo rotineiro, onde nós separamos os nomes dos nossos colegas, de nossos professores, de todos aqueles que estiveram envolvidos, de alguma forma, no processo de nossa formação acadêmica, da construção do texto, que resultou na dissertação ou que, de alguma maneira, nos ajudaram na etnografia. Bem, na verdade, não saí desta mesmice por completo, mas preferi adotar o processo do devaneio. Isso mesmo! Gostaria de pelo menos agora, poder me livrar das amarrações, visto que já decepcionei muitos por não ter feito isso no texto da dissertação, mais por incompetência do que por vontade, preferi agora abusar um pouquinho das imagens que me invadem como se estivesse mergulhado na própria lama fenomenológica que originaria o imaginário do não ser em bolhas de narrativas vivas que me invadissem em cores.

Deixe-me contar-lhes uma coisa: nos momentos de maior inspiração, quando acho que tenho algum resultado que me agrada, lembro-me dos meus pais. Inevitável: *“isso é verdade seu João Marques. Foi o seu exemplo, a sua capacidade de começar sempre, novamente, de esperar o momento certo, de ter realizado grandes feitos, sua incansável determinação – sempre - que tanto me inspiraram quando achei que não iria conseguir. Que orgulho, hein pai, você construiu o Congresso... tudo bem, eu sei que não construiu sozinho, mas estava entre os engenheiros. É hilário, eu, um antropólogo estar ovacionando a hierarquia. Mas você é meu pai, serei perdoado”*. Por outro lado, a paciência é culpa da minha mãe: *“não foi dona Lacy? Se lembra? Quando eu era pequeno, gostava muito de Jatobá. Gosto estranho, muitos vão dizer com certeza, ainda mais para um garoto de seis anos. Um dia, debaixo de imenso jatobazeiro meus irmãos acharam alguns e foram comer afastados, enquanto eu chorava. Você me disse: pare de chorar! Se você quer um, procure! E me deixou. Tive de parar, respirar, ficar em silêncio – parecia uma ausência – enquanto um velho me observava de longe, sem expressão. Foi quando achei um. O velho deu um leve sorriso e você disse: viu! Até hoje acho que aquele senhor era um Preto Velho. Hoje, mãe, eu acho que as pistas da etnografia são os jatobás e devemos ter paciência para encontrá-las”*. Será que ainda somos observados?

Perdoe-me o recado singular, caros cúmplices: *“Frank e Vanessa!?! Terminei a dissertação!!! Alguns colegas dizem que ela é maldita. Mas considero-a como aquilo que se tem de mais sagrado. Mas para se chegar até ela é necessário todo o nosso esforço e transformação, nos tornarmos outro. E isso é doloroso”*.

Finalmente, neste parágrafo, sugiro àqueles que não gostam de folhetins, passem para o seguinte. Mas este é o princípio de tudo: *“Não foi meu amor? No dia 24 de Novembro de 1998, nos conhecíamos, às 08:24h. Não sou bom em guardar datas, mas o B.O. da colisão de nossos veículos virou um quadro para nossa parede. Prejuízo à parte, um momento tão singular não viraria romance de sucesso, pois, neste caso, histórias deste tipo são lugares-comuns. No entanto, este romance açucarado foi o princípio de várias páginas de teorias, pois você, Gilzélia, não foi apenas quem me conduziu para o altar em um típico casamento cigano, como o que acontece no Vale do Amanhecer, mas me levou a conversar com a primeira Preta Velha, Vovó Catarina das Cachoeiras, e daí pra frente os textos foram uma consequência inevitável. Já te disse que te amo? Bem, agora, o folhetim alencariano está completo: Te Amo!”*

Uma pequena pausa, leitor querido, para que enxuguem as lágrimas... agora refeitos, vamos conversar com um casal muito amado: *“Reginaldo e Nádia, eu jamais poderia deixar de me lembrar de vocês neste momento. Há muito tempo temos pensado em ir para Chapada juntos, temos adiado nossos almoços inspiradores, temos deixado de receber seus ensinamentos, por causa dessa Sagrada dissertação. Agora ouviremos o capítulo seguinte de como um Yogue, com todos os qualificativos correspondentes ao termo, tornou-se um gerente de escola de idiomas mantendo-se fiel a seu passado, influenciando professores e alunos. Também ouviremos a professora de inglês e de matérias mais preciosas falar amigavelmente. Vocês sempre foram um exemplo. Agradeço terem compreendido minha ausência”.*

Mais amigos merecem ser lembrados. Não é porque eles nos ajudaram de alguma forma no desenvolvimento da dissertação, mas sempre sentiram minha falta enquanto eu escrevia. Naturalmente tive que adiar a grande maioria dos convites. *“Marco Felipe Luna Rodrigues, Cecília Luna e Reiven Luna, apesar de ter estado longe as lembranças que tenho são sempre agradáveis. Quando vamos voltar a Fortaleza? O povo cigano ainda os acompanha? Sempre, né? Agora a família está maior, o Reiven com um irmãozinho e vocês com uma filhinha. Por favor, não se cansem de me esperar.” “Monique e Gaspar, como vocês estão? E o baby? A ausência de vocês nunca foi preenchida, pois eram os únicos que nos visitavam com regularidade. Mais uma vez nós vamos adiar o passeio para a Chapada, mas agora porque estamos esperando um acompanhante: Oliver.”*

Eu não poderia deixar de me lembrar da minha segunda família. Neste caso, não por ter ficado tão ausente deles, mas, ao contrário, tão presente. Não devo lembrar-lhes aqui das lorotas mastigadas na hora das refeições, mas de suas orientações definitivas em muitos

pontos da minha dissertação. *“Seu Pedro, fiquei feliz por ter participado de uma página importante, na história de sua vida: se tornar arcano foi a conclusão de um longo percurso, cujo significado as lágrimas ainda pouco revelaram – talvez para esclarecer que sua luta lhe reserva novas batalhas.” “Dona Gilvete, suas falanges surreais nunca deixaram de trabalhar. E você é a primeira de uma delas.” “Leônio, nunca acreditei nestes parentescos sociais, nossas briguinhas infantis levaram-me a recusar esta classificação de co-cunhado. Sou seu irmão mais velho para ensinar-lhe a ter juízo. Obrigado pelas maravilhosas narrativas: disputas reais em dimensões fabulosas. Agradeço ainda pelo tempo gasto para preparar minha dissertação.” “Gilciléa, eu poderia dizer-lhe muita coisa, mas não o farei para não correr o risco de dizerem que copieei algum personagem da novela das seis. Mimos e barracos à parte, direi apenas: olha! Existem os Pretos Velhos das águas, das cachoeiras, das matas virgens, de Angola... mas não das piscinas termais, nem das cerâmicas e nem de Caldas Novas...” “Davi, Levi, Cauã e Arthur... todos já estão vestindo indumentárias.” “Geilson, já pensou em ler Vatsyayana – autor hindu. Sei que gosta de livros exóticos.” “Joelson, como vai o basquete? E a Kelle?” “Se superou, hein, Júnior: ainda combatendo o crime?”*

É elementar, meus caros colegas, que este texto seria incompleto, se eu não agradecesse a meu professor orientador e não deixarei de fazê-lo. *“Professor Jorge, sempre foi uma lição os espaços que nos fornecia para os diálogos em salas de aula e as receptividades para nossas ideias, sem deixar de trazer autores tão influentes com os quais podíamos dialogar. Esse apoio incentivava-nos a arriscar e a tentar ir cada vez mais alto, orientando-nos para que não caíssemos como fez Ícaro”.*

“Professor Sullivan, gostaria de agradecer-lhe por ter aceito o convite de participar da minha banca. Como o Professor Jorge disse, convidei pessoas que admirava, e meu respeito se justifica por sua ideia genial de realizar uma entrevista com uma Pomba Gira. Ideias assim devem ser elogiadas.”

Deixe-me explicar-lhes uma coisa: quando tentei este mestrado em antropologia, fui avaliado por uma professora que não conhecia. Aliás, fiquem já sabendo que eu nunca fiz uma estratégia com base no histórico dos membros de uma banca de avaliação. Grave falha no passado, mas foi indiferente naquele ano de 2006. Pois, afinal, histórico nenhum iria me fornecer as perguntas bombardeadas por aquela professora tão jovem. *“Cara Antonádia, debaixo destas indumentárias de professor, estão as qualidades divinas de uma grega sábia. No entanto, há outro adjetivo que apenas se manifesta nos golpes contra uma árvore: o*

desejo belicoso de Atená não se realiza nos textos acadêmicos. A guerreira dos olhos glaucos estaria esperando uma 'arena de batalha'? Ademais, principalmente agora, no fim, não temo em render-lhe todos os agradecimentos possíveis, pois, a teoria e grande parte da inspiração que gerou esta dissertação foram impulsionadas pela brisa nascida de suas bruxarias e poderes. Forças que se mesclavam ao seu conhecimento que eram uma retórica e uma dança que ecoavam junto dos tambores dos espíritos da África mãe. Talvez por isso nunca pude responder, e isso era incontestável, se aquilo foi aula ou feitiçaria, cujos encantos insistiam em não se quebrar”.

No entanto, meus companheiros de percurso, este efeito mágico é perfeitamente compreensível, afinal, sua mentora foi Mariza Peirano, a dama sagrada da magia e do ritual. Qualquer um que assiste a suas aulas seria capaz de enfeitiçar seus alunos, como consequência de uma corrente que surgiu de Malinowski, Mauss e Lévi-Strauss. *“Deve ser por isso, cara professora Mariza, que não consigo me esquecer das canoas daqueles 'nativos', voando sobre um mar que se parecia tão fabuloso, quanto os inacreditáveis braceletes e colares trocados após uma viagem tão perigosa, que suscitava tantas defesas, por intermédio de feitiços falados repetitivamente. Agora, preparados por esta iniciação, seremos também bruxos? Não poderia deixar de agradecer-lhe, pelo entusiasmo com o qual nos tratava e pelo empenho em todas as aulas”.*

Outra pessoa também foi maravilhosa e ela falava tanto de Candomblé, quanto de Jung: uma mistura tão inusitada que não poderia deixar de provocar admiração. *“Professora Rita Segato, nunca vou me esquecer do dia em que discutia com Mônica Pechincha o seu lugar de mãe na minha história acadêmica. Então você concluiu que ela seria a mãe e você a avô dessa estrutura de parentesco imaginária que se misturava com as entidades do Candomblé. Pois acredite, que tudo que escrevo hoje tem relação com nossa primeira monografia, aquela que foi escrita na graduação, que unia conceitos de psicanálise e ritual. Temática que poucos professores de antropologia apoiariam. Por isso, sou tão grato”.*

“Professora Miriam Rabelo, eu nunca consegui entender muito bem a obsessão dos fãs. Sempre achava um exagero as bandas de rock ou as de músicas sertanejas serem perseguidas por tanta gente. Pois, li e reli um texto seu antes mesmo de tentar o mestrado. Como um fã owi o texto, “Comparando Experiências de Aflição e Tratamento no Candomblé, Pentecostalismo e Espiritismo”, como se fosse uma música. Por isso, não se espante se naquele 4 de Junho de 2008, eu não pude me conter, a ponto de gravar sua

apresentação e tirar tantas fotos. Os textos que você me enviou foram úteis. Obrigado por ter compreendido a tietagem.”

Já quando eu estava terminando o texto, nós do meio acadêmico de Brasília, recebemos a notícia de que Ana Lúcia Galinkin havia lançado seu livro “*A Cura no Vale do Amanhecer*”. Li este texto na graduação e novamente no mestrado. “*Galinkin, talvez você não saiba, mas sempre vi sua tese com muita satisfação. Por isso, fiz questão de ir ao lançamento de sua obra. Muito obrigado por ter me considerado um “colega”.*”

O acervo Tumarã, escrito por José Carlos, Trino Tumarã, adepto do Vale do Amanhecer foi um grande socorro que tive para fundamentar alguns conceitos da instituição. Esta obra é uma espécie de enciclopédia que registra em ordem alfabética os principais conceitos da doutrina, contendo mais de mil páginas de informações. “*José Carlos, você realmente está de parabéns, pela grandiosa obra escrita e ilustrada. São poucas as pessoas com tanta preparação, auxiliado pela própria clarividente, que deixaram um legado tão valioso para seus fiéis”.*

Dois colegas de antropologia escreveram também sobre o Vale do Amanhecer, e não sei por que, por serem antropólogas ou por serem muito agradáveis (talvez esta qualidade seja inerente aos antropólogos) ajudaram-me em algumas idéias do meu próprio texto. Para elas eu não era um concorrente. “*Márcia Regina, você me presenteou com a imagem do Chapanã. Eu já tinha ouvido falar dele, mas nunca tinha pensado em colocá-lo na minha dissertação. Foi graças a você que eu procurei o pintor Vilela para saber sobre o Cavaleiro da Lança Negra e, coincidentemente, ele tinha recebido a autorização para pintá-lo há quatro meses. Ou seja, o Vale já tem cinquenta anos de existência e apenas agora Vilela vai pintá-lo? E a sua pintura causou realmente grande sensação na comunidade. O enfoque da minha dissertação sobre esta entidade foi mérito todo seu.”* “*Roberta Salgueiro agradeço-lhe por ter enviado sua dissertação. Estou com saudades das conversas que tínhamos sobre o Vale do Amanhecer.”*

Há uma colega do mestrado, caros leitores... perdoe-me a interrupção, creio que este termo não se aplica a ela, no entanto devo ser cuidadoso, correndo o risco de provocar ciúmes entre tantos colegas do mestrado; não! Pensando bem, todos concordarão com o que direi sobre ela, todos são antropólogos e sabem lidar com certas afeições que alguns provocam. Portanto, posso dizer sem medo de hierarquizar e discriminar: eu tenho uma amiga do mestrado que merece mais do que posso colocar nestas míseras linhas. “*Valéria de Paula Martins, o quanto você foi amiga! Não apenas incentivava-me, mas também me ampliava*

valores que nunca acreditei ter tido. Você se preocupava comigo. Realmente estava preocupada com minha dissertação e vinha escrevendo-me e-mails sobre isso. Deixa eu te contar uma coisa: eu parei de responder. Não fiz isso porque suas mensagens estavam me cansando, nada disso. Na verdade, nunca foi isso. Mas porque há certas coisas que acontecem que você não entenderia, mesmo se eu explicasse e no cerne deste argumento estava o ritmo do meu trabalho. Preferi apenas mandar-lhe um e-mail final com estes dizeres: Valéria, concluí a dissertação, obrigado por todas as preocupações e conselhos. Você realmente é uma amiga do coração”.

Obviamente, ela não foi minha única amiga no mestrado. Aliás, todas as vezes que me lembro de outra grande amiga, tenho que conter meu sorriso, temendo ser mal interpretado: as primeiras lembranças que tenho é de uma menina emburradinha que ficava em um canto da sala e que mal falava português. Mas sempre que a cumprimentava era muito educada e respondia com sorrisos. *“Bárbara, não consigo conter a curiosidade em ler sua dissertação. Nossas bruxas e feiticeiros ficariam ofuscados com as vampiras da sua etnografia e os riscos que você realmente enfrentou. Não consigo conter o riso por lembrar-me do vocabulário adolescente que você aprendeu em Brasília e das histórias de ufos, de espíritos e de forças que povoavam seu imaginário”.*

Não posso me esquecer da Silvia Monroy, que sugeriu que eu lesse sua dissertação para melhor abordar a conversa de *Avalciara* no *Angical*. *“Silvia, realmente aproveitei seu texto. Ele não foi mais citado porque o Angical observado fugia das características comuns encontradas neste tipo de ritual. Agradeço ter dado atenção a meus e-mails, mesmo quando você estava tão atarefada em sua viagem.”*

Acredito que minha retórica já deve ter cansado, mas não posso terminar este texto sem me lembrar dos informantes. Eles não foram apenas o meio pelo qual tudo foi possível, mas o motivo da dissertação. *“Santiago Caetano, não pense que eu apenas ouvia suas histórias por interesse ou por compaixão. Você não sabe, mas sempre fui um pouco como você, meio determinado sem querer abrir mão dos próprios princípios”.* *“Vanessa Yuricy, o espaço é curto para demonstrar tamanho afeto e amizade. Agradeço por sempre ter tido confiança em meu trabalho e no meu caráter, mesmo quando não merecia”.* *“Rivelino, meu querido padrinho, obrigado pelo apoio e orientações”.* *“Graciara, agradeço por ter permitido acompanhar sua história por tanto tempo. Espero que agora sua ‘irmã’ esteja olhando por você. Obrigado pelas lágrimas presenteadas junto de sua história”.* *“Marielsi Gabarra, já te disse que adoro seu nome? Obrigado pela confiança e por estar presente*

quando precisei. Agradeço por suas histórias.” “Elisângela, não poderia deixar de te agradecer pelas histórias tão pessoais.” “Querido amigo mestre Cruz, suas fabulosas histórias sobre monstros mordicantes e deuses acompanhadas de seu sorriso e entusiasmo sempre foram bem acolhidas.”

Nem sempre é fácil se lembrar de todos os amigos do mestrado. Obviamente, já estou aqui me desculpando por algum nome esquecido. Tivemos altos e baixos no decorrer do nosso curso. No princípio parecia que não haveria fim. *“Como eu poderia me esquecer, Yoko Nitahara, do dia em que você me falou como as coisas funcionavam. E éramos quase vizinhos, hein”.* *“Rogério, você foi o colega que me restou em textos clássicos. Também foi quem me incentivou a ler Camões, se lembra?”* *“Lilian, sempre me lembro da temática da sua etnografia: há um senhor, funcionário da Câmara dos Deputados, que fala sobre diversos assuntos: conhecimentos gerais, economia, política etc. Seu nome é Julião. Ele não é levado a sério. O que impressiona a todos é que ele mora nos túneis da Câmara e policiais legislativos dizem que ele desaparece pelos corredores”.* *“Sabe, Júlia Brussi, sempre acho graça de seus e-mails se referindo à ‘maldita dissertação’. Penso que ela é ‘maldita’ enquanto está sendo domesticada, lapidada e talvez a riqueza seja deixá-la rebelde dentro de padrões acadêmicos. Às vezes, ela se personifica, sabia? E nos desafia. A minha fez isso e em voz alta disse não suportar a luz da ciência. Então respirei, convidei-a para dançar uma valsa ao som do violino de Bach e de Vivaldi para que as cicatrizes doessem menos. Essa história de amor está contada nesta dissertação.”* *“Porque, foi assim que você me ensinou Michel Alcoforado. Se lembra, Michel? Pois, eu realmente nunca me esquecerei que você disse que as canoas dos trobriandeses de Malinowski são iniciadas a partir do corte da madeira até se tornarem entes sociais. É verdade! Nossas dissertações se tornaram entes e elas podem se virar contra seus criadores. Elas querem superá-los. Além disso, não acho mais ridículo os trobriandeses terem feito preces a cada etapa da construção de uma canoa, para proteger o processo ou para alcançarem sua perfeição. Confesso-lhe que fiz o mesmo para cada parágrafo, ou para os mais difíceis. Espero que tenha dado certo.”* *“Júnia, você foi a irmã que tive e a que não tive. Sempre me lembrarei com carinho de seus sons na sala – insônias de uma dissertação fantasmagórica”.* *“Daniel, alguns expressam com justiça seus julgamentos a um nível supremo: o peso imensurável da sua espada vem do alto. Às vezes, você a aponta contra ti mesmo. Espero que se preserve, precisamos de você junto de nós”.* *“Andrea Grazziani, seus gestos nobres estão no delicado poder de nossos diálogos, os quais solidificaram nossas amizades nestes qualificativos tão díspares, força e suavidade, conforme*

sua natureza yogue”. “Josué Tomasini, sempre admirei os cuidados quase almos que tinha com nossa turminha do mestrado”. “Fabiola, conversamos tanto! Confissões simples, é verdade, mas que mereceria uma pequena penitência. No entanto, lembre-se: somos antropólogos, nada de deslizes, os nossos pecados são apenas nossas etnografias.” “Amanda, apenas sua inserção poderia traduzir a dor a partir da etnografia. Sua inegável sensibilidade, aberrante em cores, foi seu instrumento de trabalho”. “Alda, seu sorriso suave sempre trazia seus enigmas, mas as gargalhadas sinceras sempre esclareceram a afeição que tinha por nós: recíprocas sempre correspondidas”.

Tive a sorte de participar de outra turma de Antropologia. Devido à simpatia de todos, sem exceção, fiz questão de citar seus nomes neste espaço. *“Carolina Pedreira: ‘salve o povo da Pedreira’, fonte de energia. Flores... flores... E as flores? As flores à flor da pele... as flores sobem por seus braços, Carolina, que se arrepiam pelo sofrimento do construtor de gigantesco mosaico em cacos de espelhos: mãos duras que trabalham, em paralelo às suas, cujas linhas, macias raízes imaginárias, recebem o passe do caboclo – o ‘povo da pedreira’, da nossa Pedreira?” “Diogo Bonadiman, suas mãos bondosas sorriram com satisfação pelos amarelos, lilases e vermelhos dos vestidos das ninfas que voavam pelo vento das amacês, ventos que continuam soprando e colorindo dentro da sua câmara.” “Querida Fabíola Gomes, você sempre estava presente, nos lugares mais improváveis, sempre em harmonia com o ambiente. Aprendeu a se camuflar assim na Índia? Mas eu sei como distinguí-la em meio a essa paisagem caótica: minhas reminiscências apontam em direção a um afeto.” “Paula Balduino, flashes revelam-lhe em um tempo quase esquecido, enquanto suas pupilas disfarçavam-na, seu sorriso traía-lhe nas ondulações da superfície: é a admiração trançada na leveza de seus passos.” ““Gleides, minhas lembranças remetem a momentos amigáveis e às histórias sobre suas aulas no 2º Grau: educação sentimental? Tudo é sempre muito hilariante.” “Maria Fernanda, não consigo esconder a surpresa agradável que tive ao saber sua curiosidade em conhecer o Vale do Amanhecer. Vamos, sim, preparar este passeio.” “Pedro MacDowell, não conheço ninguém mais diplomático do que você. Parece que estas são lições de berço, né?” “Tiago Eli, lembro-me que sempre me considerou da sua turma. Descobri depois que fora apenas um engano, mas deixei-me ser adotado.” “Martina, de você eu tive a lembrança mais doce: o mestre Cruz explicava-lhe tanta coisa sobre o Vale do Amanhecer, que eu quis interromper. Afinal, estava ele te incomodando? você me respondeu com uma piscada: deixe-o! E ouviu todas suas extraordinárias histórias com satisfação.” “Júlia Otero, como estão seus sonhos, muito trabalho? Não vejo a hora de vê-los na*

dissertação.” “Larissa Brito, já dizia Carlos Drummond de Andrade, sinto-me entristecido porque você foi uma das poucas que não viu um disco voador. Eu sei onde encontrá-los, quando você quiser novamente ir ao Vale do Amanhecer, avise-me. Estou te devendo o passeio.” “Como está sua tese, Antônio, está escrevendo? Aquelas alunas suas ainda te pedem o dinheiro da alforria?” “Ivanise, houve um tempo em que nossos tempos eram os mesmos. Hoje, na nossa sala vazia recordo-me dos eflúvios dos seus conselhos, que ainda ecoam no ‘absoluto do não ser’.” “Diogo Pereira, num ato de extrema confiança, você apresentou toda sua família aos Pretos Velhos Intergalácticos do Amanhecer: comovente afinidade com o inominável.” “Walison, tenho várias lembranças sobre você, mas aquela do Léo Jaime vai ficar para história. Afinal, ele comeu a Madonna ou não?”

Quando os prazos não eram cumpridos, o departamento ficava em pavorosa. Apesar desta referência impessoal, a Adriana Sacramento era a responsável por cuidar de tudo. E acreditem: ela nunca ficava impaciente... quer dizer, se ficava, eu não soube. “naturalmente, Adriana, eu tinha que te agradecer por esse serviço tão longo e penoso. Mas você deve entender, que a função dos alunos é descumprir os prazos, para cumprir com a dissertação. Ademais, este processo de escrita lembra-me a fúnebre ideia tirada do ‘Cem anos de solidão’ de que nós fazemos nossas próprias mortalhas e a morte chega quando concluímos nossa confecção. Assim, a solução é verificar que a peça está ruim e desmanchá-la para recomeçá-la novamente entrando assim em um ciclo eterno de erros e acertos. Espero que não tenha sido por isso que o texto tenha demorado tanto para ficar pronto. Pois pensando deste modo, sinto-me na obrigação de procurar cada vez mais ideias para muitos outros textos.”

Este texto seria inviável sem as correções de Fabiano Cardoso. “Reconheço sua paciência por ter aguardado os textos ficarem prontos e empenho por ter cumprido as datas.”

“Minha querida Avalciara, neste período de pesquisa foste minha Beatriz, conduzindo-me pelos caminhos mais perigosos. Ainda estendes tuas mãos nos momentos difíceis, provocando-me o cômodo risco da letargia. Mas, de fato, somente demonstres o sentido de minhas provações, obrigando-me a desenvolver potencialidades necessárias para lidar com tramas misteriosas.” “Caro Marcos Antônio, seu risco foi grande. A confiança dos seus poderia ser quebrada: conquistas de toda uma vida inteira. Revelou-me identidades obscuras.”

Finalmente, caros leitores, esclareço que a etnografia exigiu-me um diálogo perpétuo com a cosmologia da doutrina. As entidades de luz ou espíritos das trevas traziam-me

mensagens, recomendações ou ameaças em meio a narrativas fabulosas, que não poderiam ser desprestigiadas, pois, caso contrário, estaria recusando um inusitado conhecimento que insistia em ser revelado e, o que é mais significativo, influenciava uma comunidade inteira. Sendo coerente e honesto a estes discursos, respondo a seus personagens, que me englobaram como um dos seus. *“É por isso, minha querida Princesa Iracema, que te agradeço às proteções, mas, principalmente o dia em que você foi até uma caverna buscar um espírito que queria minha retratação.”* *“Agradeço também Ministro Arion e Cavaleiro Falzo Verde, suas presenças: minha dissertação despertou muitos espíritos sem luz de alta hierarquia e todos reclamavam furiosos que vocês estavam ao meu redor.”* *“Agradeço Pai Joaquim das Águas pelas recomendações.”* *“Te agradeço Vovó Catarina das Cachoeiras, por ter me ajudado a registrar a história de sua filha, Graciara Bonfim.”* *“Querida Cigana Natália, sua mensagem trouxe-me narrativas de batalhas na Grécia Antiga, de conversas com Akhenaton do Egito, de belas mulheres gregas e romanas. Obrigado, por tudo isso e por todo seu afeto.”*

“Antes de mais nada, aperfeiçoava-se na arte de escuta, de prestar atenção, com o coração quieto, com a alma receptiva, aberta, sem paixão, sem desejo, sem preconceito, sem opinião.”

(HESSE, *Sidarta*)

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1	PILOTOS DA NA VE DE <i>PAI SETA BRANCA</i>	154
IMAGEM 2	CA VALEIRO DE LUZ EM CAVERNA	154
IMAGEM 3	CA VALEIRO DIVINO MESTRE LÁZARO	155

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

ILUSTRAÇÃO 1	LOCALIZAÇÃO DO VALE DO AMANHECER	143
ILUSTRAÇÃO 2	TEMPLO DO VALE DO AMANHECER (1)	143
ILUSTRAÇÃO 3	TEMPLO DO VALE DO AMANHECER (2)	144
ILUSTRAÇÃO 4	TEMPLO DO VALE DO AMANHECER E SOLAR DOS MÉDIUNS	146
ILUSTRAÇÃO 5	SOLAR DOS MÉDIUNS	146
ILUSTRAÇÃO 6	MAPA DO SOLAR DOS MÉDIUNS	147

LISTA DE FOTOS

FOTO 1	MÉDIUNS NA FILA DO <i>ABATÁ</i>	148
FOTO 2	ADEPTOS PARTINDO PARA O <i>ABATÁ</i>	148
FOTO 3	A REALIZAÇÃO DE UM <i>ABATÁ</i>	149
FOTO 4	PRISIONEIROS TROCANDO BÔNUS	149
FOTO 5	<i>IMANTRAÇÃO</i>	150
FOTO 6	<i>IMANTRAÇÃO</i>	150
FOTO 7	<i>ESCALADA</i> DA FALANGE DE PRÍNCIPES E <i>YURICYS</i>	151
FOTO 8	DOCTRINADORES DEITADOS NOS ESQUIFES	151
FOTO 9	PRISIONEIRA NO <i>QUADRANTE</i>	152
FOTO 10	O FINAL DO <i>QUADRANTE</i>	152
FOTO 11	PORTAL DA ENTRADA DO VALE DO AMANHECER	153
FOTO 12	ELIPSE	153

RESUMO

Esta dissertação dedica-se a abordar a cura no Vale do Amanhecer tendo como ponto de partida uma interpretação construída com base no desempenho da performance ritualística e na cosmologia da instituição. A natureza dos rituais está fundamentada em hierarquias estabelecidas entre os médiuns, em distribuições de poderes e de proteções espirituais e em desconstrução e reconstrução de identidade: qualificativos que remetem a conceitos de sistema político. Ademais, a proteção urgente e periódica promovida pela realização dos rituais são metáforas de aparelhos de um estado, com seus recursos jurídicos, policiais e administrativos atuando sobre a desordem para a manutenção da paz interna de um sistema. Um dos efeitos do funcionamento deste mecanismo é a melhora da condição de adeptos, participante de toda esta estrutura. Será mostrado, portanto, como o fiel participa de todo este sistema de rituais para obter o alívio de suas dificuldades.

PALAVRAS CHAVES: Cultura Popular, Arte, Religião, Literatura e Política.

ABSTRACT

This thesis deals with the healing in the *Vale do Amanhecer* taking as its starting point an interpretation built on the performance of ritual and cosmology of the institution. The nature of the rituals is based on established hierarchies between followers in distribution of powers and spiritual protections and deconstruction and reconstruction of identity: descriptions that refer to concepts of the political system. In addition, periodic and urgent protection promoted by the performance of rituals are metaphors from a state apparatus, with its legal remedies, and administrative officers, acting on the disorder to maintain internal peace of a system. One effect of the operation of this mechanism is the improvement of the supporters, every participant in this structure. It will be shown, therefore, as the followers get relief from their difficulties.

KEYWORDS: Popular Culture, Art, Religion, Literature and Politics.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	01
1.1. O Vale do Amanhecer	03
CAPÍTULO I	06
2. Panorama Geral	06
2.1 Origem da doutrina	06
2.2. A Hierarquia	10
2.2.1. Hierarquia de Gênero	13
2.2.2. A origem da falange de Príncipes Maya	14
2.3. Episódios recentes	15
2.3.1. Reações	20
2.4. As expectativas dos adeptos	22
2.5. Santiago Caetano (Joston Bispo Cruz)	24
2.6. A Legitimidade dos Poderes	30
2.7. Similaridades iniciais com o estado	34
2.7.1. O papel de alguns discursos no Vale do Amanhecer	34
2.7.2. O vínculo do adepto ao Estado Extraterreno	37
CAPÍTULO II	39
3. Preparação dos adeptos e desempenho nos rituais	39
3.1. O mito original	39
3.2. Surge a necessidade de um breve conceito	43
3.3. Inserção	44

3.3.1. Entrando para a doutrina: passos iniciais	45
3.3.2. Primeiras aulas	46
3.3.3. Preparação e identidade	46
3.4. Panorama Geral dos rituais e <i>juízo</i> de Graciara	51
3.5. A interpretação do mecanismo do Estado soberano	60
3.5.1. A natureza política dos rituais	60
3.5.2. Os poderes de Estado no Vale do Amanhecer	63
3.5.3. Novas abordagens referentes a Estado	63
CAPÍTULO III	73
4. <i>Angical</i>	73
4.1. Um confronto entre espíritos e médiuns	73
4.1.1. Algumas breves impressões de integrantes sobre o <i>Angical</i>	74
4.2. A realização de um <i>Angical</i>	75
4.2.1. Avalciara	84
4.2.2. Marcos Antônio	87
4.3. Sobre o <i>Angical</i> de Avalciara	87
4.3.1. Algumas importantes evoluções	88
4.3.2. Os desejos do espírito	89
4.3.3. <i>Sinopse</i> das estratégias	93
4.3.4. Disputas por domínios no diálogo	94
4.3.5. Gradação dos espaços citados no <i>Angical</i>	100
4.3.6. Proteções do <i>Angical</i>	103
4.4. Recursos para a submissão do cobrador	104

CAPÍTULO IV	106
5. Sobre a performance	106
5.1. Dos dramas sociais	106
5.1.1. Da arena de Batalha	113
5.2. Ainda Turner	116
5.2.1. As narrativas mítico-cosmológicas	116
5.2.2. O desempenho da burocracia do Estado	118
6. CONCLUSÃO	120
6.1. Crise política e mediunidade	120
6.2. Política e estado	120
6.3. O efeito do diálogo entre adepto e espírito	123
6.4. Dramas sociais e narrativas mítico-cosmológicas	124
6.5. Aspecto formal e político dos rituais	125
6.6. A inserção em um Estado Soberano e a cura	126
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	128
GLOSSÁRIO	134

1. INTRODUÇÃO

O objetivo desta dissertação é abordar a cura no Vale do Amanhecer, considerando, sobretudo, a performance ritualística. Dentro deste aspecto, preferi analisar basicamente o contexto da hierarquia dos médiuns na doutrina e no mundo espiritual e o desempenho dos rituais. A partir disso, poder-se-ia entender o significado e os objetivos dos ritos, aplicando tais conclusões na eficácia da cura.

A natureza dos rituais, a hierarquia aplicada pela instituição e a distribuição das forças do mundo espiritual, com seus espíritos e proteções que remetem a desconstrução e reconstrução de identidades, a redistribuição de poderes conduzem a qualidades que se assemelham a conceitos de um sistema político (Rosenthal, 2002). Da mesma forma temos seus rituais preocupados em estabelecer uma proteção espiritual urgente e periódica de suas fronteiras (Das & Poole) em desempenhos que são metáforas de aparelhos de um Estado, com seus recursos jurídicos, policiais e administrativos, com a finalidade de atuar sobre a desordem e o caos (o Estado de natureza), permitindo a paz interna e a sustentação deste sistema. Logo, estas performances, com suas qualidades similares a de um sistema político, são desempenhadas com o objetivo de atingir um efeito que é o de melhorar as condições de adeptos que são também estruturas deste ritual.

Assim, minha metodologia foi a seguinte: optei em desenvolver ao máximo estas metáforas referentes ao conceito de Estado com base em autores da antropologia política e as situações encontradas em campo. Deste modo, eu poderia não apenas repensar os conceitos de Estado e política, considerando seus mecanismos, mas também verificar as consequências deste novo parâmetro de compreensão a fim de entender a doutrina do Vale do Amanhecer, os rituais e suas curas. Naturalmente, sempre estive focado na etnografia, pois assim poderia observar o modo como os adeptos participavam dos ritos, como seria o procedimento das curas e suas realizações pessoais. Impossibilitado de averiguar como seria o processo de libertação de um paciente, considerando suas dificuldades, a realização dos rituais, seu *juízo*¹ ou *Angical*, e a avaliação de suas curas, observei Santiago Caetano, 59 anos,

¹ Ver glossário.

durante um processo mais longo considerando suas dificuldades e promessas de libertações; entrevistei Graciara, 33 anos, para entender suas expectativas durante o processo de *juízo* e, finalmente, pude avaliar em minúcias a realização de um *Angical*, com a ajuda de Avalciara, 39 anos.

Esclareço, então, que esta dissertação provocará diversas dúvidas. Afinal, estamos nos referindo a uma doutrina que possui cerca de 50 rituais diferentes, centenas de entidades espirituais organizadas em diversas hierarquias, adeptos dispostos em diversos graus e divisões, além de diversos males espirituais, mitos, disposições arquitetônicas variadas, indumentárias e nomes muito pouco conhecidos. Tudo isso passou a ter algum sentido para mim, depois de 10 anos de observações, mas não seria fácil explicar esta aparente desorganização em algumas poucas páginas. Sua complexidade fez com que José Jorge de Carvalho afirmasse que “*a concepção do cosmos por ela (Tia Neiva) transmitida faz qualquer sistema teológico-filosófico alexandrino parecer simples*” (Carvalho, 1991: 18). Ele complementa ainda que,

“O que mais assombra no Vale do Amanhecer é a invenção total. Há inúmeras falanges de entidades, muito mais numerosas do que em qualquer outra casa de umbanda ou de kardecismo. Há falanges asteca, maia, inca, egípcia, indiana, tibetana, cristã... todas as que se possa imaginar, pois Tia Neiva deixou espaço aberto para acolher todos os espíritos possíveis. Por exemplo, algumas mulheres pertencem à falange helênica e se veste como gregas; outras pertencem a uma falange árabe e se vestem como odaliscas; outras se vestem como egípcias, outras parecem fadas medievais, princesas, etc., todas belíssimas, com roupas de muitas cores, lenços nos cabelos. Enfim, evoca-se toda uma espécie de corte, que lembra os salões europeus, mas que pode, também, lembrar um harém, um convento e ainda vários outros contextos históricos e sociais. Tudo disso está sendo lembrado ao mesmo tempo no Vale do Amanhecer. E os homens, que são os jaguares, usam umas capas marrons, que pode lembrar trajes da aristocracia, de um mestre iniciático, de um maestro e até mesmo evocar a capa do Drácula. É uma religião que desafia o nosso conceito do que é autêntico e do que é “kitsch.” ” (Carvalho, 1991: 18).

Também não pude me desvencilhar deste emaranhado de impressões nos primeiros meses de pesquisa. Porém, espero que consiga trazer uma contribuição para o entendimento do objeto etnográfico através da aplicação destas metáforas de Estado e política. Afinal, ainda como afirmou José Jorge “*Na medida em que é (uma religião) totalmente inventada, sem nenhum precedente conhecido, o Vale do Amanhecer demanda a reformulação dos parâmetros usados até agora para se compreender o que seja arte sagrada*” (Carvalho, 1991: 18).

1.1. O Vale do Amanhecer

A instituição “Obras Sociais da Ordem Espiritualista Cristã”, conhecida como Vale do Amanhecer, foi fundada em 1964, em Taguatinga, por Neiva Chaves Zelaya (1925-1985), a Tia Neiva. Mas encontra-se, desde 15 de Novembro de 1969, nas proximidades de Planaltina, a 45 Km do Plano Piloto. Hoje o Amanhecer compreende uma comunidade originada pela ocupação de antiga área da fazenda Mestre D’Armas, pelos primeiros fiéis da doutrina. No entanto, em contraste com a inclinação inicial, a comunidade compreende cerca de 22.000 habitantes, dos quais muitos não são seguidores. Hoje há mais de 600 extensões por todo o Brasil e em alguns países, totalizando 150.000 fiéis no templo de Planaltina e 500.000 somando os médiuns dos templos externos.

Toda a estrutura dos ritos, mitos, construções e hinos desta instituição de origem extraterrena – conforme os adeptos - foram passados a Tia Neiva, pelas visões que tinha de *Pai Seta Branca* desde 1958. Ele era um índio andino e é assim chamado porque, conforme o mito, enfrentou a invasão espanhola com uma única flecha, mas sem derramar uma gota de sangue. Fincou-a no chão e realizou um ritual que permitiu o sucesso das negociações com o grupo invasor. Os *Equitumans* (citados no mito original do Amanhecer) são um grupo que hoje faz parte do mundo negro e querem vingança da instituição. No passado, vivendo na região dos Andes, se revoltaram e desafiaram seus criadores extraterrenos. *Pai Seta Branca*, conduzindo uma nave interplanetária, provocou uma explosão que os matou e originou o Lago Titicaca.

A crença do Amanhecer fundamenta-se basicamente na existência de um mundo espiritual onde perduram os espíritos. Este é um espaço impalpável, que circunda o mundo ponderável, mas que também inclui a esfera dos astros ou o âmbito sob a terra. Assemelha-se a uma quarta dimensão que se sobrepõe à realidade (Mauss, 2000:146).

No entanto, os espíritos desta esfera influenciam a condição dos vivos em vários sentidos. De uma maneira benéfica, auxiliando-os quase imperceptivelmente, protegendo-os de circunstâncias inesperadas, ou prejudicando-os no cotidiano de cada qual. Sendo responsáveis por dificuldades financeiras, de saúde física, ou de relacionamentos interpessoais. Os primeiros são espíritos evoluídos, que superaram a condição do ser pelo

aperfeiçoamento moral e cármico. Os segundos são espíritos que não se permitiram continuar seu caminho evolutivo.

Os cultos do Vale baseiam-se na realização de rituais que auxiliam na cura espiritual dos pacientes. Aqueles em aflição e desespero, dirigem-se ao templo. O ritual de comunicação dos tronos² interpreta e alivia o estado do doente, orienta-o quanto a situações do seu dia-a-dia e sobre quais dos inúmeros rituais do Amanhecer deve ser atendido.

A função dos rituais é de desobsessão ou de reequilíbrio de padrão energético do paciente ou dos médiuns. Espíritos “desencarnados”, que permanecem na terra, são retirados daqui no conjunto de vários rituais que se completam. Neles, atendido e realizador recebem energias que equilibram os seus estados e que promovem alívios de suas condições.

O espírito mais fácil de ser retirado nos rituais é o sofredor ou também chamado de obsessor. Ele direciona-se a elementos materiais, mas pode aleatoriamente oprimir alguma pessoa, sendo dela retirado no ritual de tronos. No entanto, há os cobradores³ que objetivam uma pessoa específica. Estas qualidades justificam o tipo de trabalho espiritual que o paciente deve ser atendido, mas tal orientação é fornecida apenas no ritual de tronos.

Saliento, no entanto, que o ritual de tronos representa os primeiros alívios do sofrimento do paciente, mas não sua cura definitiva. Afinal, há duas explicações básicas sobre a sua condição. Seus problemas podem ser causados pela sua energia mediúnica acumulada por falta de trabalho espiritual, o que atrai espíritos sofredores. Ou porque está sendo cobrado por espíritos que o conheceram em outras vidas. Nos dois casos a cura definitiva ocorrerá se entrarem para o Vale do Amanhecer para participarem dos rituais adequados e manipularem sua energia.

A realização de todos os rituais depende do conceito de mediunidade. Esta é uma força quase imperceptível que todos possuem e que possibilita administrar energias de planos diferentes, ou permite que as várias dimensões do homem encontrem-se (Sassi, 1999:19). Graças a esta condição espiritual, energias positivas são atraídas para auxiliar médiuns e pacientes, assim como energias negativas são retiradas. Ou situações dos planos materiais e impalpáveis podem ser modificadas através dos ritos.

O Vale do Amanhecer considera outros importantes conceitos: o de desencarne, reencarnação e carma⁴. Todos os vivos são espíritos que nasceram novamente, ou seja, reencarnaram. Afinal, fizeram algo contra alguns de seus contemporâneos e devem ser

² Ver glossário.

³ Ver glossário.

⁴ Ver glossário.

cobrados por eles, até obterem seu perdão. Estas pessoas agora podem estar vivas ou mortas e são chamadas de cobradores. A morte, ou seja, o desencarne é o processo pelo qual o homem perde a posse de seu corpo, devido ao falecimento de seu sistema fisiológico. Dessa maneira seus mentores o consultam para ele decidir se vai aceitar continuar o seu processo evolutivo. Isto significa que, caso o espírito aceite dar continuidade a esse processo, ele subirá aos reinos espirituais - caso tenha superado seus carmas – ou reencarnará, como outra oportunidade para melhorar sua relação com seus antigos cobradores e, assim, aperfeiçoar sua qualidade moral – conceito de carma. Caso não continue sua evolução, ficará vagando na terra, como um espírito das trevas, até ser encaminhado ao plano espiritual adequado em algum rito do Amanhecer.

CAPÍTULO I

2. Panorama geral

O principal objetivo deste capítulo é descrever a situação do Vale do Amanhecer na atualidade para podermos pensar o efeito da crise no seu principal posto de comando sobre a presença do número de fiéis no templo. Ou seja, a disputa do poder da doutrina, que reúne elementos tão similares ao jogo político da ordem secular, poderia provocar a saída de vários adeptos da instituição, pois estes procuram uma prática institucional pacífica, baseada em rituais que valorizam a harmonia.

Naturalmente algumas histórias tiveram que ser destacadas. A fundação do Vale do Amanhecer por Tia Neiva, valorizou o seu envolvimento com o mundo espiritual de *Pai Seta Branca* e Umahã, tão necessário para construir toda a doutrina do Vale do Amanhecer. Da mesma maneira, a história de Santiago Caetano, neste momento, descreve a sua determinação em continuar participando dos rituais, imprescindíveis para a sua cura, em meio às perseguições sofridas pelos envolvidos nas disputas do topo máximo da instituição. As duas histórias valorizam o mundo das entidades, das hierarquias espirituais e dos perigos das ameaças de espíritos cobradores, presentes a todo o tempo.

2.1. Origem da doutrina

Neiva Chaves Zelaya⁵, a Tia Neiva, é a fundadora do Vale do Amanhecer. Nascida em Propriá, Sergipe, a 30 de Outubro de 1925, teve uma vida conturbada e cheia de

⁵ Informações sobre a origem da doutrina do Vale do Amanhecer são encontradas em textos escritos sobre o assunto (Galinkin, 1977), (Gonçalves, 1999), (Salgueiro, 2000) e em textos da própria instituição (Zelaya, 1992).

reviravoltas, até fundar a doutrina do Vale do Amanhecer em 1964, em Taguatinga, para, então, mudar-se para as proximidades de Planaltina em 1969.

Desempenhou profissões que dificilmente eram exercidas por mulheres naquela época. Após 6 anos da morte do marido, mudou-se para Goiânia em 1954, com quatro filhos, onde exerceu a profissão de motorista de lotação. Em 1957, foi morar no Núcleo Bandeirante, onde transportaria materiais para a construção da nova capital, como motorista de caminhão (Gonçalves, 1999:11).

Em 1958, situações peculiares começaram a ocorrer em sua vida. Neiva começava a ter persistentes visões e a ouvir diversas mensagens de entidades espirituais, por isso, passou a procurar ajuda médica e depois alguns centros espíritas de Brasília, até se estabelecer na “União Espiritualista Seta Branca” de Dona Nenê, com quem começou a realizar atendimentos espirituais. Em 1964, Neiva deixou o centro espírita, quando fundou as “Obras Sociais da Ordem Espiritualista Cristã”, para iniciar a doutrinação de espíritos que voltariam à Capela⁶ no início do terceiro milênio (Salgueiro, 2000:12).

Foi neste período que Mário Sassi⁷ entrou para a doutrina. Procurou o Vale do Amanhecer em um período de intensa depressão, tendo tentado suicídio algumas vezes. Tia Neiva disse-lhe que sua missão⁸ era ali no Vale. De fato, ele forneceu grande ajuda para a instituição porque fundamentava teoricamente os rituais que eram descritos por Tia Neiva, através de visões que tinha do espírito de *Pai Seta Branca*. Sassi tinha conhecimento de diversos assuntos, tais como filosofia, psicologia, química e escreveu muitos textos que explicavam os rituais do Vale do Amanhecer. Trabalhava na Universidade de Brasília como relações públicas em 1962 e iniciou o curso de Ciências Sociais. Em 1968, abandonou seu emprego para se dedicar a suas funções no Vale.

Dois personagens foram muito importantes durante a jornada de preparação espiritual de Tia Neiva: o espírito de *Pai Seta Branca* e o do Mestre Umahã⁹. *Pai Seta Branca* ajudava-a, sobretudo, na realização de suas curas e na fundamentação dos rituais, mantras, indumentárias, construções do templo e de outros lugares sagrados. O Mestre

⁶ Ver glossário.

⁷ Gonçalves (1999) desenvolveu uma análise que avaliou um estudo de Max Weber considerando vários tipos de lideranças, a partir das representações de Mário Sassi e Tia Neiva. Deste modo, o primeiro foi destacado em sua qualidade de intelectual e Neiva enquanto o seu carisma.

⁸ Ver glossário.

⁹ Ver glossário.

Umahã, ao contrário, estava vivo, morava no Tibet e explicava o mecanismo de funcionamento dos rituais e o complexo mundo espiritual quando Neiva entrava em transe.

Pai Seta Branca e Umahã orientaram-na em diversas situações. A história mais famosa aconteceu quando ela teve que negociar com representantes espirituais do Vale Negro¹⁰ para conseguir realizar seus rituais. Dirigiu-se até lá em transe. Quando ainda tinha o templo de Taguatinga, às 16:00 horas, em um local apropriado do cerrado, afastada do centro urbano. O espírito de *Pai Seta Branca*, então, preparou seu corpo para que pudesse estar em condições para deslocar seu espírito até onde as entidades encontravam-se. Deitou-se, já muito tonta, até sair do corpo conscientemente.

“Então, já no terceiro ano de conhecimentos ao lado de Umahã, segui até as cavernas a pedir paz e amor aos reis nos submundos. E assim o fiz. Me transportava e humildemente lhes pedia acordo, pois a nossa Lei não admite demanda (combate). Vou na presença de sete reis, que me tratavam com mais ou menos ferocidade, porém, eu resolvia com amor e muita timidez (...)”

(...) Entrei num suntuoso castelo, tudo era riqueza, e não me foi difícil saber que estava diante do trono de um suntuoso rei: Exú Sete Flechas. Dois grandes “homens” com pequenos chifres me seguraram pelo braço num gesto deprimente, enquanto o rei vociferava:

-É inofensiva! Traga-a até aqui! Já tenho conhecimento de seus contatos. – E virando-se para mim foi dizendo: sua pretensão é muito grande em querer acordo, quando não têm nem mesmo um povo para defender.

Não lhe disse nada, a não ser:

- Vou levantar um poder iniciático e quero fazer após vossa licença neste acordo, para que o seu povo não penetre na minha área.

-Já sei muito bem das suas intenções – disse ele – eu me comprometo de não penetrar em sua área, porém, antes vou fazer um teste com você, para lhe fazer sentir a minha força. (Zelaya, 1992:85).

O espírito ameaçou tirar todo o telhado da casa dela no dia seguinte. No entanto, como ela explicou em seu livro, isto apenas aconteceria se ela baixasse o padrão, ou seja, se não mantivesse boas virtudes. Apenas três anos depois, após ainda ter ido conversar com a mesma entidade e ela ter mantido suas ameaças, quando Tia Neiva sentiu um breve momento de fúria, seu telhado foi arrancado (*ibidem*).

Tia Neiva faleceu em 15 novembro de 1985 e Mário Sassi em 24 de dezembro de 1995 (Gonçalves, 1999:14). Após a morte da Tia Neiva, os quatro Trinos assumiram o Vale

¹⁰ Salgueiro (2003) analisou em sua dissertação a maneira como o afro-brasileiro é representado no Vale do Amanhecer em diferentes situações: nas falas, nas pinturas e na cosmologia, considerando, sobretudo, a hierarquia. A nomenclatura “Vale Negro” não implica uma relação pejorativa ao afro-brasileiro, mas o Vale atribui hierarquias às entidades espirituais e os Pretos Velhos estão na base desta classificação que privilegia o anglo-saxão. Além do mais, conforme Salgueiro, as entidades afro-brasileiras do Vale do Amanhecer estão representadas nas pinturas com as peles mais claras.

do Amanhecer: o 1º mestre Sol, Trino *Tumuchy*, na pessoa de Mário Sassi; o 1º Mestre *Jaguar*, Trino *Arakén*, Nestor Sabatovicz; o 1º Mestre Curador, Trino *Sumanã*, Michel Hanna; o 1º doutrinador¹¹, Trino *Ajarã*, Gilberto Chavez Zelaya. Mais tarde há dissidências entre Mário Sassi e os outros Trinos, o que o levou a abandonar o Vale do Amanhecer. Conforme alguns relatos, Mário Sassi achava que estavam mudando algumas orientações dadas pela Tia Neiva. Deste modo, os outros Trinos assumiram o Vale do Amanhecer. Informantes relataram que Mário Sassi saiu da doutrina, mais ou menos em 1987, fundando outro templo em Sobradinho, chamado Vale do Sol, com as mesmas características do Amanhecer, embora houvesse poucos frequentadores.

Tia Neiva e Mário Sassi não eram adeptos de uma religião, nem vinham se preparando para um chamado. Apenas passaram por períodos de dificuldades e a busca destas soluções conduziram-nos até o Vale do Amanhecer. No entanto, apesar de não terem ocupações em um contexto religioso, suas antigas funções foram de grande proveito para a doutrina. Tia Neiva exercia uma atividade que, nos anos 50, era ocupada sobretudo por homens e teve que estar à frente de uma instituição cujos postos de comando são significativamente masculinos. Talvez este seu caráter, associado ao respeito que tinham a sua mediunidade, tenha mantido as hierarquias do Vale dentro de padrões fornecidos pela espiritualidade. Mário Sassi exercia uma atividade intelectual muito intensa na Universidade de Brasília e estes conhecimentos foram significativamente aproveitados no Vale do Amanhecer com sua produção intelectual.

Além do mais, o grande mérito da preparação de Tia Neiva deve ser dada às entidades espirituais. Não podemos desconsiderar as contribuições de Mãe Nenên¹², mas o espírito de *Pai Seta Branca* e os encontros nos mundos espirituais com Umahã foram extremamente significativos para o desenvolvimento de sua paranormalidade, sua formação ético-moral e a construção do Vale do Amanhecer em seu contexto global (templo, rituais, cantos, indumentárias, mitos etc).

¹¹ Ver glossário.

¹² Mais detalhes sobre seus atendimentos na União Espiritualista Pai Seta Branca são fornecidos no livro “Autobiografia Missionária” (1992).

2.2. A Hierarquia

Podemos entender, portanto, que a hierarquia do Vale do Amanhecer é de grande significância, sendo estabelecida pelas entidades. Tia Neiva está à frente desta divisão.

Para Tia Neiva assumir a doutrina, ela teve que ser longamente preparada pela espiritualidade. Foi levada por naves intergalácticas, recebeu o conhecimento das entidades sobre o mundo espiritual e viu como era o planeta terra na sua concepção mística (Sassi, 2003). Foi orientada, ainda, por *Pai Seta Branca* e o mestre Umahã.

A hierarquia do Vale do Amanhecer tinha a Tia Neiva no seu comando. Ela era conhecida como Koatay 108¹³ nos planos espirituais e foi escolhida por seu passado mítico. Conforme sua representação cosmológica, de acordo com explicações de adeptos, ela tinha sido Nefertite e Cleópatra no Egito Antigo, a profetisa Pitya na Grécia Antiga e na Bahia do século XIX, Natasha, uma mulher muito respeitada entre os escravos pelas suas capacidades premonitórias. Os outros Trinos que estavam abaixo dela também tinham sua representação mítico-religiosa. Mário Sassi tinha sido Akhenaton, no Egito Antigo, marido de Nefertite. Nestor Sabatovicz e Michel Hanna também eram descritos como líderes de vários povos e participantes de diversas batalhas. O primeiro, por exemplo, foi o rei Leônidas que comandou exércitos espartanos na Grécia Antiga. Hanna tinha sido um rei de Atenas, também na Grécia Clássica.

Portanto, devido a este passado cosmológico, foi organizada a hierarquia do Vale do Amanhecer. A Tia Neiva estava à frente deste povo e abaixo dela na hierarquia estavam os trinos. Com exceção de seu filho, Gilberto Zelaya, todos os demais tinham sido escolhidos por *Pai Seta Branca*. Desta forma tínhamos, em ordem de hierarquia: Mario Sassi, marido de Neiva, 1º Mestre Sol, Trino *Tumuchy*; Nestor Sabatovicz, 1º Mestre Jaguar, Trino *Arakén*; Michel Hanna, 1º Mestre Curador, Trino *Sumanã* e Gilberto Zelaya, 1º doutrinador, Trino *Ajarã*.

Nesta época, o registro civil do Vale do Amanhecer destacava a Tia Neiva. De acordo com Galinkin (1977) a “Ordem Espiritualista Cristã” – o Vale do Amanhecer – tinha um estatuto, cuja presidência era regida por Tia Neiva, a Secretaria Geral por Mário Sassi e os cargos de Vice-presidente, 2º Secretário e Tesoureiro pelos filhos e genros de Neiva Chaves. A doutrina era registrada no Conselho Nacional de Serviço Social (registro:

¹³ Ver glossário.

252.415/70) e na Secretaria do Serviço Social do GDF (151/74). No entanto, Galinkin explicou que, na prática, quem tomava as decisões dos assuntos administrativos era Mário Sassi e as decisões gerais, formal e informalmente, eram realizadas pela Tia e Sassi.

Com a morte da Tia Neiva, Mário Sassi, seu marido, assumiu o Vale em seu lugar. No entanto, ele teve vários desentendimentos. Deste modo, abandonou a doutrina e fundou o Vale do Sol em Sobradinho. Faleceu em 1995.

Com a saída de Mário Sassi, Nestor Sabatovicz assumiu com pulso forte. Segundo o informante Marcos Antônio, Sabatovicz, no início, não era da doutrina. Fora encontrado por uma visão da Tia Neiva, que descreveu o lugar em que ele morava, sem ela nunca ter ido lá. Sabatovicz morreu em outubro de 2004 e a doutrina passou para o comando de Michel Hanna.

Ao assumir, Hanna disse que este seria o princípio de uma nova era. Conforme Marcos Antônio, esta poderia ser a era das grandes curas, pois era intitulado como 1º mestre curador e ele ajudou a reformar o local onde é realizado o ritual de cura. Porém, conforme eu mesmo pude acompanhar, Michel começou a fazer algumas mudanças que desagradaram o corpo mediúnico. Uma delas foi a de alterar as escalas de rituais e a de retirar alguns mestres¹⁴ dos comandos de alguns trabalhos, que tinham sido designados vitaliciamente pela Tia Neiva. Além do mais, o mestre Marcos Antônio, 30 anos, disse que muitos desconfiavam que por traz destas mudanças estava a decisão de sua esposa Nilza Hanna¹⁵, médium¹⁶ de incorporação¹⁷ e primeira de falange¹⁸. Segundo Marcos Antônio, esta situação desagradou imensamente a família Zelaya. Por isso, opuseram-se a Michel, pressionando-o a manter as suas decisões o mais próximo das realizadas originalmente pela Tia Neiva. Não conseguindo nenhum resultado, Raul Zelaya interditou o templo do Vale do Amanhecer no dia 10 de Abril de 2006, não permitindo que nenhum ritual fosse realizado neste dia. Segundo o jornal “Correio Braziliense” de 22 de Abril de 2006 era a primeira vez em 37 anos que o templo ficava sem realizar seus rituais.

¹⁴ Ver glossário.

¹⁵ Segundo Marcos Antônio, Michel Hanna pretendia consagrar sua esposa a representante de *Koatay 108*, ou seja, representante de Tia Neiva. Isso ameaçava diretamente o próprio *status* da família Zelaya.

¹⁶ Ver glossário.

¹⁷ O médium de incorporação é aquele que incorpora entidades. Incorporar, conforme o acervo *Tumarã* no tópico ‘incorporação’, é a capacidade que o médium possui de permitir ser utilizado por entidades em “toda sua totalidade”, ou seja, aceita que “seu cérebro, sua coordenação motora, sua voz, seus gestos” sejam meios para comunicação de entidades, que podem ser Espíritos de Luz ou entidades das Trevas – espírito sofredor ou obsessor.

¹⁸ Ver glossário.

O Trino *Sumanã*, mesmo tendo muitos a seu favor, abandonou o templo e foi para sua terra natal, o Líbano. No entanto, devido aos conflitos da região, em Agosto de 2006, o Trino voltou para o Vale, embora não reassumisse a sua antiga posição na doutrina.

Conforme constatei, neste momento, Raul Zelaya já estava no papel de Trino, no comando de toda a doutrina. O Trino *Ajarã*, Gilberto Zelaya, não se opôs, mesmo porque ele costuma cuidar dos templos externos e, em geral, gasta grande parte de seu tempo viajando a outros templos.

Em um Domingo, de Outubro de 2007, no ritual de anodização¹⁹, o único ritual que o Trino *Sumanã* ainda realizava, houve um fato insólito. No meio do trabalho, Michel Hanna, após ter feito o convite das forças, convidou a presença de *Pai Seta Branca*. Neste momento ele disse que estava desistindo das suas forças de Trino e queria ser apenas um doutrinador do Amanhecer. Logo em seguida, classificou duas pessoas como Trinos, que estariam abaixo dos Trinos Presidentes. Um destes era o filho de Gilberto Zelaya, conhecido como Nena. Na verdade, este é um filho que não tem bom relacionamento com Gilberto, por isso ele ficou muito insatisfeito. Depois disto, Michel saiu um tempo de cena. No entanto, surgiu um novo impasse: Michel Hanna queria o seu posto de Trino de volta, mas Raul Zelaya, que ficara em seu lugar, não admitia. Além do mais, este disse, ainda, que não aceitava os dois novos Trinos consagrados porque eles foram colocados nesta posição após Hanna ter desistido de suas forças.

A partir de então o Trino *Sumanã* começou a voltar à cena. Ele vinha aparecendo quase que diariamente nas entregas de energia do ritual de *estrela candente*²⁰. Entretanto, o Trino não tem realizado as distribuições das escalas e nenhuma função de comando.

O mestre Itamir explicou qual seria a hierarquia original deixada por Tia Neiva. Segundo ele, em ordem decrescente, tinha-se Mário Sassi (Trino *Tumuchy*), depois Nestor Sabatovicz (Trino *Arakén*), Michel Hanna (Trino *Sumanã*) e Gilberto Zelaya (Trino *Ajarã*). Estes formavam os Trinos Presidentes Triadas. Em seguida havia outros Trinos, que não eram presidentes, em número de quatro: Raul Zelaya, Albuquerque, Ataliba e Jairo. Abaixo deles estava José Carlos, o Trino *Tumarã* que substituiria um dos Trinos em caso de ausência de cada um, inclusive em caso de morte. Abaixo dele estavam os Trinos Herdeiros. Aqui estão os demais filhos e genros da Tia Neiva. No entanto, Itamir explicou que o mestre Barros, em 1983, convenceu Tia Neiva a colocar acima do Trino *Tumarã* os Trinos

¹⁹ Ver glossário.

²⁰ Ver glossário.

Herdeiros. Em seguida vêm os Arcanos²¹ de Povo e depois os Arcanos sem Povo. Finalmente abaixo destes estão os Ramas 2000.

2.2.1. Hierarquia de Gênero

O ritual de tronos possui características interessantes para se entender inicialmente a doutrina do Vale do Amanhecer conforme práticas sociais e gênero. Este é um ritual de comunicação, em que há um médium de incorporação sentado, incorporando, e outro em pé, atento com a qualidade da incorporação. O paciente senta-se ao lado do médium de incorporação para ouvir a mensagem. Todos eles são acompanhados pelos comandantes, que são aqueles que abrem os rituais. Este rito tem que obedecer às seguintes condições: não podem trabalhar juntos duas médiuns (uma de incorporação e outra de doutrina)²²; o médium de incorporação masculino não pode incorporar espírito feminino, porque era considerado muito deselegante para a época²³.

Apenas nestas descrições podem ser feitas as primeiras análises. De início, percebemos que o masculino é mantido preservado de impureza (Douglas, 1966). Enquanto isso, o feminino demonstra não possuir autonomia. Este deve estar sempre de alguma forma acompanhado por algum representante masculino, mesmo quando esteja de alguma forma com a sua consciência prejudicada – quando é um médium de incorporação. Para Hugo César Tavares (n/d) esta contínua desigualdade e subordinação do feminino diante do masculino se explica pelo funcionamento do mecanismo da linguagem, que também atua nas interações sociais.

Outra questão importante: apenas os médiuns doutrinadores – homens que não incorporam – podem realizar o comando dos rituais. Há, desta forma, uma limitação para esta função, conforme a mediunidade e o gênero. Desta maneira, a estrutura dos rituais privilegia o masculino no comando dos trabalhos e o feminino no de incorporação, pois nestes casos as adeptas não possuem quaisquer limites²⁴.

²¹ Ver glossário.

²² A determinação de duas adeptas não poderem trabalhar juntas no trabalho de tronos veio por parte de Tia Neiva, quando percebeu que muitas conversavam sobre assuntos banais durante as incorporações.

²³ Essa decisão também partiu de Tia Neiva, no início dos anos 70.

²⁴ As adeptas podem incorporar entidades masculinas ou femininas, sem qualquer restrição.

Como podemos observar, temos aqui construções sociais muito distintas dos corpos femininos e masculinos: ao médium são reservadas as qualidades de atenção, discernimento e aplicação da lei; às adeptas, as características de sensibilidade, de ternura e do desempenho da maior diversidade das incorporações. Por outro lado, o feminino é subordinado ao masculino. Esta minúcia permite que consideremos dois autores. A professora Rita Segato (1999), que cita Godelier para falar do mito da flauta roubada, em que a mulher era quem possuía a flauta, mas que foi posteriormente roubada pelo homem. Refiro-me aqui, ao maior destaque social dado à mulher no seu papel de incorporação, mas que logo é submetida ao comando de um doutrinador.

Esta tendência em manter o feminino submisso, permite-nos falar sobre outra autora: Helena Cixous. Em seu texto “*Castration or Decaptation?*” (1981), ela disse que o masculino participa do processo social de maneira ativa, como aquele que determina, aquele que participa da linguagem social, abdicando-se de emoções pessoais. Já o feminino, decapitado – como disse a autora –, abdica de suas necessidades pessoais e somente participa da linguagem social subordinada ao masculino.

Não podemos deixar de considerar agora no meio social a importância que algumas mulheres possuem conforme a informação de certos adeptos. Marcos Antônio explicou que por trás de várias decisões de Michel Hanna estava sua esposa Nilza Hanna, médium de incorporação, 1ª Franciscana. Muitos afastamentos de mestres de escalas de trabalho foram atribuídos a ela. Por outro lado, Nair Zelaya, esposa de Gilberto Zelaya, também foi considerada como a responsável por diversas decisões de seu marido, inclusive pela criação da falange²⁵ de *Aponaras*.

2.2.2. A origem da falange de Príncipes Maya

No tópico anterior, analisei a construção social de gênero. Para isso, procurei mostrar seus conceitos de mediunidade e incorporação, de performance ritual e as preocupações sociais quanto a esta questão. No entanto, houve um fato muito peculiar, no que se refere à homossexualidade.

²⁵ Ver glossário.

Sob orientação espiritual, no final dos anos 70, Tia Neiva fundou a falange de príncipes, que era formada originalmente por sete adeptos, em sua maioria homossexuais. O mestre Alberto, adjunto²⁶ *Yucatã*, foi convidado pela espiritualidade para assumir o comando de tal falange, mas ele não aceitou. Assim, a mestre Edélves foi convidada e assumiu. No entanto, ela estava contrariada e impôs respeito e formalidade por parte de seus integrantes.

Hoje, não há qualquer rejeição institucional quanto a esta questão, embora ela provoque constrangimento para alguns. Esta peculiaridade já havia sido abordada por outros autores, como por exemplo Moutinho (2005). Carlos Henrique Ferreira (26 anos) explicou que apesar de sua orientação homossexual, pode trabalhar naturalmente dentro dos rituais do Vale do Amanhecer, pois ninguém o repreende. Há ainda alguns adeptos mais antigos ou pessoas da comunidade que agem com preconceito. Mas isso não chega a incomodar.

A homossexualidade no Vale do Amanhecer não é uma doença que precisa ser curada, como observou em seu texto Natividade (1985), mas algo justificado por acontecimentos de outras vidas. Marcos Antônio relatou que dois rapazes homossexuais utilizavam uma capa diferente da maioria dos adeptos, por determinação de Tia Neiva, pois eles haviam sido almas gêmeas em outras vidas. Além do mais, quando ela tinha dores por causa de sua doença pulmonar, chamava-lhes para que a energia de suas mãos aliviasse suas dores. Isso provocava respeito no meio mediúnico.

No entanto, a orientação homossexual não é percebida durante a prática dos rituais, pois o adepto se coloca nos rituais dentro de uma disposição em que as diferenças estabelecidas entre masculino e feminino dependem das diferenças biológicas. Por isso, o travestismo deve ser abordado com cuidado. Marcos Antônio relatou situação em que uma travesti vestiu indumentária de *Nityama*, mas não teve permissão de entrar para a falange.

2.3. Episódios recentes

O foco das atenções estava sobre Michel Hanna, o Trino *Sumanã*, e Zelaya, o Trino *Yporã* até mais ou menos o final de 2008.

²⁶ Ver glossário.

Em Maio de 2008, o Adjunto Alufã, mestre Barros, juntamente com Hanna, decidiram realizar uma consagração²⁷ de Arcanos. A Tia Neiva não iniciou suas atividades no Vale do Amanhecer com a obtenção de todas as suas forças espirituais. À medida que ela ia superando seus obstáculos e suas dificuldades, ela ia obtendo mais energias, ia preparando novos rituais e ia subindo de hierarquia nos mundos espirituais. Foi assim que ela chegou ao máximo de sua classificação²⁸, a de Koatay 108. Quando isso aconteceu, foi necessário que novas hierarquias, abaixo dela, fossem criadas para que ocorresse um equilíbrio de forças²⁹. Deste modo, foram escolhidos os Arcanos, inicialmente por Tia Neiva e, após sua morte, pelos Trinos. Estes adeptos passam a representar os Arcanos, espíritos de grandes classificações. Sua superioridade é tamanha que presidem o universo e não ficam no planeta terra, eles apenas projetam suas forças. Apenas os adeptos masculinos podem ser Arcanos. A exceção era a mestre Edélves, consagrada pela Tia Neiva, mas que morreu em 2005. A última consagração até então aconteceu em 21 de Setembro de 2000, mas em 2008, Michel e Barros, em meio à crise, prepararam novas consagrações e convidaram uma centena de mestres. O ritual aconteceu no final do mês de Julho e seria no Turigano³⁰, mas dissidentes de Raul impediram que o rito acontecesse e ocorreu uma grande briga entre os dois lados. A polícia foi chamada. Barros realizou o ritual do lado de fora do templo e distribuiu diplomas a todos os consagrados.

Passado um mês após este ritual, Raul contra-atacou, consagrando os seus Arcanos. Os primeiros consagrados eram de Michel Hanna, em sua maioria, muito jovens, mas os seguintes, já eram antigos membros da doutrina. Isto causou certa sensação em todo o Vale. Os nomes foram mais selecionados e diversos adjuntos tiveram que citar os que mereciam esta graduação. Alguns médiuns esperavam por esta oportunidade há muito tempo e emocionaram-se quando descobriram terem sido selecionados.

A partir desse momento, o Vale do Amanhecer estava dividido entre os consagrados pelo Michel e os pelo Raul. No entanto, o filho de Tia Neiva – Raul Zelaya - percebeu que precisava oficializar sua presidência no Vale do Amanhecer, por isso, resolveu re formar o estatuto. No dia 19 de Março de 2009, após muita divulgação, ele organizou uma reunião

²⁷ Ver glossário.

²⁸ Ver glossário.

²⁹ Este assunto pode ser encontrado no “acervo Tumarã”, no tópico “Arcanos”. O acervo Tumarã é uma espécie de enciclopédia da doutrina do Vale do Amanhecer, preparada pelo mestre José Carlos, Adjunto Tumarã, contando com diversas contribuições de outros mestres, mas que não foi editado e não se encontra nem mesmo na internet, mas é distribuído em mídia entre aqueles que sentem necessidade de mais conhecimento sobre a instituição. Tive acesso a este acervo pelo informante Marcos Antônio.

³⁰ Ver glossário.

dentro da sala onde são assistidas palestras do grupo jovem, em frente ao templo, e fez uma espécie de consulta popular, verificando o apoio para a aplicação do novo estatuto. Muitos adeptos estavam de pé, pois não havia mais lugar. Ele pediu para aqueles que apoiassem o novo estatuto levantassem as mãos. Observou o resultado e disse que achava melhor que todos os favoráveis à mudança do estatuto ficassem de pé. Disse então que o estatuto havia sido aprovado por unanimidade e saiu da sala em meio à algazarra. A polícia foi chamada com antecedência e cerca de 10 carros estavam estacionados do lado de fora. Com a confusão, Policiais Militares deixavam à mostra suas armas. Mestres que apoiavam o Raul também estavam armados. Alguns adeptos aproveitaram a situação e filmaram o que puderam, para depois divulgar tudo pela internet³¹.

O estatuto dava todos os poderes a Raul Zelaya e a alguns adeptos que o apoiavam. A denominação da doutrina permanece a mesma, sendo chamada de “Obras Sociais do Vale do Amanhecer” (OSOEC), sob o registro de CNPJ/MF de número 00.580.738/0001-75. Conforme Artigo 56, alínea XII, o estatuto fora aprovado por unanimidade por Reunião de Assembleia Geral. Agora, a divisão da doutrina passa a ser a seguinte: O Trino principal é o Ypoará, Raul Oscar Zelaya, o filho mais novo de Tia Neiva; o Trino Regente, aquele que substitui as funções de Raul, é Tales Souza Ferreira; abaixo destes em ordem decrescente temos: Trino Regente Tumarã, mestre José Carlos; Trino Regente Aratuzo, Valdeck Caldas Braga; Adjunto Yumatã, Adjunto Caldeira; Adjunto Ypuena, Manoel Lacerda; Adjunto Muyatã, Pedro Izídio dos Santos; Adjunto Japuacy, Valdemar Ferreira; Representante Adjunto Yucatã, Manoel Rodrigues; Representante Adjunto Aluxã, Vandeli Elias; Representante Adjunto Marabô, José Saldanha; Representante Adjunto Amayã, Antônio Pereira; Representante Adjunto Cayrã, José Eurico e Representante Adjunto Umaytã, Nélio Fernandes. A hierarquia administrativa é a seguinte: Raul Oscar Zelaya, como Presidente da doutrina; Tales Souza Ferreira, Diretor Secretário; Hezen Ruy Soares, Diretor Tesoureiro; Manoel Rodrigues da Silva, Diretor Adjunto; Manoel Lacerda Feitosa, Diretor de Assistência Social; Décio Silveira Martins, Presidente do Conselho Fiscal; João Inocêncio dos Santos, Conselho Fiscal; José Augusto da Silva, Conselho Fiscal; Valter Silva, 1º Suplente do Conselho Fiscal; Francisco José Moraes, 2º Suplente do Conselho Fiscal; Reginaldo Fonseca da Silva, 3º Suplente do Conselho Fiscal. Um detalhe muito importante é que o Artigo 29, da Seção III – Da Presidência e da Diretoria – prevê que os cargos de Presidência, 1º Vice-Presidente, 2º Vice-Presidente e 3º Vice-Presidente são vitalícios.

³¹ Imagem presente no Youtube até 19 de Setembro de 2009. (http://www.youtube.com/watch?v=baiN34Sw_8&feature=related)

Ademais, a OSOEC passa a ser uma associação e este estatuto delega poderes aos membros da mais alta hierarquia da doutrina a suspender ou excluir membro associado que descumpra decisão do Presidente ou que seja considerado insubordinado contra as decisões internas da diretoria. Além do mais, é atribuição do Presidente fazer o movimento financeiro da doutrina. Isto implica dizer que Raul, mesmo não tendo qualquer apoio dos membros da instituição, implantou um estatuto que lhe atribuía plenos poderes sobre a movimentação financeira da doutrina, sobre seus opositores, bem como tornou ilegal a sua substituição por meio de novas eleições.

Perguntei a Marcos Antônio sobre a origem dos recursos financeiros do Vale do Amanhecer. Respondeu-me que este dinheiro vem das lojinhas que vendem produtos da instituição. Continuei insistindo sobre esta questão, porque estes recursos não responderiam sobre as reformas que estão acontecendo em todo templo há mais de 10 anos. Falou então que o Vale sobrevive por causa das doações, que são feitas para Carmem Lúcia Zelaya³², em seu salão de costuras. Lá tem um livro, “o livro de ouro”, que mostra todas as doações e os nomes de seus respectivos doadores. Assim, conforme o estatuto, Raul Zelaya tem o direito de fazer a movimentação deste dinheiro.

O seu estatuto procurava também conseguir poderes sobre funções que eram exercidas tradicionalmente por seus opositores. O mestre Barros, por exemplo, orientava Michel Hanna para que ele garantisse muitos de seus direitos por meio da aplicação da justiça. No entanto, Barros era o primeiro mestre Devas³³, Adjunto Alufã, juntamente com mestre Fróes, Adjunto Adejã, ambos escolhidos por Tia Neiva e tinham a função de guardar os arquivos de classificações dos mestres, bem como fornecer, por meio de rituais, os nomes de cavaleiros³⁴, de guias missionárias, de povos³⁵, entre outros. Assim, o novo estatuto, Artigo 56, alínea II, passa a ser “*de competência exclusiva do Presidente da OSOEC: II – Presidir o sistema de consagrações exercidos pelos Mestres DEVAS, inclusive com a indicação do mestre Devas responsável pelas consagrações no Templo Mãe*”. Deste modo, Barros é destituído de sua função e a salinha dos Devas passa a ser fechada com um tapume.

Outros mestres também são retirados de suas funções ou impedidos de comandarem rituais. O estatuto prevê ainda no Artigo 16 que qualquer um que descumpra as decisões do estatuto ou do Presidente pode ser suspenso ou excluído da doutrina. Além do mais, decreta

³² Tia Neiva teve quatro filhos: Gilberto Zelaya, Carmen Lúcia Zelaya, Raul Zelaya e Vera Zelaya.

³³ Ver glossário.

³⁴ Ver glossário.

³⁵ Ver glossário.

que quem determina as escalas de trabalho é o Presidente da OSOEC. Deste modo, Raul Zelaya proibiu que qualquer Arcano consagrado pelo Michel Hanna não poderia realizar o comando de nenhum ritual dentro do Templo, nem concorrer a escalas, como as dos rituais de Estrela Candente ou Quadrante³⁶. O adjunto Janatã, mestre José Luis, era o responsável por organizar tais escalas, no entanto, conforme o mestre Marcos Antônio, ele assumiu diante de Raul Zelaya que não realizaria as escalas da maneira como ele queria, por isso José Luis foi afastado de sua função. O mestre Éfren, representante do 1º Cavaleiro da Lança Vermelha, também foi afastado dos comandos do *Alabá*³⁷, atividade que tinha sido determinada pela Tia Neiva, e hoje ele não tem mais aparecido no Templo do Vale do Amanhecer de Planaltina. Santiago Caetano comentou que, quando quer participar do ritual de Estrela Candente, ele observa se o comandante do ritual parece saber como realizá-lo, porque agora poucos escalados para o comando são capazes de realizar um rito de qualidade.

Outro artigo também causou muita polêmica. Mestre Marcos Antônio explicou-me que o Artigo 55 foi um dos que repercutiram mais e foi um dos principais pontos que provocaram um racha entre Raul Zelaya, Trino Ypoarã, e seu irmão mais velho, Gilberto Zelaya, Trino Ajarã. Tal artigo prevê a elaboração de Regimento Interno que *“consolidará rigidamente o Sistema Doutrinário, vigente no Templo do Vale do Amanhecer em Brasília-DF, no que tange a sua aplicação, administração, execução, manutenção do Acervo Litúrgico e Literário em qualquer formatação das Leis e Chaves Ritualísticas, estendendo o controle administrativo doutrinário para todos os “Templos” que estejam professando, difundindo e aplicando o Sistema Doutrinário materializado no Vale do Amanhecer no todo ou em parte em qualquer localidade do País ou do Mundo”*. Complementa no parágrafo 2º que *“Os ‘Templos’ que não acatarem a determinação do Presidente da OSOEC serão proibidos sob as penas da lei, de utilizar no todo ou em parte o acervo litúrgico, literário, ritualísticos, denominações, terminologias, ensinamentos, simbologia própria, práticas, bem como o uso de vestes e adornos inerentes à Doutrina do Amanhecer”*. Elaboração deste artigo era uma afronta contra Gilberto Zelaya, responsável pela fiscalização, pela aplicação das leis doutrinárias em Templos externos e pela realização dos rituais de consagração dos adeptos nestes locais, devido determinações da Tia Neiva.

³⁶ Ver glossário.

³⁷ Ver glossário.

2.3.1. Reações

Naturalmente, as situações que aconteceram não poderiam deixar de provocar algumas reações. As perseguições contra os Arcanos consagrados pelo Michel Hanna e a possibilidade de Raul Zelaya vir a ter domínio sobre os Templos externos foram determinantes para podermos entender o Vale do Amanhecer deste princípio de Setembro de 2009.

Após as consagrações de Arcano promovidas por Michel e Barros, iniciaram-se algumas situações de discórdia dentro do Templo: Raul Zelaya tinha dado ordens para que estes consagrados não realizassem qualquer ritual em que houvesse emissão³⁸ dentro do Templo. Deste modo, muitos Arcanos, acompanhados de alguns amigos e familiares, foram se afastando do Templo de Planaltina para trabalharem nos externos, como Céu Azul, Brasilinha, Formosa, que são os mais próximos de Brasília. A situação tornou-se mais visível em Abril deste ano, quando pude verificar que até mesmo rituais de *Angical* e Sessão Branca³⁹ tiveram redução de médiuns, porque os adeptos envolvidos nas discussões estavam indo para Formosa. No ano passado, segundo Marcos Antônio, aconteceram algumas trocas de socos durante o ritual de Leito magnético⁴⁰, envolvendo os recém consagrados Arcanos. Além do mais, disse-me que muita gente vinha comentando que algumas pessoas armadas estavam descendo para o Templo. No entanto, estas variações no número de adeptos são mais percebidas em momentos de maiores conflitos, assim que as crises tornam-se menos claras mais médiuns participam dos rituais no templo mãe.

Ademais, muitos mestres que tinham sido afastados pelo próprio Raul Zelaya, como o Adjunto Alufã, mestre Barros, e o representante do 1º Cavaleiro da Lança Vermelha, mestre Éfren, decidiram abrir um Templo em Samambaia. Este, atualmente, já está realizando alguns atendimentos. O mestre Gilberto Zelaya, mestre Ajarã, responsável pelo bom funcionamento de Templos externos, autorizou a construção deste novo templo.

Depois da aprovação do estatuto de Raul Zelaya em março de 2009, Gilberto Zelaya passou a preocupar-se com a possibilidade de seu irmão interferir em seus trabalhos. Por isso, começou a proibir que presidentes de Templos externos participassem de escalas de trabalho no Templo mãe. Isso faria com que os rituais de Estrela Candente realizados no

³⁸ Ver glossário.

³⁹ Ver glossário.

⁴⁰ Ver glossário.

templo mãe pelos templos externos, nas Terças e Quintas-Feiras, ficassem bem vazios. Embora ainda alguns ônibus de templos externos continuassem vindo, a partir do mês de Agosto de 2009 pararam de chegar. Há poucas Estrelas construídas em outros lugares do país, isto obriga muitos adeptos a irem até o templo de Planaltina para participarem deste ritual. Em Planaltina, havia uma escala de trabalho para os templos próximos de Brasília participarem deste ritual. A partir de 2009, Gilberto Zelaya, com ajuda dos presidentes de templos externos, comprou um terreno próximo ao templo de Formosa para construir uma Estrela que substituirá a importância da Estrela de Planaltina para os adeptos de fora. Nos meses de Junho, Julho, Agosto de 2009, embora todos os mestres de Planaltina tivessem sido convocados por Raul Zelaya para participarem do ritual de Unificação⁴¹, este não aconteceu por falta de médiuns. São necessários cerca de 200 mestres para que o ritual ocorra.

Em Agosto de 2009, Gilberto Zelaya convocou todos os presidentes de templos externos a uma reunião no Vale do Amanhecer de Planaltina, sob a ameaça de perderem seus templos em caso de ausência. O seu objetivo era demonstrar apoio para a aprovação da CGTA (Coordenação Geral dos Templos Externos), ou seja, a criação de nova pessoa jurídica que oficializa a independência dos templos externos em relação à matriz do Vale do Amanhecer, que estava ao comando de Raul. Em nota divulgada pela internet, no site www.valedoamanhecer.com⁴² o Trino Ajarã, mestre Gilberto Zelaya, fez uma retrospectiva histórica dos últimos acontecimentos para justificar a autonomia dos templos externos em relação ao templo mãe⁴³, o de Planaltina, e destacou sobretudo as perseguições e os afastamentos promovidos por Raul. Neste período foram realizadas duas Unificações, uma marcada pelo Raul Zelaya, Trino Ypoarã, no dia 03 de Setembro, Quinta-Feira às 22:00 horas e outra por Gilberto Zelaya, Trino Ajarã, no dia 06 de Setembro, Domingo, às 22:00 horas. Os adeptos disseram que as duas foram realizadas. A primeira, apesar de ter sido marcada por Raul Zelaya, teve grande participação de adeptos dos templos externos e a segunda, teve uma participação ainda maior.

⁴¹ O ritual de Unificação acontece uma vez por mês no Solar dos médiuns, um local que apresenta um conjunto de construções, tais como pirâmide, lago artificial e cachoeira, estando a um quilômetro do templo. Este ritual acontece no período de lua cheia e pode ocorrer à noite ou durante o dia.

⁴² http://www.valedoamanhecer.com/docs/cgta_explicacoes.pdf

⁴³ Os médiuns geralmente usam esta denominação para se referirem ao templo de Planaltina.

2.4. As expectativas dos adeptos

No entanto, essas decisões autoritárias podem ser preocupantes quando provocam dificuldades para interesses genuínos da própria doutrina, ou seja, dificultam os próprios objetivos de *Pai Seta Branca*.

Os fiéis explicam que Raul Zelaya não é o primeiro a tomar decisões unilaterais. Nestor Sabatovicz já havia retirado muitos adeptos de algumas funções. Marcos Antônio disse que João do Vale, um médium que era da época da Tia Neiva, tendo assumido a função de regente de falange aos 16 anos, foi afastado das aulas de doutrinador porque teve algumas discordâncias com Sabtovicz. Ele não foi o único. Michel Hanna também retirou alguns de funções que eram exercidas vitaliciamente, promovidos pela própria clarividente. O mestre Nélio, que comandava o ritual de Julgamento todos os sábados, foi afastado por Michel, assim como muitos que também estavam na mesma condição. Isto inclusive provocou muitas insatisfações e até mesmo alguns apoios para a sustentação do poder de Raul Zelaya. Situações como estas provocaram problemas de relacionamentos, divisões entre adeptos e falta de credibilidade para a realização de alguns rituais.

Marcos Antônio comentou uma situação importante. Segundo ele, Tia Neiva vinha preparando os mestres para a chegada de espíritos de Grandes Iniciados. Porém, até o “desencarne” (a morte) de Tia Neiva, estes espíritos ainda não tinham chegado. No período de Mário Sassi, a mestre Edélves tinha percebido na Cultura do Pai, (ritual de preparação dos médiuns de incorporação para receberem *Pai Seta Branca*), que espíritos de novas hierarquias estavam sendo incorporados, apresentando nomes referentes a civilizações Caldéias, Persas, monges orientais, entre outros. Nestor Sabatovicz não admitiu estas incorporações e as nomenclaturas destes espíritos, opondo-se firmemente aos interesses de Mário Sassi de permiti-las. Este, mais tarde, quando veio a fundar o Vale do Sol, aceitou estas manifestações espirituais e, segundo Marcos Antônio, existem comunicações de entidades de luz⁴⁴ completamente diferentes das do Vale do Amanhecer, pois princesas e entidades de outras civilizações conversam, enquanto no Vale a prioridade é dada aos Pretos Velhos⁴⁵.

Por isso, Marcos Antônio continuou dizendo que, nestes casos, alguma reviravolta pode acontecer. Quando as entidades percebem que os adeptos, principalmente os de alta

⁴⁴ Ver glossário.

⁴⁵ Ver glossário.

hierarquia, criam novos carmas, em vez de os aliviar, ou seja, em vez de solucionarem-os para assim poderem evoluir e ir para outros planos espirituais, entidades de luz preferem interromper suas vidas. Devido à lei de ação e reação e, pelo que fizeram no passado de outras vidas, adeptos passam por dificuldades repetitivas, até superarem estas cobranças cármicas⁴⁶. No entanto, podem adquirir novas cobranças nesta vida. Assim, entidades de luz consideram que é melhor estes adeptos permanecerem com seus carmas parcialmente resolvidos do que completamente comprometidos ou aumentados, por isso, interrompem suas vidas. Marcos Antônio considerou este como sendo o motivo do ‘desencarne’ de Nestor Sabatovicz que dificultava a realização de interesses da espiritualidade.

Além do mais, quando há perpétuas desavenças, adeptos desconfiam da possibilidade de vir a ocorrer outros acontecimentos ainda mais funestos. Marcos Antônio explicou que a espiritualidade vai permitindo que o fiel aja a seu bel prazer, esperando um momento em que ele vai começar a melhorar a sua condição ética e moral. Quando não há qualquer possibilidade de recuperação daquele jaguar, o Cavaleiro da Lança Negra, também conhecido como Chapanã, pode levá-lo em espírito, ou seja, ‘desencarnado’, para as cavernas, o vale negro⁴⁷, onde foi adquirido em leilão. Quando perguntei a Marcos Antônio sobre este espírito, respondeu-me sobre ele com restrições, falando seu nome com certo tabu. Perguntei sobre esta entidade ao pintor Vilela, o que foi escolhido pela Tia Neiva para realizar as pinturas das Entidades do Vale do Amanhecer, disse que recebeu autorização de Chapanã em Abril de 2009 para pintar sua imagem, mas apenas fizera isso no dia 02 de Novembro, o que provocou várias visitas a sua sala, pois a pintura foi divulgada em uma gigantesca dimensão de 2 metros de altura⁴⁸, cercada de tabus⁴⁹.

⁴⁶ Cf. acervo Tumarã, no tópico ‘carma’.

⁴⁷ Ver glossário.

⁴⁸ A imagem de Chapanã é a de um cavaleiro forte usando roupas negras, assim como capa e espada escuras. Apesar de Vilela ter dito que seu rosto não tinha sido visto, mas apenas seus olhos brilhantes, fez uma silhueta para representar sua fisionomia. A imagem apresenta asas e suas mãos são negras. Vilela explicou que as asas se devem a ele ser um arcanjo e que suas mãos podem ser escuras devido ao uso de luvas. Um adepto disse que ele não mostra o rosto porque foi condenado a morrer queimado por ter sido acusado injustamente pela morte da esposa. Esta narrativa explica ele ser o agente da justiça.

⁴⁹ Vilela pediu-me para não divulgar a imagem na dissertação. Preferi respeitar-lhe sua vontade, colaborando para aumentar a curiosidade sobre sua obra.

2.5. Santiago Caetano (Joston Bispo Cruz)

O mestre doutrinador Santiago Caetano, pseudônimo de Joston Bispo Cruz, entrou no Vale do Amanhecer ainda na época em que a Tia Neiva era viva. Segundo ele, não era verdade que ela ficava conversando e orientando todos que se dirigiam ao Vale do Amanhecer. Em geral, ela dizia: “coloca o colete e trabalhe”. Essa é a grande necessidade do médium. Nesta época, ele ia aos rituais com certa regularidade, mas não como o faz hoje.

Nasceu em Ibiritaitaia, interior da Bahia, próxima de Itabuna, em 1950. Aos 9 anos, já em 1960, veio a Brasília com sua família. Seu pai trabalhava na construção civil. Santiago começou a ajudá-lo aos 10 anos de idade. Na década de 60 também foi trabalhar na construção civil, mas sofreu um acidente que o aposentou. Embora seu sonho sempre fora ingressar no meio artístico, não obteve sucesso. É separado e possui dois filhos: Malena (21 anos), que mora em Campinas e Ariano (19 anos), que trabalha na Marinha.

Ele é membro da doutrina desde 1971. No entanto, no início de 1998, Santiago decidiu passar uma ou duas semanas, no máximo, na cidade do Vale do Amanhecer, porque se sentia, em diversas situações, ameaçado por pessoas estranhas ao seu convívio. Todavia, já está ali há dez anos, participando frequentemente dos ritos e, em algumas semanas, chegou a participar deles até diariamente. Nesse período as entidades incorporadas orientaram-no a permanecer no Vale do Amanhecer, pois se saísse correria algum risco de vida. Mudou-se então, para o Vale, tentando participar do maior número de rituais tanto quanto possível para poder sair desta condição. Realizou muitas *escaladas*, *Quadrantes* e *retiros*⁵⁰. Assumiu diversas prisões e comandou outros inúmeros trabalhos no templo. Algumas vezes, desobedeceu às orientações das entidades. Afinal, ele tinha que receber seu salário no banco localizado em Planaltina. Deste modo, saía do Vale e quando chegava na agência bancária tinha um esquecimento quase que generalizado. Assim, não conseguia se lembrar de sua senha, ou mesmo do que ia fazer com o dinheiro. Após mal conseguir retirar o ordenado do caixa eletrônico, ele voltava para casa sem comprar qualquer produto de sua necessidade. Apenas quando atravessava os portões do Vale, conseguia lembrar-se de tudo que faria quando pegasse o dinheiro.

⁵⁰ Ver glossário.

Santiago parece não gostar muito de hierarquias. Explicou-me que não gostaria de ter que pedir a um mestre para poder participar do grupo de um adjunto e desta forma ter a autorização de comandar um trabalho. Afinal, apenas os mestres que são *Janatãs*, tendo previamente autorização para pertencer a tal grupo, é que podem participar da escala de comando de trabalhos. No entanto, caso não participe da escala, ele pode comandar algum ritual, quando o mestre escalado falte. Naturalmente isso acontece algumas vezes.

Durante muitos anos Santiago realizou diversos trabalhos espirituais sem se preocupar em atualizar suas consagrações. Receber as consagrações significa que o adepto passa a adquirir condições espirituais e até físicas de receber mais energias nos rituais. Assim, ele passa a ser classificado diferentemente a cada nova consagração e passa a lidar com espíritos ainda mais fortes. Deste modo, o médium pode ter que enfrentar dificuldades ainda maiores. Como sua função é elevar estes espíritos que fazem parte de sua condição cármica, isto significa que ele terá que realizar ainda mais rituais, para conseguir elevá-los. Antes da morte da Tia Neiva, ela realizava o ritual de reclassificação⁵¹. Deste modo, determinava se o adepto possuía condições de mudar sua classificação e receber novas energias. Hoje os Devas têm a função de realizar este ritual. Ou seja, atualmente, os critérios para reclassificar um mestre dependerão da “intuição” do mestre Devas – que considerará se o médium pode estar no seu momento de reclassificação - e do tempo de doutrina do médium. O mestre Santiago fez muitas inimizades no Vale do Amanhecer. Ele costuma ser muito rigoroso nos rituais, conhece outras doutrinas filosóficas e religiosas, o que desagrada a muitos. Como havia muito tempo que não participava de tal consagração, as entidades começaram a pedir-lhe para participar do ritual, pois alguns espíritos precisavam ser elevados. Apenas com o pedido dos Pretos Velhos o mestre aceitou participar do ritual. No entanto, no momento em que Santiago realizava sua consagração, o mestre Devas, responsável pelo ritual, disse que ele teria de esperar um pouco mais para se reclassificar. Então Santiago respondeu-lhe: “Tudo bem. Estou aqui por causa de uma orientação das entidades. Elas me disseram que estava na hora. Se você disse que não está na hora, então quem vai ter que arcar com as consequências não sou eu”. Após isso, virou-se tranquilamente. O mestre Devas chamou-lhe e o consagrou.

Daí pra frente tudo ficou bem mais difícil. Começou a ficar mais doente; não podia tomar medicamentos, pois muitos deles faziam-lhe mal; passou a sentir dores nas costas, que ele dizia serem problemas nos rins; já teve febres prolongadas quando participava de uma

⁵¹ Ver glossário.

prisão⁵², mas foi conversar com um Preto Velho no ritual de tronos, o qual lhe disse para continuar ritual. Santiago não entendeu, mas obedeceu ao pedido. Neste momento, sua febre diminuiu e ele foi até o fim do rito. Contou-me que esses males eram consequências da adaptação de seu corpo às energias que estavam chegando.

No entanto, no final do ano de 2007 os Pretos Velhos fizeram uma orientação diferente para Santiago. Ele já vinha ficando impaciente, dizendo que queria sair do Vale do Amanhecer e morar em uma cidade menor, para viver do comércio ou de massagem terapêutica que ele estuda há tanto tempo. Até que os Pretos Velhos pediram pra ele assumir uma prisão, dizendo que ele teria uma surpresa. Em Janeiro, finalmente, ele estava liberado, depois de mais de dez anos. Então ele fez três viagens. Visitou a filha em Campinas; foi para um templo externo do Amanhecer no sul da Bahia; depois foi para outro templo nestas proximidades. Nesse momento uma entidade lhe disse para se preparar para assumir um templo externo. Agora, no mês de Julho, de volta ao templo de Brasília, o mestre tem recebido sucessivas orientações a este respeito e sua condição moral tem sido mais vigiada. No mês de Junho do ano de 2008, ele respondeu a uma mulher que o ofendeu dentro do templo e teve que assumir uma prisão, a pedido de um Preto Velho, que disse que ele estava falando demais. Durante esta prisão muitos mestres graduados ofenderam-lhe todo o tempo e Santiago teve que se calar para não arranjar mais um carma, com mais pessoas.

Deste modo, já achando que iria finalmente sair do Vale do Amanhecer ouviu uma mensagem de um Preto Velho. Em Maio de 2008, quando estava terminando um trabalho no ritual de tronos, a entidade disse-lhe repetidas vezes e com muita ênfase, para que ele “corresse atrás” do que era dele. Santiago não entendeu a mensagem naquele momento, nem conseguiu esclarecimentos, mas a entidade garantiu-lhe que ele iria entender na primeira oportunidade. Quando ele saiu do templo, viu o mestre Barros conversando com outro mestre sobre a consagração de Arcanos que iria ocorrer em Julho do mesmo ano. Santiago entrou na conversa e quis saber detalhes sobre o ritual. Lembrou da mensagem da entidade e pressionou o mestre Barros para ter seu nome na lista de Arcanos. Após conversar com Michel Hanna teve a confirmação de que seria consagrado e no final de Julho de 2008 participou do ritual, em meio a muita confusão, pois Raul não permitiu a utilização do Turigano para realizar o rito. Aconteceram trocas de socos e a consagração aconteceu no pátio, com a presença da polícia.

⁵² Ver glossário.

Depois deste ritual ocorreram algumas dificuldades para ele participar de outros rituais. O trino Raul Zelaya não reconhecia aqueles como Arcanos, pois como Michel Hanna, o trino Sumanã, havia abdicado das forças de trino, ele não poderia também consagrar Arcanos. A partir de então, os consagrados eram proibidos de comandar qualquer ritual dentro do templo em que houvesse realização de emissão, pois, conforme Zelaya, esta não traria força alguma.

De acordo com Santiago, quando ele participou de outro trabalho de tronos, a entidade disse que ele precisava ter recebido aquela consagração. O Preto Velho explicou-lhe que o ritual foi realizado, as energias foram movimentadas e hoje ele é um Arcano. Contou-lhe ainda que Koatay 108, que seria o espírito da própria Tia Neiva, participara do ritual e tinha ficado muito triste com tudo que aconteceu. Explicou-lhe também que ele precisava mudar sua classificação de forças, pois iria precisar de toda esta energia mais pra frente. Mais tarde ficou sabendo que ele teria que ajudar uma adepta recém inserida na doutrina e que as energias que ela precisava movimentar eram tão fortes que apenas com a ajuda de Santiago isso aconteceria. Disse-me que muitas vezes participou de *escaladas* e *Abatás*⁵³ com ela e que umas duas vezes a adepta havia escapado de ser assaltada no caminho que fazia quando saía do Vale e voltava para casa. Ela é médium de incorporação e funcionária da Caixa Econômica Federal. Sua condição espiritual era vista com cuidado pelo mestre Santiago, afinal, enquanto ela assumia uma prisão, seu pai morria vítima de um assalto. Por isso, outra entidade contou-lhe que ele deveria ajudá-la o quanto fosse possível.

Mestre Santiago Caetano continua realizando diversos rituais. Os que ocorrem dentro do templo, ele os desempenha com grandes restrições, afinal, tem de enfrentar retaliações que vão desde olhares até impedimentos declarados quando ele se prepara para participar de certos rituais. Isso tudo acontece por parte de adeptos que apóiam Raul Zelaya. No entanto, tem conseguido participar dos tronos e *Abatá*⁵⁴, sendo que este acontece do lado de fora do templo. Disse até que costuma participar em cerca de 21 a 27 *Abatás* por semana. Certa vez pude acompanhá-lo em um destes rituais. Pude perceber sua maneira de se relacionar e de realizar um comando. Quando foi montado um *Abatá*, um mestre de um templo externo de São Paulo, presente na fila do ritual, dirigiu uma pergunta aos mestres em

⁵³ Ver glossário.

⁵⁴ O ritual de *Abatá* é realizado no meio da cidade do Vale do Amanhecer e tem a função de transformar forças negativas, presentes sobretudo em encruzilhadas, em energias positivas. Os mestres devem sair a partir das proximidades do Turigano em uma fila que deve conter em geral 5 pares de adeptos, sempre homens com mulheres e médiuns de incorporação com doutrinador e se dirigirem à encruzilhada que desejarem. No local determinado vão se disponibilizar em forma de uma elipse e todos, cada qual na sua vez, farão sua emissão e canto.

geral. Santiago, comandante daquele *Abatá*, virou-se e respondeu com certa firmeza, o que o mestre interpretou como sendo um modo agressivo de falar, por isso, reagiu. Santiago não se perturbou e continuou explicando a pergunta, com mais amenidade. Enquanto se dirigiam para a anodização, o mestre *Ajanã*⁵⁵, que deveria ficar atrás de Santiago, foi para o terceiro lugar na fila. No momento que pegariam o sal e o perfume, Santiago percebeu e corrigiu o erro. Verifiquei que o mestre de São Paulo observou a situação, mas que não tinha percebido o acontecido até aquele momento. Partiram então para a realização do ritual. Santiago foi bem preciso nas palavras convidando as forças do “Divino Mestre Lázaro⁵⁶” e de “Ciganos espirituais”. No fim do ritual, o mestre paulista cumprimentou-o e disse que aprendera muito naquele *Abatá*.

Santiago contou ainda outra história sobre um de seus *Abatás*. Em Maio de 2009, ele ia participar de um no turno da manhã e, na sua fila, havia um mestre que costumava persegui-lo dentro do templo, a mando do Raul Zelaya. Ele aproximou-se de Santiago, porque seria o comandante do ritual, e solicitou-o para pedir por sua mãe que estava na UTI. Santiago orientou-o para anotar em um papel o nome completo e a idade dela e, então, partiram para a realização do ritual. Após abrir o *Abatá* e ter realizado sua emissão e canto, Santiago começou a ler mentalmente o nome da mãe do rapaz, até o fim do *Abatá*. Encerrado o ritual, o jovem agradeceu-lhe. Passado um tempo, já no final da manhã o rapaz foi até Santiago com bastante entusiasmo, abraçou-lhe e agradeceu-lhe muito, dizendo que sua mãe tinha saído da UTI fazia uma hora, ou seja, ela estava tendo melhoras no momento da realização do rito. Santiago atribuiu a cura à realização do ritual, não ao seu comando e disse que o mestre parou de persegui-lo depois disso.

Contou-me ainda que participou de um *Angical* em Julho e que o espírito responsável por sua condição esteve presente neste dia. Esta entidade contou que era o responsável por tudo que ele vinha passando, por não ter amigos e por todas suas dificuldades. Era este o espírito responsável por ele estar há mais de 10 anos na cidade do Vale do Amanhecer. Neste dia Santiago conseguiu realizar a sua elevação⁵⁷, acreditando que sua condição teria melhoras.

Santiago Caetano não me contou o que aconteceu no seu passado de outras vidas para merecer mais de 10 anos de perseguição. Apenas explicou-me em outros momentos que um Preto Velho disse-lhe que ele tinha sido um General egípcio e que lutava com muita

⁵⁵ Ver glossário.

⁵⁶ Ver Glossário: “*Legião do Mestre Lázaro*”.

⁵⁷ Ver glossário.

coragem na frente de todas as batalhas. Disse-lhe que sua grande qualidade era nunca tirar a vida de ninguém estando em vantagem: se seu adversário caísse ele esperava-o levantar-se e continuava sua luta. Santiago disse-me que vivera na França, no período da queda da Bastilha, em Roma Antiga e tinha sido piloto intergaláctico.

Neste dias, estamos em Setembro de 2009, Santiago está tentando ir para um templo externo. Ele já recebeu algumas promessas de estadia de alguns presidentes de templos de outros estados, principalmente quando teve a reunião no Vale do Amanhecer de Planaltina, promovida por Gilberto Zelaya, mas não havia se decidido. Ele pensa nas dificuldades de realizar os rituais em outros estados, onde os templos possuem poucos adeptos, mas disse que não vai querer permanecer nesta perseguição, que deve piorar assim que acontecer a nova consagração de Arcanos em 08 de Outubro de 2009, promovida por Raul Zelaya. Disse-me que estava se preparando para ir a Teresina de Goiás.

Perguntei-lhe o que estava achando sobre o problema da queda do Michel em 2006. Ele disse que ficou transtornado e que decidira deixar o Vale do Amanhecer e então, resolveu conversar com os Pretos Velhos que disseram para ele se acalmar porque tudo o que estava acontecendo já estava programado. Acrescentaram que Santiago não poderia tomar partido naquela história. Explicou-me que a Tia Neiva sempre dizia que os mestres do Amanhecer não podiam se meter com política, porque participaram de muitas guerras no passado e poderiam correr risco de vida agora. Além do mais, ampliariam ainda mais seus carmas. No entanto, neste caso específico, muitos outros mestres acreditam e, Santiago partilha da mesma opinião, que a situação não deve permanecer como está, pois se continuar assim a doutrina vai sofrer muito prejuízo. Muitas vezes, após ele falar sobre as perseguições que sofria e sobre as que estão a acontecer, ele concluía: “*esse pessoal está brincando com fogo*”. Explicou-me que em algum momento a espiritualidade deve tomar alguma providência.

A história de Santiago Caetano esclarece as inquietações de um adepto que procura persistentemente solucionar dificuldades através da participação de rituais na condição de um fiel. Ele explicou os rituais que preferia participar e a importância de estar durante aquele momento morando dentro do Vale do Amanhecer: sua vida corria risco. Apenas a inserção no mecanismo da doutrina e a atualização de suas forças mediúnicas, mediante participação em consagrações e em ritos, poderiam protegê-lo e modificar suas dificuldades. Espíritos que lhe cobravam poderiam ser mantidos a certa distância e elevados à medida que os rituais eram realizados.

Importante colocar que o conceito de carma justificava inclusive a repetição de seus problemas. Como ele foi um general egípcio em seu passado mítico, muitos espíritos que foram prejudicados por ele, cobravam suas mortes. Assim ele passava por dificuldades que tinham de ser modificadas nos rituais.

Além do mais, devemos entender em seus relatos que o aumento de suas forças mediúnicas, bem como o resultado da realização de alguns rituais, não implica em um alívio imediato de seus problemas, mas certamente pode implicar na elevação do espírito que o cobrava. Porém, ao avaliar sua história de há dez anos atrás, perceberemos que aconteceram mudanças positivas em sua vida, afinal, antes ele precisava ficar definitivamente dentro da cidade do Vale do Amanhecer. Mas a cada realização de algum ritual importante, ou a cada obtenção de novas forças mediúnicas, novo obstáculo surgia, novas dificuldades, novos rituais tinham de ser realizados. Percebemos renovação de suas dificuldades, quando disse que estaria livre para sair do Vale, mas logo retornou e nova missão foi passada a ele. Podemos perceber também que, realmente, os rituais possuem eficácia, mas poucas coisas acontecem imediatamente.

Sua história também permite-nos perceber a vivência que o mestre tem de todos os problemas políticos que estão acontecendo: suas perseguições, as dificuldades para realizar os rituais etc. Ao mesmo tempo, temos as mensagens que ele escuta pelas entidades sobre sua identidade e as classificações que ele tem de receber. Embora Raul Zelaya não considere nenhum Arcano consagrado pelo Michel Zelaya, Trino Sumanã, um verdadeiro médium, as entidades valorizam-no, a ponto de passar missões para ele.

2.6. A Legitimidade dos Poderes

Apesar de os médiuns não deixarem de participar da doutrina, a grande maioria se mostra insatisfeita com os acontecimentos recentes na ordem de sucessão do Vale do Amanhecer. Tentei apresentar aqui apenas um breve esboço que considera a legitimidade de poder na instituição.

No entanto, devemos compreender a quem de fato os adeptos se submetem. A fim de resolverem seus problemas, os médiuns não consultam o Trino Triada Presidente, que apenas toma decisões administrativas. Entretanto, se pensarmos que o grande interesse dos

rituais é o de transformar a condição emocional de cada um, que cada médium possui uma mediunidade que precisa ser manipulada nos rituais e que a comunicação de um Preto Velho irá explicar e ajudar a modificar a condição emocional do paciente ou do médium, então, chegamos à conclusão de que o Trino e sua sorte pouco afetam o médium diretamente. Deste modo, o Trino pode até mesmo procurar conciliações em caso de atritos ou agir com persuasão, mas ele não expressará domínio sobre o grupo. Situação semelhante é relatada na sociedade Ndembu, quando Turner se refere sobre a função do chefe (Turner, 1996: 79). Além do mais, o Preto Velho é quem explicará quais os rituais o médium deverá realizar, e como ele deve agir no dia a dia. Como Taussig (1997) já chamava atenção, o êxtase possui um poder de submissão e uma capacidade de exercer influência. Aqui, não pelo terror desempenhado pelos espíritos, mas pela credibilidade da comunicação da entidade.

Além do mais, devemos levar em conta mais dois aspectos básicos que podem justificar a motivação dos adeptos em vincularem-se mais aos rituais do Vale do Amanhecer do que aos Trinos. A primeira questão talvez seja esclarecida, se levarmos em consideração as qualidades de Tia Neiva na origem da doutrina do Vale do Amanhecer. A sua clarividência e seus poderes mediúnicos permitia-lhe realizar atendimentos específicos a cada paciente. Isto significava que ela englobava dois aspectos sociológicos de grande importância. Primeiramente, podemos afirmar que Tia Neiva possuía aquilo que Bailey dizia ser algo mágico, que era seu carisma, grande atrativo sobre as pessoas (Bailey: 1998). Afinal, ela era capaz de solucionar problemas de médiuns e de clientes. Além do mais, podia dar explicações personalizadas. Devido à sua clarividência, ela falava sobre situações de outras vidas para poder explicar as dificuldades atuais para, em seguida, encaminhar pacientes ou adeptos para os rituais adequados. Isto está de acordo com o que Bailey falou sobre Gandhi, ao explicar o motivo do seu poder de coerção à massa indiana. Segundo o autor, Gandhi seria como uma peça de colcha de retalhos, capaz de atrair diferentes interesses de diferentes grupos. No entanto, com a morte da Tia Neiva, deixou de haver um líder carismático como ela. Mas os Pretos Velhos já vinham exercendo papel semelhante desde antes da sua morte. Além do mais, estas entidades espirituais são inúmeras, variando de acordo com o quantitativo de médiuns de incorporação existentes. Eles agora substituem o líder carismático, orientam médiuns ou pacientes e os conduzem aos rituais adequados. Isto implica dizer que: as comunicações particulares que ocorriam à época da Tia, agora são realizadas pelos Pretos Velhos. Além do mais, como as soluções dos problemas dos pacientes ou dos adeptos serão encontradas também na participação dos ritos, isto implica

dizer que eles devem se manter institucionalizados para a obtenção da cura. Deste modo, não há motivo ou motivação para adeptos ou pacientes terem contatos, ou se preocuparem muito com a sorte dos Trinos, afinal, os ritos, em geral, são realizados com grande autonomia em relação a eles.

Outro assunto que deve ser colocado é sobre a legitimidade do poder de Michel Hanna, o 1º Mestre Sol Trino Sumanã, e o de Raul Zelaya, 1º Trino Herdeiro Ypoarã.

Quando Michel Hanna assumiu, ele destituiu de seus cargos, os quais estavam em postos vitalícios escolhidos pela própria Tia Neiva. Esta situação gerou um fato inusitado: após suas mudanças os afastados passaram a odiá-lo e os que não tinham oportunidades esperavam o momento correto para poderem realizar seus comandos. Além do mais, os médiuns que não tinham um posicionamento político na doutrina, entendiam que Hanna era o escolhido pela Tia Neiva e poderia realizar suas escolhas.

Em meio à insatisfação criada pelos afastamentos dos médiuns que já realizavam os mesmos rituais há mais de duas décadas, Raul Zelaya se sentiu com apoio necessário para tentar acumular o cargo de presidente da doutrina e o de Trino Presidente Triada. Assim, ele interditou o templo para pressionar a saída de Michel Hanna. Mas neste caso, provocou insatisfação entre a grande maioria dos médiuns. Afinal, em mais de trinta anos, o templo jamais havia sido fechado e, além do mais, Zelaya não tinha legitimidade para realizar tal função. No entanto, ele é filho da Tia Neiva, 1º Trino Herdeiro e Presidente da doutrina em registros civis. Tudo isto motivou Zelaya a tentar tomar a frente do templo.

Temos que pensar nestes dois fatos considerando o desrespeito de ambos a uma ordem tradicional. Os mestres que estão realizando certos rituais há mais de duas décadas e que, empossados pela Tia Neiva, foram retirados por Michel Hanna, e o Trino que foi colocado à frente da doutrina por leis estabelecidas pela clarividente, foi destituído por Raul Zelaya. Ou seja, foram vítimas de decisões que desconsideraram a tradição. Turner destacou que a comunidade Ndembu teve conflitos que estavam em torno de ‘normas, valores, crenças e sentimentos’ que envolviam o parentesco (Turner, 1996: 90). No Vale, as questões estão associadas às mesmas condições, mas dentro das ordens tradicionais. Não nos esqueçamos que qualquer alteração do que havia sido determinado pela clarividente, pode ter repercussões espirituais e, por sua vez, na eficácia dos rituais. Este é um dos motivos de alguns mestres estarem insatisfeitos com tal disputa.

No entanto, Michel Hanna e Raul Zelaya utilizam argumentos para que possam receber apoio dos adeptos. O primeiro diz que ele foi colocado à frente da doutrina pela

clarividente. Já Raul diz que ele é o filho da clarividente e que Michel não estava respeitando as determinações de sua mãe. Seus argumentos estão de alguma forma relacionados à tradição.

Assim, podemos perceber que ambos, cada um por sua vez, apoiam ou desafiam o sistema tradicional ao qual o Vale do Amanhecer está alicerçado. Michel Hanna, por ter destituído os comandantes perpétuos e, Raul Zelaya, por ter desafiado uma decisão da clarividente. Deste modo, os adeptos aprovam um ou outro conforme os seus interesses pessoais (Turner, 1996), pois esta sustentação vai determinar, em linhas gerais, sua permissão em comandar certos rituais. Este também foi um aspecto considerado por Barth, ao analisar a grande liberdade de membros da sociedade Pathans para realizar suas opções políticas: “(...) *these choices represent the attempts of individuals to solve their own problems*” (Barth, 1959: 4).

No entanto, lembremos que Raul Zelaya, o Trino Ypoarã, e Gilberto Zelaya, o Trino Ajarã, criaram seus próprios estatutos para legalizarem, cada qual a seu modo, as suas lideranças. Raul criou o estatuto da OSOEC e o Beto o CGTA. Estas duas situações atualizam de alguma forma Victor Turner, afinal, o poder jurídico é acionado quando normas ou valores sociais estão em conflitos. “*It would seem, at the present stage of anthropological enquiry, that jural machinery is employed when conflict between persons and groups is couched in terms of an appeal by both contesting parties to a common norm, or, when norms conflict, to a common frame of values which organize a society’s norms into a hierarchy*” (Turner, 1996: 122).

Apesar de Michel Hanna não possuir uma mediunidade semelhante à da Tia Neiva, ele, na condição de Trino, passa a receber forças que o capacitam na realização dos rituais. A sua posição hierárquica assemelha-se a energias espirituais, havendo a mescla entre uma escala política e outra espiritual. Gilberto e Raul Zelaya estariam na mesma situação enquanto Trinos. Turner destacou condição semelhante na sociedade Ndembu, ao dizer que o chefe do grupo também recebia poderes que eram capazes de provocar mazelas ou benesses, conforme a qualidade de sua índole. “*If the headman himself is a sorcerer, in Ndembu belief, the village is in terrible danger, for it is thought that headmanship adds additional power both for good and evil to what a man already has in the way of mystical acquirements*” (Turner, 1996: 112). No entanto, devemos entender que as benesses seriam realizadas quando os Trinos ou os adeptos preservassem boas virtudes dentro e fora dos

rituais. Porém, conforme falamos anteriormente, se há atitudes que atrapalhem os objetivos da espiritualidade, então, perigos podem ser gerados.

A disputa pela liderança da doutrina do Vale do Amanhecer tem demonstrado a necessidade de convencer o adepto sobre a legitimidade de seus líderes. Baseiam-se, cada qual, em algum fator referente à tradição da ordem para justificar suas permanências nos postos. No entanto, ademais, tratam a doutrina como um conteúdo político secular, pois afinal, os trinos se amparam em apoios jurídicos e populares para se manterem enquanto líderes.

No entanto, podemos perceber que a liderança é uma condição necessária ao Vale do Amanhecer, mas não é imprescindível para o adepto ou para a realização de uma grande maioria dos rituais. O Preto Velho, por exemplo, é quem recebe e avalia a condição do paciente. Vários ritos não exigem a presença do Trino, mas a doutrina exige sua existência, não apenas para tomar decisões práticas, mas para que a distribuição hierárquica esteja completa. O líder supremo é um elemento da estrutura que precisa existir, mas sua existência no funcionamento diário dos rituais não é tão absoluta.

2.7. Similaridades iniciais com o Estado

2.7.1. O papel de alguns discursos no Vale do Amanhecer

Tentei mostrar até aqui que o topo da hierarquia do Vale do Amanhecer está em profunda crise, devido a uma disputa sucessória. Esta questão deveria afetar profundamente a doutrina do Vale do Amanhecer, no entanto, não é o que se observa, pois parece haver discursos que protegem a instituição ⁵⁸.

O primeiro aspecto que parece isolar os médiuns do que está acontecendo é a de que os *jaguares* não devem trabalhar com política. Tia Neiva dizia, segundo os vários médiuns, que era em razão da intensa vivência política dos adeptos em outras vidas, no papel

⁵⁸ Observemos que embora tenha ocorrido uma redução do número de adeptos do templo mãe, nestes últimos meses, eles não estão saindo do Vale do Amanhecer, estão apenas participando de rituais em outros templos da mesma doutrina. Eles ainda permanecem na instituição e até mesmo participam de alguns rituais no templo mãe quando assim decidem.

de governantes ou de guerreiros em diversos conflitos, que esses adeptos não poderiam lidar com tais questões, para não despertarem antigas desavenças.

Além do mais, os mestres procuram manter um comportamento institucionalizado. Conforme os adeptos, todos eles devem agir com “amor, tolerância e humildade”. Isto implica dizer que não devem participar de qualquer atrito. Esta também é uma atitude que deve ser seguida fora do templo, mesmo no dia a dia, para que sejam mantidas as entidades próximas de si. Outros autores já falavam sobre a manutenção de padrões emocionais nas práticas rituais. *“I previously referred to ritual’s formalism as enabling the ‘distancing’ of actors, and participation in it as engaging not raw emotions but ‘articulated’ feelings and gestures”*. (Tambiah, 1985: 146).

Inclusive, para preservar a qualidade dos rituais, o médium precisa estar mediunizado. O que significa que ele necessita estar em um estado emocional afetuoso para que sua mediunidade possa atrair entidades de luz, proteger-se e provocar curas. Lembremos da história da Tia Neiva e da maneira como ela procurava se proteger das ameaças do espírito Exú Sete Flechas, que citamos acima. Enquanto ela mantinha sentimentos de boas virtudes estava protegida.

Os mestres também sabem da possibilidade de criar uma nova condição cármica caso ajam de modo a provocar desejos de vinganças, desavenças ou prejuízos de quaisquer ordens.

Os adeptos, em geral, participam persistentemente dos rituais, porque necessitam transformar suas difíceis condições. Para mudarem suas situações, sejam elas quais forem, no aspecto social, econômico, físico etc, eles devem estar sempre manipulando suas energias nos ritos. Na verdade, há alguns adeptos que não sentem necessidade de ter qualquer envolvimento na política da doutrina, a não ser que isso os afete diretamente. Lembremo-nos que Bailey (1998: 208) e Turner (1996) já destacavam que são os interesses o que movem as pessoas. No entanto, o dos praticantes, considerando certos parâmetros, estão relacionados com a prática dos rituais e o seu bem-estar físico e emocional. Este é o grande argumento pelo qual muitos entram e permanecem na instituição. Devemos recordar que Victor Turner (2005:38), tão bem estudado por Peirano (1995:67), já salientava entre os Ndembu a existência de pacientes atendidos em rituais religiosos, vítimas de aflições provocadas por espíritos de parentes mortos. O Vale do Amanhecer atualiza esta condição. Assim, podemos dizer que as afinidades dos adeptos com os espíritos – sejam estes os de comunicação ou não – ou suas realizações individuais durante o desempenho dos ritos, associadas com as

necessidades de realizarem os mesmos para solucionarem suas dificuldades mediúnicas, movem-os a participarem cada vez mais das atividades ritualísticas.

Além de tudo isso, muitos adeptos dizem que têm ocorrido muitas mensagens que reforçam a importância de não se envolverem nestes conflitos. Seu José, 63 anos, Presidente de um templo externo, que não quis identificar, disse que Pai João de Enoch fez severas recomendações para ele não tomar partido nestas discussões. Avalciara, 39 anos, doutrinadora, disse que ouviu a mensagem do Ministro⁵⁹ Ypuena de Dezembro de 2008 e atribuiu seus comentários a uma premonição e alerta do que estava acontecendo agora em 2009.

“A partir do primeiro dia de 2009, teremos uma sequência de fatos desagradáveis, não só aqui dentro, como fora desses muros, tristes, dolorosos por natureza, mas vocês meus filhos, têm a obrigação de não tomar partido. Eu não admito que nenhum de vocês julgue e tome partido de A, de B ou de C.”

(mensagem de Ministro Ypuena, em 28 de Dezembro de 2008)

Ademais, quis compreender se não se preocupavam com o fato de que estava à frente da doutrina uma pessoa que não respeitava a ordem de hierarquia deixada por Tia Neiva, ou seja, será que ninguém, apesar de todas as orientações contrárias, não poderia se preocupar com as energias originadas de um líder aparentemente corrompido? O mestre *Ajanã* Rildo, de 34 anos, comerciante, integrante da doutrina desde 12 anos contou-me que à época da Tia Neiva, durante um retiro⁶⁰, um senhor doutrinador chegou no início das atividades e ficava sentado em um canto sem participar dos rituais. Como faltavam médiuns em alguns setores de trabalho, reclamaram com a Tia Neiva e ela disse para deixarem-no onde estava. No final dos rituais, Tia Neiva explicou que naquele dia as energias dos rituais chegaram com intensidade peculiar, mas que não tinha sido através do Radar⁶¹, mas pelo senhor que permanecia calado, afastado de todos. Marcos Antônio, contou-me que a primeira de uma falange vinha passando por certas dificuldades e, por isso, algumas vezes fazia uso de bebidas alcoólicas, mesmo sendo membro da doutrina⁶². Uma de suas integrantes

⁵⁹ Ver glossário.

⁶⁰ Um mestre realiza um retiro quando participa de rituais realizados no templo do Vale do Amanhecer, num período que tem início das 09:45 horas, encerrando às 15:00 horas, o primeiro intercâmbio, e reinício 14:45 horas para terminar quando o comandante considera necessário o encerramento das atividades do templo.

⁶¹ Cf. acervo Tumarã, no tópico “radar”, o radar é o local dentro do templo onde permanecem os comandantes encarregados de abrirem os trabalhos do templo. Também é onde flui a força harmonizadora resultado de todas as forças em ação no templo.

⁶² Adeptos da doutrina não podem ingerir bebidas alcoólicas, para não prejudicarem a qualidade de sua mediunidade, nem cruzarem corrente, ou seja, participarem do ritual de outras religiões.

reclamou desta situação com um Preto Velho que lhe respondeu que as forças continuavam chegando e que não se preocupasse. No entanto, estas energias chegavam por intermédio de outra pessoa. Fiz esta mesma pergunta em relação ao 1º de Maio⁶³, ritual que foi realizado por Raul Zelaya em 2009. Então Marcos Antônio disse que as forças iriam chegar, mas provavelmente através de outro médium.

Ou seja, na prática isto implica dizer que, surpreendentemente, diante de todos os problemas enfrentados, os médiuns não estão se afastando da doutrina – alguns até participam mais dos ritos com a esperança de verem estas situações amenizadas.

2.7.2. O vínculo do adepto ao Estado extraterreno

No entanto, como entender que a briga política entre Raul Zelaya, Michel Hanna e Gilberto Zelaya não afeta o aspecto mais sutil dos rituais, quando os ritos e os adeptos estão intimamente vinculados a uma hierarquia e seu ápice parece estar corrompido?

Neste momento, devemos nos lembrar que os mestres são orientados para participar de rituais de consagração de ministros⁶⁴, cavaleiros ou guias missionárias, e reclassificação. Isso, por si, implica em forças e proteções para o adepto dentro e fora do templo. Não podemos nos esquecer que também confiam muito nas orientações das entidades, como também nas energias que os rituais proporcionam. Além do mais, os adeptos orientam-se através de suas próprias intuições. Ou seja, os rituais proporcionam vários recursos aos adeptos, não havendo a menor desconfiança quanto a este aparato. Deste modo, não se aplica aqui a situação percebida por Bailey em relação aos seguidores de Gandhi. Lá eles tinham a necessidade de um líder (1998). No entanto, aqui, no Vale do Amanhecer, não há esta necessidade. A liderança que cada qual segue está intimamente associada a suas condições cármicas, por isso, preferem as orientações das entidades ou suas próprias intuições.

São também orientados a confiarem nas forças avassaladoras provenientes do Estado extraterreno, que corrige injustiças e desrespeitos contra o sistema do Vale do

⁶³ O ritual de 1º de Maio é realizado no solar dos médiuns para comemorar o dia do doutrinador. Neste dia comparecem médiuns de todo o país e a cidade do Vale do Amanhecer fica lotada, chegando à ordem de dezenas de milhares de médiuns

⁶⁴ Ver glossário.

Amanhecer. Chapanã, o Cavaleiro da Lança Negra, significa a trágica decisão final contra incorrigíveis opressores.

Podemos concluir, portanto, que o adepto do Vale do Amanhecer é preparado para a alienação dos problemas políticos doutrinários. Existem diversas orientações para mantê-los afastados de obstáculos tão fundamentais para sua condição de médium. Ao mesmo tempo em que ele é orientado, a cada momento de sua iniciação⁶⁵, para confiar nas suas próprias armas, que são suas energias, entidades de defesas, orientações e intuições. O adepto é atraído cada vez mais para a sua função de médium, tendo a obrigação de se ausentar, devido à existência de um certo tabu, dos conflitos presentes, principalmente dentro da doutrina. As suas forças são geradas conforme sua participação nas da estrutura da instituição. Portanto, se por um lado o adepto aparenta-se alienado, por outro, ele é fiel ao Estado extraterreno e às determinações provenientes dos que mais próximos estão de *Pai Seta Branca*: os Pretos Velhos.

⁶⁵ Ver glossário.

CAPÍTULO II

3. Preparação dos adeptos e desempenho nos rituais

O interesse deste capítulo é de falar sobre os rituais. Para este fim, foi abordado o seu significado mítico, considerando seus valores no aspecto da transformação social e do conflito, conforme seus principais heróis. Esta abordagem é complementada ainda com um enfoque sobre o conceito do Vale do Amanhecer e sua imprescindível relação com a ufologia, pois assim pode-se entender o significado do próprio adepto dentro da instituição. Ademais, apenas torna-se compreensível a importância da hierarquia do médium, o significado de suas forças e a complexidade para a realização dos rituais, quando é observado o processo de formação do adepto. Para estabelecer uma ligação entre mito, conceito, hierarquia e rito, acompanhamos a realização de diversos rituais em um dos dias de funcionamento do Vale do Amanhecer e o *juízo* de uma adepta.

3.1. O mito original

O mito que se refere à origem do Vale do Amanhecer está associado à ocupação do planeta terra. Esta ocorrência teria sido há 32.000 anos atrás, com a vinda do primeiro povo de *Capela*: os *Equitumans*. *Capela* é o planeta de onde vieram todos os povos que habitaram este mundo. Os *Equitumans* povoaram os Andes. São descritos como imortais pela sua extrema resistência e força física. Sua função era a de efetuar mudanças no planeta Terra, na topografia e na fauna, detendo técnicas para isto – como a de forjar o metal -, a fim de receberem novas civilizações. Com o tempo, afastaram-se do plano inicial, tornaram-se muito hostis, chegando a desobedecer algumas ordens dos próprios deuses. Foram perdendo sua superioridade inicial, até serem completamente destruídos, 2000 anos depois, pela nave extraterrestre gigante chamada *Estrela Candente*, a qual formou o Lago Titicaca no momento da destruição daquele povo. Esta era uma nave de *Capela*, sendo chefiada por ‘*Seta Branca*’, quem decidiu a origem e o fim dos *Equitumans*. Depois disso, alguns

representantes deste povo formaram falanges⁶⁶ no Vale Negro, opondo-se contra *Pai Seta Branca* e contra o Amanhecer.

Há 30.000 ou 25.000 anos atrás vieram os *Tumuchys*. Eram descritos como amantes da arte e da ciência, além de serem belos e poder viver até 200 anos. Dominavam a técnica de obtenção de energias do nosso planeta e de fora dele e eram capazes de manipulá-las. Estas manipulações eram realizadas por “usinas de integração e reintegração de energias” e sua intenção era a de preparar esta terra para a vinda de uma nova civilização (Salgueiro, 2000:8). A estes povos estão associadas as construções de pirâmides, bem como o domínio da “manipulação de energia atômica” (Cavalcante, 2000:51). Habitaram também a região da Ilha de Páscoa, a qual foi inundada pelo mar, quando terminou o período deste povo na terra (*Ibid*:51).

Há 20.000 anos atrás vieram para a terra os *Jaguares*, que tiveram a finalidade de modificar as forças sociais. Eles foram bem mais numerosos que os anteriores e originaram vários povos antigos. Estes permaneceram então na terra, e passaram a ‘encarnar’ entre os povos que formaram, até perderem suas características iniciais. Estiveram entre Chineses, Caldeus, Assírios, Persas, Hititas, Fenícios, Dórios, Incas, Astecas etc (Sassi, 1979:40). A este período também está associado o fato histórico da revolução francesa. Os *Jaguares* ainda estão no planeta Terra e passaram por diferentes encarnações. Em uma delas eles assumiram um compromisso na ‘Lei do Perdão’ no período de Cristo. Em outras, nasceram como escravos no Brasil colonial, para superarem os ‘carmas’ adquiridos quando foram reis, nobres ou guerreiros. Voltaram para o *Planeta Capela* após transcenderem esta condição, o que já foi obtido por alguns nas encarnações de escravos, ou por outros nas de mestres do Vale do Amanhecer. Assim, neste mesmo contexto, o objetivo destes últimos é alcançar a redenção através dos trabalhos espirituais. Além disso, o cotidiano sofrido por cada qual, ajuda-os nessa superação das condições cármicas.

A figura de *Pai Seta Branca* está relacionada ao passado do Vale do Amanhecer, nas histórias dos três povos citados (Salgueiro, 2000: 9). O fato histórico-mítico de maior destaque foi o de ter combatido os espanhóis sem qualquer derramamento de sangue, no século XVI. Ele não sujou a seta de sua flecha quando era um cacique nos Andes e os espanhóis invadiam o território de seu povo. *Pai Seta Branca* realizou um “ritual iniciático”, com a utilização de sua flecha, “captando energias cósmicas para apaziguar os espanhóis”

⁶⁶ Ver glossário.

(*ibid*:9). Após tal rito ele realizou uma negociação bem sucedida com o povo invasor. A tudo isto se soma a sua encarnação de Francisco de Assis, o que o associa aos conceitos de perdão de Jesus Cristo. Por isso ele é, como disse a Salgueiro (*Ibid*:9), “o ancestral mítico e mentor espiritual máximo da doutrina”.

Como poder-se-ia falar sobre religião, sem fazer algum comentário sobre o mito? Malinowski chama a atenção sobre ambos, quando diz que “existe um paralelismo estreito e direto entre, por um lado, as relações homem-espírito, evidenciado nas atuais crenças e experiências religiosas e, por outro, os vários incidentes do mito” (1984:139). Desta forma, quando Malinowski fala sobre mito, ele faz uma referência à relação social. Com base nisto, ele divide os mitos de acordo com sua função, concluindo haver três tipos deles: mitos de origem, de morte e de repetição do ciclo de vida e de magia. No resultado final, percebe que o mito reforça e prestigia a tradição dando uma realidade sobrenatural aos acontecimentos; ainda dá à realidade um significado pretérito “de valor moral, de ordem sociológica e de crença mágica”. Durkheim analisa os grupos totêmicos ou justifica a utilidade dos ritos totêmicos, em relação a algum animal, objeto ou vegetal específico, através de descrições de mitos. No entanto, apesar de os mitos incentivarem um comportamento social, muitas vezes rigoroso, ele não justifica alguns comportamentos dinâmicos e atualizados, o que torna a análise sobre os mitos importante em alguns aspectos, mas não determinante, por não explicar todas as atitudes de crenças ou de experiências religiosas. Ou seja, há uma relação entre mito, religião e comportamento social, mas a descrição da dinâmica social não deve se prender aos mitos a fim de que se tenha também a análise das relações sociais mais atualizadas.

A origem mítica do Vale do Amanhecer mostra uma peculiaridade comum às três histórias, às quais incluo a figura de *Pai Seta Branca*. Todos os povos citados, os *Equitumans*, os *Tumuchys* e os *Jaguares* são associados a um qualificativo de “modificadores”, ou a possuir aspectos que permitam tal condição. Os primeiros possuíam técnicas materiais para tal finalidade. Os segundos, os *Tumuchys*, estão associados à capacidade de manipulação de energia, tanto de potencial atômico, quanto à cósmica, relativa às pirâmides. Finalmente aos *Jaguares* está relacionada a capacidade de mudança social. Tal particularidade ainda inclui *Pai Seta Branca*, que tem sua história associada aos três povos, quando o mesmo faz um ritual iniciático a fim de não combater os espanhóis, utilizando energias cósmicas para impedir a morte de seu povo – fato que está na ordem da mudança social. Este discurso permite reforçar o mesmo significado dos rituais do Vale do

Amanhecer, no aspecto da manipulação de energias, ou de assistência social no âmbito espiritual, vinculando a tudo isto a figura de *Pai Seta Branca*, o mentor que utilizou esta técnica quando necessária. “Todo o trabalho do Vale é com base na técnica de manipulação de energias” (Sassi, 1999:17). “O Vale proporciona apenas assistência espiritual que dê às pessoas a oportunidade de se reequilibrar e se readaptar ao meio” (*Ibid*:30).

Deste modo, tem-se que o mito do Vale do Amanhecer cumpre as observações de Malinowski e Durkheim. O mito de origem estará reforçando e prestigiando o significado das manipulações de energias nas práticas da doutrina, dando-lhes um caráter sobrenatural. Estes qualificativos são amplificados quando relacionados aos grandes mistérios do universo, como às ruínas andinas e às da Ilha de Páscoa. Além do mais, os ritos praticados são justificados e têm sua importância reforçada pelo caráter de anterioridade do mito. A responsabilidade, a disposição nos trabalhos espirituais, o respeito e a atitude são também justificados pelo mito de origem. As figuras dos cultos, a prática dos rituais, o valor do grupo e até a hierarquia na doutrina, hoje, são legitimados pelo mito.

Penso ser interessante destacar aqui, algumas características que serão retomadas mais adiante. Uma delas é que os povos que deram origem ao Vale do Amanhecer são descritos como os que estão chegando a uma região meio inóspita ou a uma região que tem uma população rude, que necessita sofrer um processo evolutivo. Sua função é a de contribuir para a evolução destes grupos e destas regiões.

Devemos destacar ainda que os *Equitumans*, os *Jaguares* e até mesmo *Pai Seta Branca* estão relacionados a uma peculiaridade: mostram o enfrentamento de uma ordem social contra outra. Os primeiros tentaram derrubar o grupo extraterrestre que lhe deu origem, por isso foram destruídos. Os *Jaguares*, além de terem sido relacionados a algumas guerras - pois o histórico dos povos fenícios, caldeus, entre outros, são referidos a estes fatos nos próprios rituais - são associados à revolução francesa, fato histórico que resultou na derrubada do rei e na ascensão da burguesia. *Pai Seta Branca* anulou a invasão espanhola por meio da realização de um ritual, sem a utilização de armas, mas da magia e negociação. Podemos então destacar Gluckman (1952), no seu texto ‘Rituais de Rebelião no Sudeste da África’, em que descreve ritos que apresentam uma encenação de um conflito. Nossos mitos também demonstram combates.

3.2. Surge a Necessidade de um Breve Conceito:

Devemos lembrar que o Vale do Amanhecer não é apenas um templo, mas uma comunidade que era formada originalmente por adeptos da doutrina e que hoje possui cerca de 22.000 habitantes. Além do mais, muitos que moram lá, nem fazem parte da instituição.

O principal objetivo do Vale do Amanhecer é realizar curas de pacientes, de médiuns e do planeta por intermédio de suas desobsessões. Isto quer dizer que espíritos obsessores – aqueles que estão vagando pelo planeta - serão enviados para seus planos espirituais adequados.

No entanto, devemos compreender outras peculiaridades. O já falecido Trino *Arakén*, mestre Nestor Sabatovicz, destacou que esta doutrina é o que alguns chamam de religião extraterrestre e que *Pai Seta Branca* é o comandante deste povo.

Além do mais, a grande preocupação da doutrina do Vale do Amanhecer está em impedir a realização dos planos de alguns grupos. Os do Vale das Sombras⁶⁷ e os do Vale Negro, por exemplo, querem destruir o Vale do Amanhecer, instituição que objetiva a transformação e elevação destes espíritos.

Desta forma, a fim de se proteger e agir contra estes grupos e contra espíritos cobradores, o Vale do Amanhecer se organiza como se fosse um agrupamento militar da Antiguidade. Ou seja, possui uma hierarquia e um desempenho peculiar nos rituais, que lembram tal condição. O momento mais peculiar se dá nas manhãs, sobretudo no Domingo, quando os médiuns se organizam em diversas filas de pares de cinco pessoas, que no horário das 10:00 horas se dispersam em diferentes cruzamentos, para a realização de *Abatás*. Ou nos dias das *Imantrações*, quando caminham em toda a cidade do Vale do Amanhecer, dispostos com lanças ou comandantes para levar *mantras* e trazer espíritos que deverão ser elevados. Ou nos principais rituais, onde são organizadas cortes, com roupas próprias, lanças e um comandante do ritual.

Além do mais, segundo o radialista Vladimir de Carvalho, falecido em 2007, o Vale do Amanhecer é uma ciência que visa a transformação da condição do planeta, dos pacientes, dos médiuns e dos espíritos pela manipulação de energias nos rituais. Por isso, os adeptos são considerados cientistas. Deste modo, a doutrina estaria conciliando “a cosmovisão ocidental moderna” (...) “com visões de mundo tradicionais” (Carvalho, 1991: 12).

⁶⁷ Ver glossário.

Por outro lado, os rituais e a condição dos mestres dependem de um passado imaterial. O Turigano, por exemplo, é a encenação de um fato da Grécia Antiga. Já a condição dos adeptos está inclinada conforme o seu passado mítico-cosmológico⁶⁸ e o resultado de suas relações sociais destas épocas.

Deste modo, acredito que o Vale do Amanhecer seja uma doutrina extraterrena que se baseia na manipulação de energias para a desobsessão e a transformação do planeta, do médium e de pacientes. Baseia-se na crença de vida após a morte e numa biografia mítica que afeta as pessoas vivas. Organiza-se de modo a manter certas hierarquias de comando do passado, em níveis burocráticos que se assemelham a divisões militares da Antiguidade preparadas para combates contra inimigos também organizados.

3.3. Inserção

A maneira mais didática para compreendermos a inserção dos adeptos no conjunto de forças cosmológicas institucionais, bem como a desconstrução e reconstrução de suas personalidades, é verificarmos o trajeto do médium durante sua preparação mediúnica. Cada estágio de sua formação representa a condição de participação em novos rituais e novas forças passam a fazer parte de seu caráter.

Assim, resolvi explicar a maneira como adeptos e pacientes têm os seus primeiros contatos com a doutrina, qual seria a porta de entrada para a participação dos trabalhos enquanto não-adepto e quais seriam os primeiros passos para a inserção na doutrina.

⁶⁸ Os adeptos e até mesmo a doutrina possuem uma relação com o passado de outras vidas. Considerando que os fiéis estão reencarnados porque provocaram desavenças em vidas anteriores, o vínculo com este passado nunca deixou de existir. Como há uma semelhança entre este passado imaterial e as origens míticas de uma nação, creio que posso chamar este passado individual de mítico também. Ademais, este passado mítico tem relação com a cosmologia da instituição, pois refere-se ao passado de batalhas, referentes a lugares já institucionalizados, como a França da revolução, Egito etc. Desse modo, pensei, por bem, chamar este passado de passado mítico-cosmológico.

3.3.1. Entrando para a doutrina: passos iniciais

A doutrina do Vale do Amanhecer oferece vários trabalhos espirituais para a sociedade. Dentre estes, há dois rituais de comunicação que funcionam como uma atividade de consulta para qualquer um que queira alguma orientação sobre sua própria condição. Além destes, há outros rituais que visam auxiliar na cura do paciente.

O primeiro é o trabalho de *Alabá*, que atende qualquer um que venha ao templo durante o período de lua cheia⁶⁹ e que tenha interesse em conversar com Pretos Velhos. Este é realizado no pátio da doutrina. Nestas noites, o Vale recebe várias pessoas de diversas idades, desde crianças, jovens, até idosos.

Outra forma de uma pessoa vir a conversar com os Pretos Velhos, será no trabalho de trono. Este ritual ocorre dentro do templo, em um aparato de 42 bancos onde se sentam médiuns de incorporação e pacientes, devidamente observados por médiuns doutrinadores que devem acompanhar seus respectivos incorporadores. Este trabalho tenciona prestar um atendimento a pessoas que tenham alguma dificuldade: de recursos financeiros, de saúde, na família entre outras. Muitas são orientadas a participar em outros rituais, que em geral, são os de cura⁷⁰, de Junção⁷¹, de Indução⁷², de Linha de Passe⁷³ e de Defumação⁷⁴. Além do mais, o Preto Velho pode vir a retirar algum espírito ou energias negativas que estejam acompanhando pacientes ou doutrinadores do trabalho – são as incorporações de espíritos sofredores. Este espírito, pelo auxílio do doutrinador, será levado para alguma instituição espiritual, que são chamadas de casas transitórias, sendo que a mais conhecida é a de *Mayante*. No trabalho de trono, pacientes e doutrinadores podem também receber diversas orientações sobre seu dia a dia. Alguns pacientes poderão receber convites para entrar na doutrina, porque seus problemas são justificados pela falta de trabalhos mediúnicos. Ou seja,

⁶⁹ Este ritual é realizado durante o período de 7 dias, sendo 3 antes e 3 após a data da lua cheia, durante o horário de 18:00h às 20:00h.

⁷⁰ Ver glossário.

⁷¹ Ver glossário.

⁷² Ver glossário.

⁷³ Ver glossário.

⁷⁴ Ver glossário.

as atividades na doutrina se estruturam conforme a crença de que há espíritos que atuam em pessoas vivas, de que estes espíritos podem ser conduzidos, de que há outros lugares fora deste plano ou fora desta dimensão e de que é possível levar à cura destas pessoas, tanto no aspecto físico quanto no espiritual, além do que, a pessoa pode receber energias aprazíveis ou perdê-las, ou receber correntes negativas.

3.3.2. Primeiras aulas

A partir do momento em que o neófito decide ser inserido na doutrina, ele deve dirigir-se ao templo, munido de autorização previamente fornecida pela instituição, a fim de participar de um teste de mediunidade. Isto consiste em, juntamente com outros na mesma condição, submeter-se a um convite de entidade, para verificar se ele incorpora. Esta situação passa a contribuir para uma nova identidade da pessoa enquanto adepta. Caso incorpore, o iniciante participará de aulas que o auxiliarão a controlar sua incorporação, o que implica dizer que ele poderá incorporar e realizar comunicações. Enquanto o doutrinador participará de outras aulas, sendo orientado a sempre manter a sua atenção. Aprenderá a participar dos rituais, sobretudo os que são realizados dentro do templo.

3.3.3. Preparação e identidade

Passado o teste, os neófitos vão continuar a preparação que deve durar em torno de dois anos. Ela visa a dar condições ao *apará*⁷⁵ ou ao doutrinador a realizar os rituais do templo, bem como tem o objetivo de identificar nomes de mentores, ou atividades rituais de maior afinidade dentre os tantos que o indivíduo pode participar. A cada curso o indivíduo assume mais uma identidade que pode ser em nível individual ou social.

⁷⁵ Ver glossário.

As primeiras aulas são as do Curso Básico. Os alunos são preparados para se tornar aptos a realizar os trabalhos do templo, como os de Trono, de Cura, de Indução, de Junção, de Linha de Passe entre outros. Cada trabalho tem uma característica específica de auxílio. Ou seja, em pouco tempo o aluno já estará assumindo algumas responsabilidades dentro da instituição (em torno de 4 meses), caso não perca muitas aulas. Encerrado o período de aulas, o aluno chega ao estágio do emplacamento, quando o *apará* deverá mostrar sua incorporação tendo já prontamente o nome de seus mentores: Preto(a) Velho(a), Caboclo(a) e Médico(a)⁷⁶ de Cura. Enquanto os alunos doutrinadores escolherão, conforme afinidade, o nome de sua Princesa⁷⁷ (mentora de proteção) que é uma dentre três: Jurema, Janaína e Iracema.

O segundo período, composto por apenas três aulas, é o momento em que todos juntos serão preparados para a iniciação. Em geral, os alunos são instruídos para não falar sobre o que acontecerá, por não saberem muito bem e para manter o mistério desta etapa. *Aparás* e doutrinadores terão cada qual a sua iniciação específica, realizada separadamente em um lugar especial, isolado para esta finalidade. Eles serão marcados com espada espiritual no plexo solar (região localizada na altura do estômago). O incentivo destas aulas está na participação no ritual secreto ao qual terão acesso, além do conjunto de forças com as quais terão que lidar. Além do mais, a cosmologia da doutrina afirma que este corte espiritual os fará ser reconhecidos e respeitados no mundo espiritual. Passada a iniciação, os fiéis poderão participar do ritual de Sessão Branca.

Após a frequência destas aulas, o aluno tem o direito de assistir ao curso de Elevação de Espada, que compreende um total de 7 aulas, sem que haja distinção entre os alunos, em gênero e mediunidade (*apará* e doutrinador). Neste momento os alunos aprenderão qual a relação existente entre os trabalhos que eles passam a exercer no templo, sua função e modo de funcionamento no plano espiritual. Ao final do curso passarão por um segundo ritual de iniciação, chamado de “elevação de espadas⁷⁸”, quando poderão usar indumentárias diferentes, como as capas (os homens) e as indumentárias de *ninfas*⁷⁹ (as mulheres). Poderão também participar de novos trabalhos e receberão novas classificações. Passarão a conhecer a sua falange de mestrado, que varia numericamente entre 10 a 15, com

⁷⁶ Ver glossário.

⁷⁷ Ver glossário.

⁷⁸ Ver glossário.

⁷⁹ Ver glossário.

denominações diferentes cada (sublimação, ascensão, cruzada, solar, redenção, sacramento, unificação etc). As falanges de mestrado são grupos de contextualização espiritual. Os adeptos apenas saberão a qual Falange de Mestrado pertencem, no momento da segunda iniciação, após a realização do ritual dos Devas. Antes, estas identificações eram feitas por Tia Neiva. Este curso envolve um novo valor social, que os distingue da sua condição anterior. Também está associado a um prestígio intelectual, a uma nova classificação e a um novo protetor espiritual particular – o mentor da falange de mestrado. Tudo isso envolve novos rituais e expectativas.

Os alunos adquirem agora o direito de participar do curso de Centúria⁸⁰, realizado durante sete Quintas-feiras, às 22:00 horas. Nestas aulas são ministrados novos conceitos da doutrina (*Chakras*⁸¹, *Carma*, *Charme*⁸², missão) ou falam sobre a organização social do mundo espiritual e sobre os comportamentos de novos personagens. No final deste curso, os alunos recebem uma pequena insígnia para colocar no colete, que se chama Radar, distinguindo-os do período anterior. Escolherão dois adjuntos, a cujos povos passarão a pertencer. No entanto, um destes será o de maior interesse. Ou escolherão um adjunto e uma falange. Dentro do Vale do Amanhecer de Planaltina há cerca de 15 adjuntos que possuem povo, aos quais os alunos pertencerão para participar de atividades com eles (trabalho de estrela, retiros, viagens etc). Os adjuntos recebem o nome de seus Ministros, que são mentores espirituais com roupagens de cavaleiros. Todos os alunos que terminam o curso irão conhecer o povo espiritual a qual pertencem (são mais de cinquenta povos, cada qual com sua história particular), por ritual realizado pelos Devas. Antes, esta escolha era feita por Tia Neiva, em razão de sua clarividência. Escolherão no final deste curso mais um outro mentor. Os homens escolhem um dentre dois (Reili ou Dubali) e as mulheres também um dentre outros dois (Doragana ou Sabarana). Farão também a opção entre turnos de trabalhos preferidos (Trono, Indução, Junção, organização dos templos externos, tesouraria), ou seja, optam por um trabalho preferido, o que não os impede de participar de outros também. Há pessoas que realizam sempre um mesmo trabalho há mais de vinte e cinco anos. Depois os alunos fazem uma outra opção, que será a da estrela (Gestas, Amantes, Gestais – mais ou menos dez). Neste curso, alguns comentam que é apresentado a eles um outro mundo. Deste modo, este curso se destaca pelo conhecimento que os alunos adquirem, além das indumentárias (uso de capas,

⁸⁰ Ver glossário.

⁸¹ Ver glossário.

⁸² Ver glossário.

vestidos de ninfas e de falanges) e das novas classificações que significam novas forças. Agora os adeptos são chamados de *Centuriões*.

Após este curso, o médium recebe outras forças. Como *Centurião*, o adepto recebe classificações de forças que são modificadas de tempo em tempo, conforme ritual desempenhado. Por exemplo, o doutrinador logo que termina o curso é um “7º *Raio Autorizado Taumantes Raio Rama Adjuração*”, alguns anos depois “*Adjunto Regente Koatay 108 Taumantes Raio Rama Adjuração*”, mais tarde “*Adjunto Koatay 108 Triada Harpásios Raio Rama Adjuração*” e finalmente “*Adjunto Koatay 108 Herdeiro Triada Harpásios Raio Adjuração Rama 2000*”. O Médium de incorporação será “5º *Yurê Raio Autorizado Cautanenses Raio Rama Ajanã*”, depois “5º *Yurê Adjunto Regente Cautanenses Raio Rama Ajanã*”, mais tarde “5º *Yurê Adjunto Koatay 108 Cautanenses Raio Rama Ajanã*”, em seguida “5º *Yurê Adjunto Koatay 108 Cautanenses Raio Ajanã Rama 2000*” e, por fim, “5º *Yurê Adjunto Koatay 108 Vancares Raio Ajanã Rama 2000*”. Cada classificação apenas pode ser obtida a partir de um tempo de permanência em cada força e para conseguir a próxima é necessária a participação em um ritual de classificação realizado pelos Devas. A partir da primeira força até a última podem levar cerca de cinco anos de doutrina. As ninfas receberão estrelas. As médiuns de incorporação terão uma dentre as seguintes: *Acelos, Ceanes, Xénios, Gestaes e Mântios*. As doutrinadoras também terão uma destas: *Vanulos, Gestas, Geiras e Teizes*. Deste modo, depois do curso de *Centúria* as *ninfas*⁸³ apenas recebem as classificações de estrelas, não passando por estágios de classificações de forças.

A conclusão do curso de *Centúria* implica também no recebimento da emissão. Segundo o “acervo Tumarã”, a emissão “*é o canto de nossa procedência*”. Para que o médium receba as forças adequadas para a realização de alguns rituais – *Quadrante, Abatá*, abertura de trabalho etc -, ou seja, em conformidade com suas condições espirituais e com as necessidades do rito, ele deve abrir um canal por onde as forças fluem. Este mecanismo é disponibilizado por intermédio da fala de um “código hierárquico”, uma espécie de revelação individual, que é ouvida em outras dimensões, permitindo conectá-lo à “Espiritualidade Maior”, através de um movimento de forças gerado durante este procedimento.

A fim de entendermos o que é uma emissão, apresento basicamente a de um médium doutrinador com os espaços vazios de onde são disponibilizadas as nomenclaturas das forças. Assim temos:

⁸³ As adeptas são genericamente chamadas na doutrina de *ninfas*, enquanto os médiuns são chamados de *jaguares*.

“Eu, jaguar⁸⁴ mestre (luz ou sol)⁸⁵, da falange de (nome da falange de mestrado fornecida pelos Devas), povo de (nomenclatura do povo, fornecida pelos Devas), (nome da nomenclatura da falange missionária, escolhida pelo adepto). Do adjunto (nome da entidade espiritual e de um dos dois primeiros mestres Devas que o representa, escolhido pelo adepto), (vindo do sétimo Raio)⁸⁶ na ordem do ministro (nome de um dos adjuntos espirituais escolhidos pelo adepto, juntamente com o nome de seu representante). Eu, Adjunto (nome do Ministro do adepto, espécie de entidade espiritual, fornecido pelos Devas em ritual de consagração de ministro), (nome da classificação de força do adepto, fornecida em “ritual de classificação”), mestre (nome do adepto). Com os poderes de Olorum, na linha deste Amanhecer, tenho meu Deus e ministro Obatalá, que me rege e me guarda no caminho desta jornada. Acabo de receber de Deus Pai todo Poderoso, na minha legião, o título de mestre instrutor universal das três forças ligadas aos poderes deste Amanhecer. Subi ao Reino de Jurema e estou na continuação desta jornada para o Terceiro Milênio. Emite Jesus, deixe que as forças se desloquem até o meu plexo. Sou um Cavaleiro Verde, Cavaleiro especial, venho na força decrescente, do primeiro Cavaleiro da lança (nome de Cavaleiro, entidade de proteção do adepto, fornecida em ritual de consagração de cavaleiro) verda Anday, // (lê-se: barra-barra), Reino Central, turno (Reili ou Dubali, nome de entidades, escolhidas por adepto). Na esperança de alimentar meu sol interior, na grandeza que me fez cavaleiro do turno (nome de ritual de maior satisfação para o adepto, escolhido por ele mesmo), partirei nos três reinos de minha natureza, com -0- (lê-se: barra-zero-barra), do meu Terceiro Sétimo, no 5º ciclo iniciático, seguirei sempre, com -0-// (barra-zero-barra-barra-barra) em Cristo Jesus, Salve Deus”.

Como podemos perceber as classificações, as entidades e as hierarquias fazem parte de um conjunto de forças que identificam o adepto e permite sua participação nos rituais. O complexo da hierarquia do adepto é uma espécie de mecanismo de forças que funciona como uma espécie de arma durante a realização dos rituais. Ele deve falar esta emissão sem erro, para que não atrapalhe o movimento das forças que o auxiliarão no desempenho dos ritos.

O último e o mais difícil curso é o de Sétimo raio. Não são feitas novas classificações, ou não são utilizadas novas indumentárias. Ao final do curso, de duração de 9 meses, nas Quintas-Feiras alternadas, os alunos – *ninfas* e *jaguares* - recebem um símbolo dourado para usar no colete, o que fará a distinção entre os que não fizeram o curso. Este é

⁸⁴ Conforme os adeptos, todos os médiuns são considerados *jaguares* devido a suas persistências e disposição em lidar com seus ‘carmas’, ou seja, com suas repetitivas dificuldades.

⁸⁵ O mestre luz pode realizar o comando de rituais, enquanto o mestre sol não pode. Esta classificação é fornecida pelos mestres Devas.

⁸⁶ O adepto poderá dizer “vindo do sétimo Raio”, depois de obtida a classificação de “Adjunto Koatay 108 Herdeiro Triada Harpásios Raio Adjuração Rama 2000”.

ainda mais técnico, tendo um conjunto de histórias a seu respeito. Marcos Antônio contou que Tia Neiva recebeu durante um período de mais de cinco anos, uma vez por semana, aulas ministradas pelo espírito vivo do tibetano Umahã, que duravam mais de quatro horas. Antes de morrer, quem dava esta aula era Nestor Sabatovicz, tendo sido preparado por mais de cinco anos pela clarividente, *Koatay* 108, Tia Neiva. Este curso é um pouco difícil de ser acompanhado porque não é oferecido em todos os anos e deve ter a participação de um número mínimo de aulas. Hoje quem ministra este curso é o adjunto *Ypoarã*, mestre Raul Zelaya, auxiliado por outros doutrinadores antigos na doutrina. Destaca-se ainda que apenas os médiuns masculinos que fizeram o curso de Sétimo Raio, poderão ser um Arcano, o que é uma classificação hierárquica importante dentro do Vale, estando abaixo apenas dos Trinos, os mesmos que os escolhem. Apenas depois do curso de Sétimo Raio os adeptos podem participar do ritual de Milenar.

Caso queiram, os adeptos podem optar por pertencer a uma dentre as 22 falanges missionárias existentes (20 femininas e 2 masculinas). Elas distinguem-se entre si por seus mitos e suas indumentárias, as quais possuem cores e símbolos específicos. Cada uma está vinculada a um ritual adequado, devendo organizar-se para cumprir as escalas destes a cada semana ou a cada mês. Alguns adeptos escolhem suas falanges baseados nos amigos que já conhecem e que pertencem a uma em particular. Há outros que fazem esta opção baseando-se em orientações de entidades, ou outros que preferem fazer uma escolha baseando-se em sonhos.

3.4. Panorama Geral dos rituais e *juízo* de Graciara

Eu precisava realizar algumas observações etnográficas para esta dissertação. Por isso, pedi para uma adepta me acompanhar à cidade do Vale do Amanhecer, para me apresentar os rituais e falar sobre sua participação nos ritos.

Cheguei na entrada do Vale do Amanhecer por volta das 15:00 horas do dia 06 de Junho e me encontrei com Graciara Gonçalves do Bonfim, 33 anos. Ela é médium de incorporação, 7º Raio, inserida na doutrina desde os 12 anos, mas conta que já era do Vale

desde que nasceu, pois seu pai já a levava para os trabalhos quando ainda recém-nascida. Explicou que inicialmente era médium doutrinadora, mas depois de 7 anos de doutrina, aos 19 anos de idade, começou a passar mal no ritual de *Estrela Candente*. Por isso, fez o teste de mediunidade e incorpora até hoje.

A primeira explicação fornecida por Graciara foi sobre o portal. Há uma construção na entrada do Vale do Amanhecer que engloba a pista de acesso e a de saída da cidade, como se fosse um portal. Sobre o acesso há uma representação de um sol e na saída a de uma lua. Disse que os médiuns devem fazer uma reverência no momento em que entram e quando saem do Vale, pois há alguns cavaleiros de luz presentes por ali que devem ser respeitados. Este mecanismo de construção e entidades de luz protege o local e adeptos contra espíritos maléficos que devem permanecer barrados do lado de fora.

Sáimos dali e fomos direto para o pátio do templo do Vale do Amanhecer para observarmos alguns prisioneiros pedindo bônus⁸⁷. Em seu aspecto geral, tive a seguinte explicação de Graciara: alguns adeptos percebem estar sofrendo algumas dificuldades persistentes no dia a dia, por isso, assumem uma prisão. Deste modo, eles ficarão uma semana realizando um ritual que se assemelha a um período de expiação para poder se libertar de suas dificuldades. Os obstáculos são traduzidos pelos adeptos como cobranças de espíritos cobradores. Isto implica dizer que o médium, em outras vidas, causou algum prejuízo a alguém que hoje - em geral alguma entidade - encontra-se obstinado a prejudicar seu antigo agressor. A fim de se libertar desta cobrança, o médium assume uma prisão. Ou seja, o adepto passará uma semana pedindo bônus⁸⁸ que serão oferecidos ao espírito cobrador em ritual de *juízo*, em forma de negociação, em troca de sua liberdade. Encerrado o prazo de uma semana, em ritual de *juízo*, o espírito cobrador dá o veredicto final sobre a libertação do fiel, podendo conceder o seu perdão. A obtenção de bônus em um ritual de prisão implica em dois tipos de procedimentos: colher bônus em um caderno, ou seja, pedir que outros médiuns assinem nomes em seu caderno até um total de 2.000, que serão 2.000 bônus⁸⁹, e realizar diversos rituais durante este período até um total de 4.000 bônus⁹⁰. Durante a realização da prisão o fiel usará uma indumentária diferenciada e será chamado de “prisioneiro” ou

⁸⁷ Ver foto.

⁸⁸ Bônus é uma moeda espiritual que é obtida com a realização dos rituais.

⁸⁹ Os prisioneiros devem conseguir um mínimo de 4.000 bônus de caderno para ir a *juízo*, sendo 2.000 recebidos em seu caderno particular e 2.000 oferecidos em outros durante o processo de prisão. Há a possibilidade de o médium não obter todos os bônus que necessita, mas ainda assim poderá ir a *juízo*, mas deverá dizer que não alcançou o número suficiente de bônus para ir a *juízo*.

⁹⁰ Cada ritual possui o seu valor em bônus. Ou seja, o *Abatá* vale a obtenção de 1.000 bônus, a *escalada* 1.000 e o *Quadrante* 600.

“prisioneiro da espiritualidade maior”. Segundo a informante, é muito comum os adeptos passarem a sentir maiores dificuldades durante estes dias. Além do mais, este ritual é realizado com a esperança de obtenção de alívio por suas dificuldades.

Coincidentemente, Graciara havia assumido prisão esta semana e iria a *juízo* neste mesmo dia, à noite. Ela é mãe de duas filhas – a mais velha tem 6 anos e a mais nova quase 1 ano - e está desempregada há um ano recebendo ajuda do ex-marido e de economias escassas. Trabalhou em diversos empregos: foi secretária em 1995, permanecendo neste emprego por dois anos, até terminar o curso técnico de enfermagem e ir trabalhar para a *Imunolife* em 1997. Em 1998, trabalhou para o GDF no programa *Saúde em Casa* e em 1999 conseguiu emprego no hospital de Sobradinho em regime de contrato temporário. Abandonou a área médica em 2003, quando foi contratada pela *Politec*, empresa de informática que prestava serviço à Caixa Econômica Federal. Em 2007, trabalhou no MEC e em 2008 na Secretaria de Educação até perder o emprego no final deste ano, quando também desfez seu casamento de 11 anos, tendo que cuidar das filhas e das finanças sozinha. Seu marido, depois de diversos empregos – seguradora de veículos, informática – comprou um caminhão com ajuda de sua mãe e aluga-o para realização de fretes. Devido a esta situação, desesperançada, disse-me algumas vezes que haveria a possibilidade de eu telefonar-lhe e surpreender-me por encontrá-la fora do Vale.

Assumi prisão devido à mensagem de sua entidade. Contou-me que no mês passado foi contratada pela *Imunolife*, por um período de um mês para realizar vacinação domiciliar de rubéola, juntamente com uma equipe. Neste período, antes de sair para o serviço, ouviu uma voz que disse: “*assim que puder, assume uma prisão minha filha*”. Ela respondeu que faria isso assim que encerrasse suas atividades. Considerou que a mensagem era de sua Preta Velha, Vovó Maria Conga das Cachoeiras. Dessa maneira, vem pedindo bônus desde Domingo passado, curiosa pelo motivo da prisão.

Mostrou-me uma fila com sete pares de adeptos que estavam saindo para um *Abatá*. Segundo ela, este ritual é realizado nos cruzamentos da cidade e tem o objetivo de transformar as energias negativas em positivas ou aprisionar espíritos sem evolução ali presentes em redes magnéticas de entidades de luz que são convidados a estes rituais. Levou-me para assistir a realização do rito. Os mestres são dispostos em pares, sendo que há um médium masculino ao lado de outro feminino e um doutrinador ao lado de um *Apará*. No

cruzamento dispõem-se em forma de elipse, sendo que o comandante deve ficar de frente para a nascente. Feita a abertura do trabalho, os mestres realizam sua emissão e seu canto⁹¹.

Graciara contou-me que quando estava assumindo a prisão pretendia realizar sete *Abatás*. Mas a cada dia surgia uma dificuldade. No primeiro dia não conseguiu ninguém para cuidar de suas filhas pela manhã e resolveu realizar o *Abatá* à tarde, mas choveu nesta hora. Na Segunda-Feira também não conseguiu ninguém para cuidar de suas filhas e apenas pediu bônus no caderno. Foi conseguir realizar o ritual na Terça-Feira pela manhã, após muitas tentativas para conseguir mestre. No total realizou apenas 3 *Abatás* e uma *escalada*. Disse que enquanto não conseguir pagar alguém para cuidar de suas filhas não vai mais assumir uma prisão. Na maioria das vezes, quem cuidou de suas filhas foi sua sogra ou seu ex-marido.

Contou-me que ainda há outro ritual realizado nas ruas do Vale do Amanhecer: o ritual de *Imantração*⁹². No entanto, este acontece geralmente uma vez por ano, apenas quando o Trino percebe que a cidade está enfrentando dificuldades de ordem diversa. Segundo ela, este rito ainda não foi realizado⁹³ este ano. A *Imantração* também pode acontecer dentro do templo. Neste caso, ocorre nas Quartas-Feiras, Sábados e Domingos. O objetivo deste ritual é o de remover espíritos que não tenham sido elevados durante a realização dos outros rituais. É realizado por falanges missionárias, que empunham lanças – as falanges femininas - e cantam mantras.

Fomos ver o *Quadrante*. Este ritual acontece num período entre as 16:00 horas e as 16:30 horas, mas nunca após este horário. A nossa guia pouco soube dizer sobre os objetivos deste ritual e o livro “Leis e Chaves Ritualísticas” apenas explica como o ritual deve ser realizado diariamente (Zelaya, s/d: 112). A monografia de Djalma apenas explicou que este ritual tem o objetivo de “proceder a manutenção do quadrante do dia, visto que cada um deles corresponde a uma entidade e a um dia da semana: Domingo: Quadrante da Princesa Jurema; Segunda-Feira: Princesa Janaína; Terça-Feira: Princesa Iracema; Quarta-Feira: Princesa Jandaia; Quinta-Feira: Princesa Juremá; Sexta-Feira: Princesa Janara e Sábado: Princesa Iramar” (Gonçalves, 1999:45). Conversei com Marcos Antônio que me disse que,

⁹¹ O canto corresponde aos feitos realizados no passado de outras vidas de cada adepto. No entanto, este relato era fornecido por Tia Neiva, mas com sua morte, os adeptos masculinos passaram a realizar o canto de *jaguar*, quando estão usando a indumentária do *jaguar* – calça marrom, camisa preta e capa -, as mulheres realizam o canto da ninfa, quando usam a indumentária de ninfa ou então cada qual realiza o canto da falange missionária, quando estão usando estas indumentárias – canto do *magô*, da *samaritana* etc.

⁹² Ver glossário.

⁹³ No dia 23 de Agosto de 2009, em um domingo, o ritual de *Imantração* foi realizado em razão das disputas que têm ocorrido entre os irmãos Gilberto e Raul Zelaya. Não houve a participação de muitos médiuns.

segundo alguns, este é o ritual do “Povo do Sol”, sendo realizado quando o dia acaba e a noite começa, pois é a garantia de que “*quando o dia acabar as trevas não vão dominar*”⁹⁴. Este ritual acontece no Solar dos Médiuns⁹⁵ ao redor do Lago de Iemanjá, por onde passam os fiéis em pares, tendo à frente uma corte com suas respectivas lanças⁹⁶.

Graciara contou-me que a realização deste ritual num período de sete dias permite que o adepto realize três pedidos. Por isso, é muito comum encontrar médiuns realizando este ritual durante uma semana inteira. Contou-me que após a participação do *Quadrante* no Solar dos Médiuns, que dura cerca de 2 horas, ainda devem completar o ritual entregando a energia no *Turigano*, depois da *escalada*. Contou-me que realizou os sete *Quadrantes*, em 2006, para tentar comprar uma casa no Vale do Amanhecer. Ela tinha um carro, mas não estava conseguindo vender o ágio do veículo. Contou que, quando terminou de realizar o ritual, conseguiu vender o carro dois dias depois e na semana seguinte recebeu o dinheiro do GDF por ter participado do programa do governo “Saúde em Casa”. Com este dinheiro conseguiu pagar a casa que queria comprar. No entanto, após três anos, não quer mais morar no Vale do Amanhecer, afinal, além dos fuxicos frequentes, ainda tem que lidar com a dificuldade de deslocamento, pegando ônibus com duas crianças pequenas sempre que tem que resolver alguma situação.

Após o ritual de *Quadrante*, iria acontecer o terceiro intercâmbio do ritual de *Estrela Candente*, também chamado de *Escalada*. Este ritual acontece também diariamente, em três momentos do dia, tendo uma duração de uma hora cada período, chamado de intercâmbio. O primeiro acontece às 12:30 horas, o segundo às 14:30 e o terceiro às 18:30. Durante a realização de cada intercâmbio, desce uma *Amacê*⁹⁷ até o lago artificial em forma de estrela de seis pontas, para conduzir espíritos imensos que são elevados pelos adeptos. Os médiuns devem se deitar no chão, nos chamados *esquifes*⁹⁸, como se sofressem um sacrifício, para deixar por ali a impregnação de suas energias. Terminada a terceira consagração, os médiuns se dirigem até o *Turigano* para a entrega das forças adquiridas.

Graciara explicou que participou de uma *escalada* durante a realização do trabalho de prisão. Disse que é aconselhável realizar ao menos um ritual de *Estrela Candente*

⁹⁴ Tive que me render à riqueza poética e simbólica desta explicação.

⁹⁵ Ver glossário.

⁹⁶ Ver foto.

⁹⁷ *Amacê* é o nome dado para uma nave espacial que participa do ritual. Naturalmente não pode ser vista a olho nu.

⁹⁸ Ver foto.

a cada prisão assumida. Terminada a terceira consagração, a guia foi colocar sua indumentária de prisioneira para pedir os últimos bônus de caderno que faltavam, para em seguida participar do *juízo*.

Reencontrei-a no pátio do templo, uma hora depois, ainda em tempo de vermos o final do ritual de *Estrela Sublimação* ou *Estrela de Nerhu*⁹⁹. Chegamos no momento em que todos os médiuns *Aparás* do ritual, incluindo os que eram pacientes, incorporavam espíritos de alta hierarquia. Este rito é realizado em uma construção circular, no pátio do templo e, conforme Graciara, é um ritual que move grandes energias. De acordo com o acervo Tumarã, no tópico “*Estrela de Nerhu*”, este ritual “*é a fonte de energia da transição para uma nova era e, com a Estrela Candente e o Turigano, forma a perfeita simetria que completou a triangulação de forças dos Grandes Iniciados*”. Este ritual realiza a encenação de um acordo necessário entre duas adeptas da falange das *Nyatras* com representante do 1º Cavaleiro da Lança Vermelha, para que ele busque as representantes das *Esmênias*, devidamente preparadas no *Turigano*, que desempenharão o sacrifício ritual em esquifes localizados no interior do círculo da *Estrela de Nerhu*.

Terminado o ritual, Graciara dirigiu-se até o pátio do templo para conseguir concluir o número de bônus necessários para o seu caderno. Permaneceu algo em torno de duas horas nesta atividade, aproveitando a grande quantidade de prisioneiros, e dirigiu-se para a entrada do *Turigano*. Tentei conversar com ela, mas estava muito compenetrada, talvez um pouco entristecida, por isso, achei melhor deixá-la em seu momento.

Enquanto o *juízo* não começava fui ao templo. Conversei com o recepcionista Leandro para que me apresentasse os rituais que aconteciam. Em síntese, pude ver o último *Randy*¹⁰⁰, ritual de grande efeito curador, antes que chegassem os membros da *escalada*. Ainda pude ver a Mesa Evangélica¹⁰¹, mesa triangular em que médiuns de incorporação ficam sentados incorporando espíritos sofredores recém desencarnados, sendo elevados por doutrinadores; o trabalho de tronos vermelhos e amarelos, onde havia a comunicação de Pretos Velhos com pacientes, acompanhados por doutrinadores; ainda pude observar o *sanday de cura*, que utiliza a própria energia dos médiuns; a junção em que o

⁹⁹ Ver glossário.

¹⁰⁰ Ver glossário.

¹⁰¹ Ver glossário.

paciente recebe o passe magnético¹⁰² de sete doutrinadores, para a libertação de seus *elítrios*¹⁰³; a indução que realiza a “absorção e desintegração de cargas negativas”¹⁰⁴, servindo para aliviar dificuldades materiais, sobretudo de condição econômica; linha de passe, onde são incorporados caboclos¹⁰⁵, a fim de retirar energias negativas residuais que encontram-se nos pacientes; depois da *escalada* ocorreria a defumação, que é a aplicação de fumaças provenientes de essências para limpar a aura do paciente e ativar seus *chakras*; ainda acontecia o ritual de *Cruz do Caminho*, ritual este que se baseia em forças curadoras provenientes do Egito Antigo. Tudo isso acontecia ao mesmo tempo e, em todos, podia ser visto não apenas médiuns, mas também pacientes sendo atendidos.

Voltei ao pátio e começavam a chegar os adeptos que estavam na *escalada*, para entregar a energia. Observei a aglomeração, a realização das emissões, a entrada dos médiuns em fila no templo, a realização da prece de *Sabá* e a saída dos mesmos. Depois ocorreu o trabalho de contagem, dentro do templo, neste momento todos os rituais são interrompidos para ocorrer a incorporação de entidades de luz e a elevação de espíritos através dos doutrinadores.

Encerrado o ritual de contagem, o de *juízo*¹⁰⁶ começava. Demoraram cerca de duas horas para os prisioneiros começarem a ser atendidos pelos Pretos Velhos que diriam suas sentenças. O mestre Nélio é quem comanda este trabalho já há cerca de 30 anos. Para o ritual começar é necessário que todos os médiuns estejam dispostos em suas funções. Deste modo, representantes de falanges que estão na corte devem realizar suas emissões e cantos, a representante de Koatay 108 deve ser conduzida até a frente da via sagrada; em seguida a condessa de Natary¹⁰⁷, testemunha de todos os tempos, que representa no *juízo* e no *Aramê*¹⁰⁸ o Cavaleiro da Lança Negra, o *Chapanã*¹⁰⁹; ao lado de Nélio encontram-se o Promotor e a Defensoria. Realizadas as emissões e os cantos dos participantes mais

¹⁰² O passe magnético é aplicado pelo doutrinador que se posiciona atrás do médium de incorporação, utilizando as energias localizadas no seu plexo, para aliviar impregnações residuais das incorporações do médium de incorporação.

¹⁰³ Conforme o “acervo *Tumarã*”, *elítrios* são espíritos obsessores que têm a forma de uma cabeça de macaco achatada, com um tamanho de 10 cm, localizado no corpo físico de uma pessoa.

¹⁰⁴ Cf. Acervo *Tumarã*.

¹⁰⁵ Ver glossário.

¹⁰⁶ O ritual de *juízo* não acontece todo Sábado, mas é intercalado com o *Aramê*, ritual de prisão para a libertação de cobranças de diversos espíritos ao mesmo tempo. Nestes dias não ocorre a comunicação com os Pretos Velhos.

¹⁰⁷ A condessa de *Natary* é uma entidade dos tempos da Revolução Francesa, por isso a pronúncia de seu nome é “Natarry”. Há alguns registros como “Natanry”.

¹⁰⁸ Ver glossário.

¹⁰⁹ Cf. acervo *Tumarã*, no tópico “*Chapanã*”.

significativos, o Promotor faz um discurso de acusação dos prisioneiros seguido do Defensor que realiza um discurso de defesa. A partir deste momento, o mestre Nélio pede a incorporação dos Pretos Velhos que atenderão os pacientes, já observados pelas entidades mais importantes, responsáveis pelo ritual no mundo espiritual: Pai João de Enoch, Pai Zé Pedro de Enoch e Pai Joaquim das Almas. Agora os prisioneiros serão atendidos, ouvindo, primeiramente, os Pretos Velhos, mas havendo a possibilidade de conversarem com seus espíritos cobradores, quando deverão se defender do que aconteceu em outras vidas, procurando convencê-los de que não são mais a mesma pessoa, para assim conseguir o seu perdão. Sem a libertação do espírito, deverão permanecer presos por mais uma semana.

A fim de não causar transtornos à informante, preferi entrevistá-la no dia seguinte. Cheguei à sua casa por volta das 10:00 horas de Domingo e, à primeira vista, estava muito satisfeita. Cumprimentou-me muito sorridente e retribuiu mais sorrisos quando comentei que ela estava muito diferente da pessoa que se dirigira para a fila do *juízo*, na noite passada. Quando lhe perguntei como foi a libertação, respondeu-me que havia sido maravilhosa e contou-me de imediato sua história. Assim que Graciara se aproximou de Pai João, o Preto Velho disse que havia alguém querendo conversar com ela. A *ninfa* não estava esperando que algum espírito cobrador fosse querer conversar. Dessa maneira, a entidade incorporou o espírito de uma menina, que disse que havia sido sua irmã mais nova em outra vida, na época do Brasil colônia. A situação foi a seguinte: com a morte de seus pais, Graciara passou a ser responsável pela caçula e havia feito uma promessa de cuidar dela neste período. No entanto, se viu com dificuldades de cumprir o prometido quando resolveu casar-se, deixando a irmã mais nova em uma casa de prostituição e nunca mais foi vê-la. Sua irmã, em vez de sentir ódio, sentia muitas saudades. Por isso, embora acompanhasse a adepta, não lhe fazia mal, pois gostava muito dela. Porém, o prejudicado era o espírito da irmã, pois ela não continuava o seu caminho espiritual.

A menina, que não quis se identificar, disse que enquanto permanecia ao seu lado, via também uma senhora acompanhando-a. Graciara achava que fosse sua Preta Velha, Vovó Maria Conga das Cachoeiras, mas o espírito não tinha certeza de seu nome, apenas disse que ela emanava uma forte luz branca e que explicava-lhe sempre que as duas iriam se reencontrar no ritual de juízo.

Graciara, então, começou a pedir-lhe para pensar sobre sua própria condição. Começou a argumentar que a menina deveria seguir o seu próprio caminho e que deveria procurar sua libertação, ou seja, ir para o hospital de *Mayante* e, em seguida, continuar o seu

caminho espiritual. Argumentou que ainda haveria a possibilidade de se reencontrarem, caso ela reencarnasse. A irmã de Graciara respondeu que, conforme a senhora que a acompanhava, ela não voltaria mais e que se reencontrariam algum dia.

A prisioneira, então, perguntou sobre os objetivos do espírito que a visitava.

“Aí eu perguntei: você me fazia algum mal? Aí ela falou assim: não, eu só queria ficar perto de você, porque eu gosto muito de você e você tinha muito carinho por mim e você continua tendo o mesmo carinho (...) que antes. Eu falei assim: infelizmente não lembro da época que a gente viveu juntas, que é uma outra época, aqui na terra é apagada nossa memória, então não lembro realmente como a gente era. Mas eu gostaria muito de lembrar e reviver e relembrar os bons momentos que a gente viveu juntas. E (ela falou) ‘nossa você ainda gosta mesmo de mim’. Sabe, dava uma vontade de chorar, Erich. Aí, sabe, aquela sensação de não querer ir embora. De não deixar (ela ir), sabe? Mas, tipo assim, era necessário, era preciso você deixar ela partir. Apesar que fica tão, tanto bem, tanto bem, sabe (emocionada) (...) só isso. (incompreensível) aí ela falou que ia e ia ficar me esperando. Foi muito bom. To sentindo um vazio, to falando pra você. Que eu ainda to sentindo, né. (emocionada).

Finalmente, Graciara falou o quanto havia sido inesperado o resultado de sua prisão, organizada por sua Preta Velha. Vovó Maria Conga das Cachoeiras prendeu a Apará e, segundo Maria Conga, passou uma semana preparando o espírito para conversar com Graciara. Disse que este ritual havia superado suas expectativas, pois esperava um espírito que fosse cobrar-lhe pelo que fizera em outras vidas.

Quando Pai João voltou para o aparelho, pediu-lhe para defumar sua casa, porque ainda havia impregnação daquele espírito por ali e disse que não faltaria pão e que seu emprego estava a caminho.

Graciara concluiu, finalmente:

“(...) maravilhoso. Maravilhoso mesmo. Sabe o que é você imaginar todos os problemas e você não saber nada dos problemas seus? É muito gratificante. Nossa, muito bom”.

Naturalmente este foi um caso em que a adepta foi bem sucedida em seu ritual. Afinal, foi perdoada pelo espírito cobrador, alcançou a promessa da solução de seus problemas financeiros, ou seja, de realizar sua cura, e ainda conseguiu conversar com seu cobrador, o que nem sempre acontece. No entanto, isto não implicou na suspensão imediata de suas dificuldades. Embora este ritual tenha acontecido em 06 de Junho de 2009, Graciara ainda não conseguiu emprego. Ela não considera que tenha havido algum engano do Preto

Velho, mas apenas que o tempo das Entidades é diferente do nosso, pois elas conseguem ver o futuro com muito mais facilidade. Graciara acredita que sua condição social vai melhorar, mesmo porque isso já aconteceu antes. Não devemos nos esquecer que ela atribui a compra de sua casa ao seu empenho em realizar os rituais e acha que isso vai se repetir.

Não podemos deixar de considerar a satisfação e confiança de Graciara nas entidades ao participar do *juízo*. Foi graças ao desempenho do ritual que seu reencontro tornou-se possível. Mas também foi devido à sua Preta Velha que Graciara assumiu a prisão e sua irmã caçula foi amparada e orientada. Esta confiança, bem como as realizações pessoais, justificam muito a crença de que as curas poderão acontecer. Por outro lado, não seria possível a participação no *juízo* se a adepta não fosse inserida na doutrina e não houvesse desempenhado outros rituais para conseguir os bônus necessários para a sua libertação. Todas as outras atividades espirituais confluíram para o *juízo*, o conjunto de tudo que foi realizado beneficiou-a ao final.

3.5. A interpretação do mecanismo do Estado soberano:

3.5.1. A natureza política dos rituais

O Vale do Amanhecer possui uma variedade imensa de rituais. O livro “Leis e Chaves Ritualísticas¹¹⁰” faz a descrição de cerca de 40 ritos, explicando quais as funções exercidas por cada médium de acordo com sua mediunidade, gênero e número de consagrações. Segundo esta obra, e conforme, principalmente, às informações etnográficas, podemos perceber que a realização dos trabalhos espirituais é associada às qualidades dos espíritos que devem ser elevados. Ou seja, para cada tipo de situação que o espírito esteja sofrendo, ou a cada tipo de ameaça que ele represente, há um trabalho específico para ele (Marques, 2002). Em linhas gerais, temos o seguinte: se um espírito afeta o estado físico de um paciente, ele será elevado no ritual de cura ou *Randy*; se ele acabou de ‘desencarnar’ e

¹¹⁰ Livro ditado por Tia Neiva a Nestor Sabatovicz, que descreve os rituais realizados do Vale do Amanhecer.

está vagando sem um rumo determinado, será submetido à Mesa Evangélica; se está ameaçando alguns lugares dentro da cidade do Vale do Amanhecer, será preso às redes magnéticas do *Abatá* e assim por diante. No entanto, fazendo uma avaliação sobre estes rituais e espíritos, ao mesmo tempo em que levamos em consideração o tema deste trabalho, podemos estabelecer uma classificação esclarecedora. Alguns espíritos são elevados para a casa transitória de *Mayante* por meio de rituais que fazem uso de uma conversa institucionalizada que tem o objetivo de esclarecer a condição do espírito¹¹¹ e do novo caminho que ele vai seguir em razão do efeito do ritual. Aqui, temos a Mesa Evangélica, o trabalho de tronos, o de *Estrela de Nerhu* e o trabalho de *Estrela Candente*. Outros espíritos são submetidos a rituais ou símbolos que tenham referências às condições bélicas, tais como os portais do Vale do Amanhecer que são como portões ou muralhas que impedem a entrada de falanges de espíritos; os rituais de *Abatá* e de *Imantração*, que são similares a mecanismos de defesas organizadas contra ameaças de um centro de governo. Há ainda os que representam acordos políticos, negociações ou mecanismos judiciais, assemelhando-se até mesmo aos mesmos riscos de uma condenação. Os rituais de *Turigano*, *Estrela de Nerhu* e *Unificação* são uma teatralização de acordos políticos muito importantes e bem sucedidos; os de *Angical* e *Prisão/Julgamento* são uma mistura entre acordos, acusações e defesas que envolvem entidades de luz, adeptos e espíritos cobradores, cujo resultado imprevisto pode ser agradável ou desfavorável. Assim, basicamente, há três grupos: os rituais que implicam orientações aos espíritos; os que são atuações bélicas; e os que são acordos-negociações-acusações – estando no patamar das leis e do jurídico.

Levando em consideração estas qualidades, podemos destacar algumas similaridades entre o Vodou e Vale do Amanhecer. Elas são uma ordem político-religiosa que aplica o desempenho de uma composição hierárquica de forma a mimetizar uma transformação que deve ocorrer no meio social. No entanto, embora o vodou empregue a inserção dos próprios personagens do conteúdo político social contemporâneo nos seus ritos, em um teatro em que eles são subalternos e até benevolentes – o que difere da realidade –, o Vale do Amanhecer é um pouco diferente. Afinal, sua hierarquia corresponde a um conjunto de forças individuais e coletivas que garantem a eficácia do ritual e a melhoria da condição do médium no cotidiano. A estrutura dos ritos com suas ‘emissões’, seus comandantes, suas cortes e suas divisões espirituais agem sobre as entidades das trevas (Gonçalves, 1999).

¹¹¹ Muitos espíritos não sabem que estão desencarnados, por isso, devem ser esclarecidos no momento da elevação.

Os ritos mimetizam as transformações por meio de recursos ímpares que se diversificam de acordo com os rituais praticados. Em dois deles são encenados sacrifícios (*Estrela Candente* e *Estrela de Nerhu*) em que as energias ectoplasmáticas de tais atos são utilizadas para atrair espíritos das trevas. Na grande maioria há uma corte, munida de lanças e roupas distintas conduzindo o comandante, simulando, assim, aspectos militares da Antiguidade. Em outros há a representação da mudança emocional de espíritos obsessores e, por sua vez, da condição do paciente (sobretudo *tronos Vermelhos* e *Amarelos*) (Marques, 2002). Há os que encenam narrativas complexas em que há um longo desenvolvimento e um desfecho (*Estrela de Nerhu* e *Turigano*), em que envolvem reis, comandantes e acordos políticos. Desse modo, uma linguagem performática está a ser utilizada nos ritos para mudar um estado que é a doença do cliente (Siegel, 2006:47). Estes rituais têm em comum o emprego de uma ação, com grande grau de organização, que age sobre algo. Esta questão relembra Herzfeld, que disse haver um paralelo ideológico entre as operações do destino e da burocracia (1982: 139). Em nosso caso, rituais que dão uma “ênfase no conflito”, agem contra espíritos para provocar curas: alívios das condições dos pacientes e médiuns. Talvez estejamos diante de perpétuas encenações de batalhas espirituais.

Outro assunto que merece ser investigado é a função e a credibilidade dos rituais. Saliento que seus objetivos são os de provocar um efeito. Esta questão já vinha sendo destacada por Lévi-Strauss (1975). Essa é também uma preocupação do Vale do Amanhecer. Lembremo-nos que os ritos são desempenhados porque os adeptos também necessitam do resultado benéfico de seus efeitos em diversas questões, como na da saúde física, no aspecto das finanças pessoais, na das relações sociais entre outras. Gluckman já havia falado sobre este assunto (1971). No entanto, o que este autor parece chamar a atenção é que o ritual tem sua eficácia ainda maior por ser, este, desempenhado em forma de uma estrutura política. Afinal, este não tem apenas sua qualidade associada à ordem e à estabilidade (Gluckman, 1971:30), mas também, o sistema político visa garanti-las no meio social (*ibidem*:31). Deste modo, no ritual, “a natureza é subjugada pelo sistema político (...)” (*ibidem*: 30). Dentro deste parâmetro encontra-se a afirmativa de Herzfeld, dizendo que o Estado tem a função de tornar o destino previsível (Herzfeld, 1982: 137). Assim, tem-se um duplo recurso para se obter uma eficácia. Em primeiro lugar, há um ritual, com a função de provocar um efeito - subjugando a natureza ou seus espíritos ancestrais, como é o caso de Gluckman, ou subjugando os espíritos sofredores, obsessores ou os do Vale das Sombras, no caso do Vale do Amanhecer. Enquanto o segundo recurso, para o alcance desta eficácia, é a qualidade de

ambos os rituais serem a estrutura, ou a metáfora de um sistema político. Ou seja, visam garantir a ordem, a subordinação e a obediência à lei.

3.5.2. Os poderes de Estado no Vale do Amanhecer

Vale a pena salientar ainda que há outras estruturas significativas que merecem um comentário por suas peculiaridades. Se verificarmos com mais cuidado, poderemos observar que o conteúdo espiritual do Vale do Amanhecer, em seu conjunto, apresenta o que chamamos de poderes de Estado. Afinal, encontramos um contexto burocrático espiritual, com seus responsáveis no âmbito do executivo, do legislativo e principalmente do judiciário. *Pai Seta Branca* é o grande responsável pela doutrina. Foi ele quem trouxe as leis e as explicações de todos os rituais. Pai João de Enoch é o executivo do Vale do Amanhecer nos planos espirituais. Pai Joaquim das Almas, Pai João de Enoch e Pai Zé Pedro de Enoch são os responsáveis pelo ritual de *Julgamento* que acontece aos Sábados. A partir disto, poderíamos explorar mais esta questão na sua contribuição para o significado dos rituais. Afinal, temos a organização de um sistema burocrático espiritual que engloba os males de pacientes e médiuns com a mesma precisão do funcionamento de um Estado. Isto dá suporte ao conjunto de rituais, que, ironicamente, têm a característica de um aparato militar, o responsável pela defesa, mas que necessita de um amparo burocrático.

3.5.3. Novas abordagens referentes a Estado

Por outro lado, uma análise que vale a pena ser avaliada é a questão do Estado e dos seus representantes. Afinal, onde está o centro e a sua representação no caso do Vale do Amanhecer? Muitos de seus adeptos foram colocados em cargos em razão de determinações vindas das próprias possessões. Logo, o centro parece estar em uma localização abstrata e a questão do Estado, com suas articulações, se complexifica um pouco. Isto parece reforçar o depoimento de Paulo Silva, 27 anos, de que a doutrina é de *Pai Seta Branca* e que Michel

Hanna ou Raul Zelaya estão desempenhando uma função administrativa. Com base nisto, fica, portanto, esclarecido um dos motivos pelo qual os adeptos não saem da doutrina: preferem dar destaque para o exercício da mediunidade. E este exercício de mediunidade está diretamente associado a uma estrutura político-estatal espiritual. Não estaria, portanto, a prática mediúnica atendendo às mesmas motivações que levaram à construção do Vale do Amanhecer e à formulação de seus rituais? Não seriam, então, estes os objetivos do centro, ou os do Estado?

Gostaria aqui de pensar o que seriam os representantes do Estado no Vale do Amanhecer. Afinal, o centro certamente é mais abstrato que os seus representantes, e talvez por isso, seja um ideal sempre a ser alcançado. Este está em um ponto inalcançável por estar associado ao mundo espiritual, ou ao corpo burocrático extraterreno. Deste modo, o plano concreto já é por si só um espaço onde apenas podem atuar os representantes do Estado, pois afinal, todas as determinações vieram do plano espiritual e, deste modo, todos os médiuns indiscriminadamente não podem estar neste âmbito. Por isso a presença de Tia Neiva era tão importante, afinal ela melhorava a comunicação entre centro e seus representantes, repassando as orientações de *Pai Seta Branca* sobre os rituais, a construção do templo, as ornamentações das roupas, os mantras etc. Temos, no entanto, uma peculiaridade, pois ainda há uma comunicação entre os mestres e as entidades, mas estes espíritos de luz estão abaixo de uma hierarquia no mundo espiritual, o que implica dizer que estes também estão no contexto da representação do Estado, embora suas relações com o centro sejam diferentes das dos médiuns.

Neste caso, o fortalecimento das articulações político-administrativas apenas ocorreria por meio das realizações dos rituais. Pode-se dizer que a comunicação política no Vale do Amanhecer entre centro e seus representantes tornou-se enfraquecida desde a morte de Tia Neiva. Afinal, não há mais como atender diretamente às determinações de *Pai Seta Branca*. Assim, as decisões para o melhor funcionamento da instituição e dos rituais devem partir dos Trinos Triadas¹¹² Presidentes, que não possuem clarividência. Por isso, há questionamentos intermináveis sobre mudanças nos ritos, que já sofreram alterações para se adaptar às condições atuais.

Considerando que o centro do Estado está em um plano extraterreno, o qual se confunde com a dimensão etérea, é importante saber o que isto significa na prática para os adeptos. Afinal, se os fiéis quiserem a proteção de uma entidade espiritual, eles devem

¹¹² Ver glossário.

realizar preces ou mentalizar suas presenças. Por outro lado, os médiuns também possuem maiores responsabilidades, pois devem ficar atentos às questões morais e éticas no seu cotidiano e qualquer deslize pode significar alguma cobrança espiritual futura. Deste modo, o comentário de Das & Poole sobre Clastres torna-se tão literal para nós: “*Here, as in many other anthropological texts, the state was assumed to be an inevitable or ghostly presence that shaped the meaning and form that power took in any given society*” (Das & Poole, 2004:5). Ou seja, o Estado pode ser considerado como se estivesse sobre e sob os indivíduos humanos (Evans-Pritchard, 1940: xxiii). Neste aspecto, devemos entender o Estado como uma abstração que envolve os médiuns não apenas nas imediações do templo, mas também no seu cotidiano e até mesmo na sua intimidade. Muitas das decisões, avaliações e interações do adepto no cotidiano estão de acordo com sua concepção sobre a presença de espíritos de luz ou cobradores no meio social. Assim, atualizamos Das e Poole, ao se referir que as margens não estão meramente localizadas dentro de um território (Das & Poole, 2004:8). Ademais, o Estado está tão próximo do adepto e é tão inalcançável ao mesmo tempo, que se confunde com ele próprio, reforçando mesmo as qualidades do superego do ser por sua representação da lei e da punição (Azevedo, 2001). O Estado está onde a representação do centro puder chegar e esta questão tem mais relação com uma qualidade cosmológica do que com uma delimitação espacial.

Quero ainda apresentar outro argumento, baseando-me em Ferguson e seu conceito de Estado. Devemos compreender inicialmente que a participação nos rituais implica também a inserção do adepto em um conjunto de energias que o afeta em diversos contextos. Estas são benéficas e curadoras. No entanto, energias acumuladas pela falta do exercício de mediunidade, são prejudiciais aos médiuns, podendo causar problemas de saúde, de condições econômicas, de relações pessoais, da ordem do acaso – como acidentes –, entre outros. Quando o médium participa de um ritual – em razão do seu envolvimento com as energias –, ele obtém suas curas por dois motivos. Primeiro porque recebe energias nos rituais. Segundo porque suas próprias energias são utilizadas nos mesmos. Deste modo, ele faz parte de um sistema de trocas¹¹³ em que estão envolvidas forças que recebe, que ajuda a movimentar e as que oferece. Estas forças são provenientes do cosmo, das estrelas, da lua etc. O trabalho de Pirâmide ocorre todos os dias. Este tem a função de conectar um canal de energias que vem da elipse situado no morro que está acima do lugar onde é realizado a *Estrela Candente* e, assim, permitir que estas forças cheguem ao templo, para que, desta

¹¹³ Este sistema de trocas de energias é semelhante às trocas de braceletes tão observada por Malinowski entre os Trobriandeses (1978). Os habitantes são incentivados a manter os objetos dentro do sistema de trocas.

forma, todos os rituais possam ser realizados. Deste modo, podemos finalmente falar sobre Ferguson. Segundo ele, o Estado não é uma substância possuída por indivíduos ou grupos que se beneficiam dele. Nem é também uma fonte de poder, nem a projeção de poder de um sujeito interessado (grupos dirigentes). Mas o Estado é um ponto de coordenação e multiplicação de relações de poder (Ferguson, 1990: 253). No Vale temos peculiaridades que devemos salientar. O Estado transcendente deixou de ter uma conexão direta com o Vale do Amanhecer após a morte da Tia Neiva. Deste modo, as determinações partem dos próprios Trinos. Assim, podemos dizer que o Estado do Vale e seus Trinos têm aquela função salientada por Ferguson: a de coordenar e multiplicar relações de poder. No entanto, se consideramos o poder do Estado extraterreno, temos que ele é uma fonte, uma “espécie de usina geradora” (Benjamin, 1994:21) que até pode ser possuída, embora nunca deva, pois tem que estar circulando e sendo oferecida nos rituais, onde serão coordenados e multiplicados. Deste modo, o Estado do Vale é dividido. O do mundo espiritual, que é fonte de poderes que podem ser possuídos, mas que devem ser circulados e amplificados nos rituais, para provocarem curas, e o dos Trinos, que não é fonte de energia nenhuma, mas é um elemento deste circuito. Este sim, é apenas um centro de coordenação e multiplicação de poder e que, não deve ser considerado, independentemente do poder das entidades espirituais.

Não podemos deixar de perceber que as estruturas dos rituais do Vale do Amanhecer estão associadas às desobsessões, no entanto, devemos salientar seus aspectos bélicos pelas presenças de lanças e cortes que protegem o comandante, sobretudo nos deslocamentos do lado de fora do templo. O ritual de *Abatá*, por exemplo, é realizado nas encruzilhadas das ruas onde são pontos ameaçadores de energias, visando a transformação das forças locais e assim garantir a proteção da comunidade e do templo (Gonçalves, 1999). A *Imantração* também é realizada nas imediações do templo. Os médiuns, utilizando lanças, caminham em fila cantando mantras e retornam para o interior do templo, como se estivessem em vigília (*Ibidem*, 1999). Além do mais, a cidade do Vale do Amanhecer possui um portal que separa a cidade do mundo externo, tendo cavaleiros dos planos espirituais que a protegem. Isto implica dizer que a doutrina se organiza para se precaver de um ambiente ameaçador, que são energias e espíritos desordenados. Ferguson destacou a importância do controle militar ao descrever que a mudança da capital de Taba-Tseka, não apenas estendia o aparato dos serviços e controle do governo sobre a região, mas também facilitava o controle militar do local (1990: 253). No entanto, temos um detalhe a mais a destacar aqui. Acrescento algo que

já vinha sendo observado por Gluckman, que é a existência de “(...) uma ordem estabelecida” (...) “contra o assalto das forças do caos” (1971:22). Isto assemelha-se muito também ao argumento de Das & Poole de que há relação entre violência e funções ordenadoras do Estado. Segundo elas, “*Key to this aspect of the problem of margins is the relationship between violence and the ordering functions of the state*” (Das & Poole, 2004:6).

Outra questão interessante é que o Vale não apenas lida contra os elementos marginais assim como o Estado, mas os aspectos associados à periferia assemelham-se aos destacados por Das & Poole. Os espíritos do Vale Negro, os obsessores ou os cobradores constituem aqueles que devem ser transformados pelas energias dos rituais. Alguns destes são descritos como de grande maldade e organizados em hierarquias, enquanto outros, como os que provocam prejuízos aos seres vivos. Isto lembra o que Das & Poole falam sobre Estado de natureza. “*Instructive here is the concept of the state of nature as the necessary opposite and origin point for the state and the law*” (Das, 2004:8). Além do mais, ela ainda destacou um outro aspecto muito interessante sobre as margens, o que as relaciona aos conceitos acima. “*(...) the margins we explore in this book are simultaneously sites where nature can be imagined as wild and uncontrolled and where the state is constantly refounding its modes of order and lawmaking*” (*Ibidem*:8). Deste modo, podemos afirmar que os espíritos obsessores e os do Vale das Sombras possuem qualificativos em comum com o conceito de margem à sua oposição ao Estado e às leis, bem como às suas qualidades de selvagem e do fora de controle, merecendo por isso as atuações constantes das forças do Estado para conseguir manter a ordem e a lei.

O Vale do Amanhecer parece mostrar que está constantemente procurando manter seus domínios sobre espíritos que são uma ameaça contra a ordem e a lei, por isso os rituais são sempre desempenhados. À vista disso, a doutrina utiliza recursos que são também previstos pelo Estado para garantir o seu domínio na periferia. Destaco aqui três valiosos recursos: a educação, que tem o objetivo de transformar o Estado de natureza (Das & Poole, 2004:8); a justiça popular, que satisfaz as classes não privilegiadas (*Idem*:32); e a segurança policial, que garante a paz pela força legitimada do Estado (*Ibidem*:7). Deste modo, devemos explicar que os espíritos elevados para os planos espirituais de *Pai Seta Branca*, passam por período de educação. Não era, portanto, esse o interesse de Gandhi: antes converter seus inimigos que destruí-los? (Bailey, 1998:192). Entretanto, mais interessante é a aplicação da transformação emocional do espírito antes de elevá-lo através do desempenho dos rituais. Na verdade, o grande objetivo dos ritos é o da transformação do sentimento do espírito, o que se

assemelha aos objetivos da educação, empregada pelo Estado secular. Por outro lado, como já foi exposto, há realizações de ritos que se assemelham ao emprego de forças policiais para manter a ordem e a lei na periferia do templo. Tal função do Estado é reforçada no trecho : *In well-organized states, the Police and the army are instruments by which coercion is exercised* (Evans-Pritchard, 1940: xiii). Além do mais, para o exercício de tal função, mantém os adeptos coesos para enfrentar inimigos internos e externos (Gluckman, 1971:20). No entanto, vale acrescentar que os cavaleiros, espíritos de luz do Vale do Amanhecer, são munidos de redes magnéticas para poder prender espíritos que habitam o mundo negro e conduzi-los até os rituais ou planos espirituais correspondentes. Acrescento ainda que os comandantes dos rituais, médiuns preparados, com suas forças espirituais, agem como representantes do Estado realizando as desobsessões, além de manter a ordem e a lei dentro e fora do templo. Considerando, finalmente o terceiro aspecto, temos que destacar a forma como o Vale mantém a justiça. Como Das & Poole explicaram, as classes não privilegiadas se sentem mais satisfeitas com a justiça popular do que com a formal (*Ibidem*:32). Os rituais que procuram a aplicação da justiça – ritual de *Julgamento* e *Angical* – preocupam-se em colocar o médium e o espírito, que foi prejudicado em contendas de passados transcendentais, frente a frente para que ambos possam conversar. Antes do rito, no entanto, o médium compreendia como o espírito se sentia. Afinal, este tem o direito garantido por *Pai Seta Branca* de prejudicar o médium, ou melhor, *cobrá-lo*, até o limite do suportável. No entanto, não acredito que este seja um sistema judiciário que prevê e até incentive a instituição da vingança, conforme já salientava Radcliff-Brown (Evans-Pritchard, 1940: xiv). Penso que se este sistema incentivasse a vingança de fato, então teríamos as mesmas situações provocadas no passado acontecendo agora com os mestres, mas as proteções dos adeptos impedem isso. O que parece termos aqui é a aplicação do conceito do direito de equidade, ou seja, a busca da “manifestação de justiça na resolução de um conflito”, não a aplicação da lei que é geral, mas a de uma sentença que é particular a cada caso (Álvarez, 2006:121) e, em nossa análise, a medida da equidade, da justiça, é dada pelos espíritos cobradores. Logo, acreditando que houve justiça, o espírito afasta-se do médium. A aplicação da justiça é também uma maneira de solucionar conflitos, procurando reconciliação entre oposições (Turner, 1996: 127).

A grande maioria dos males sofridos por pacientes ou adeptos é associada à presença de espíritos. Alguns deles são elevados com facilidade nos rituais do templo, ou nos ritos externos. No entanto, há aqueles que apenas são conduzidos a prontos-socorros

universais quando encerram a sua obstinação em prejudicar um paciente ou adepto. Naturalmente, este obsessivo desejo por “vingança” não é gratuito: ambos tiveram atritos no passado e aquele que é espírito agora, sentiu-se prejudicado naqueles tempos imemoriais. Por isso, o espírito quer que a pessoa passe por dificuldades. Ele procura reproduzir as mesmas situações sofridas. Deste modo, a melhor maneira de se conseguir uma cura seria por meio do perdão deste espírito, ou seja, conversando com ele. Rituais de *Angical* e *Prisão/Julgamento* possuem este propósito. No entanto, enquanto no primeiro caso o adepto tem a oportunidade de conversar com o espírito, acompanhado por um Preto Velho ou por outras entidades de luz, podendo durar de alguns minutos a algumas horas, no segundo caso, o ritual tem uma duração de no mínimo uma semana. Os adeptos, percebendo no cotidiano que as suas dificuldades não têm alívio, ou até mesmo orientados pelas entidades de luz, como os Pretos Velhos, assumem a prisão no Sábado ou no Domingo. Isto significa que terão que vestir um uniforme diferente, comprar um caderninho e ficar no pátio do templo pedindo que outros adeptos escrevam nomes nos mesmos. Deverão conseguir, no mínimo 4000 nomes, que correspondem a 4000 bônus. Além do mais, deverão participar de rituais, até conseguirem mais 4000 bônus. Cada ritual possui um valor. A realização da *Estrela Candente* significa a obtenção de 1000 bônus. Deste modo, como Radcliff-Brown comentou, as pessoas que cometeram faltas em rituais devem passar por um período de expiação (Evans-Pritchard, 1940:xvii). Aqui, os erros do passado mítico-cosmológico, que os pacientes nem mesmo se lembram, são os motivos para este período de sofrimento.

Finalmente, após sete dias, ou seja, no Sábado à noite, há o ritual de *juulgamento*. Neste dia o ritual é aberto por um *comandante*, há a presença de uma corte, contendo dezenas de adeptos de falanges diferentes, há cerca de vinte *Ajanãs* incorporados, os representantes dos ciganos, uma representante de *Koatay 108* (denominação de Tia Neiva no mundo espiritual) e a presença da *Condessa de Natarry* (testemunha dos pecados de todos os tempos). Os adeptos aguardam o momento para conversar com os Pretos Velhos, que os recebem. Em seguida, pode ou não haver a incorporação de um espírito cobrador, afinal, às vezes, os bônus são suficientes para a libertação do médium. Nesse caso, apenas os Pretos Velhos podem ter acesso às negociações realizadas com os espíritos cobradores, embora os adeptos devam se justificar. Na verdade, os Pretos Velhos são como um juiz mediador. Eles são como intermediários para as negociações entre adeptos e cobradores. A sua diferença de autoridade permite grande flexibilidade em relações diádicas, sendo bem aproveitados como mediadores, assim como os santos eram (Barth, 1959). Para Evans-Pritchard uma das

características que ajudam a definir a unidade política é a presença de uma arbitragem que acompanha as disputas (1940). Os Pretos Velhos aqui não avaliam a culpa dos adeptos. Os espíritos é que dirão algo sobre eles. Se sentem ainda alguma hostilidade, ou se o ódio já teria passado. Temos aqui, a existência de um grupo responsável por permitir que a vítima tenha um sentimento de justiça, conforme já destacava Radcliff-Brown (apud, Evans-Pritchard, 1940:xix).

Outro assunto me pareceu importante. Esta vigília constante do Vale do Amanhecer às desordens e às divergências com as leis parece realmente demonstrar o embate entre formas de regulações distintas (Das & Poole, 2004:8). Esta questão apenas ficou esclarecida quando comparei a doutrina com um grupo colonizador. Logo, torna-se compreensível o motivo de tantos aparatos do centro para manter a periferia em ordem. O Vale é uma doutrina que reconhece sua diferença diante dos espíritos aqui presentes, afinal, são um grupo extraterrestre que parece se precaver contra reações de espíritos que são “*other forms of regulation*” (Das & Poole, 2004: 8) e preparam-se com vários recursos para a garantia de sua proteção. Isto poderia justificar a desnecessidade de alguns rituais em possuírem pacientes – *Abatá, Quadrante e a Imantração* -, afinal, parece estar implícito em seu desempenho o aspecto bélico, a batalha contra os espíritos. Aqui temos a atualização do conceito de Estado apresentado por Radcliff-Brown, no que se refere ao contexto de uma nova ordem que luta para manter-se como um Estado invasor em território adverso (apud, Evans-Pritchard, 1940)

Podemos pensar, portanto, qual o significado destes tópicos tão fundamentais dentro de um aparato político: o poder de defesa e o judicial. Primeiramente, destaco, que ambos mostram-se essenciais para o caso do Vale do Amanhecer. No entanto, eles são aplicados com enfoques diferentes. Observemos que o sistema de defesa é acionado com urgência a partir do Vale do Amanhecer para o exterior. Ou seja, direcionam-se contra espíritos que rondam o templo, ou nas proximidades do mesmo, ou até contra os existentes no mundo. O fato de se portarem como um grupo colonizador, pelo seu conceito extraterreno e por sua qualidade ético-moral tão diferente aos espíritos aqui existentes, também justifica tamanho investimento no sistema de defesa. Têm-se ainda inúmeros rituais e mecanismos de defesa que comprovam tal importância: um portal que protege o Vale do Amanhecer; médiuns recepcionistas, que costumam estar na entrada do templo fiscalizando quem entra e quem sai, estando eles vinculados a cavaleiros que impedem também a entrada de espíritos; inúmeros rituais que realizam a prisão de espíritos em redes magnéticas – *Abatá, Leito Magnético,*

Mesa Evangélica –, e inúmeras entidades de luz que realizam estas prisões. Esta urgência está de acordo com o previsto por Deleuze e Guattari (1980), quando se referem aos dois polos de política soberana, que são o de defesa e o judiciário. Segundo eles, o polo de defesa é representado por um imperador terrível e mágico, que realiza aprisionamentos através de redes e nós. Situação muito parecida com a descrita aqui. Por outro lado, o sistema judiciário é existente e complexo em ambos os contextos: no Vale do Amanhecer e no pensamento de Deleuze e Guattari. No entanto, o que é surpreendente é que, enquanto no segundo, o rei, sacerdote e jurista aplica a lei, ou impõe-na com disciplina àqueles que não a respeitam, no Vale do Amanhecer, ela volta-se contra os próprios adeptos – afinal, foram eles que causaram prejuízos no passado mítico-cosmológico e estão sendo cobrados por seus antigos contemporâneos. A lei existe e pode ser bem rígida, mas contra eles mesmos. Além do mais, a aplicação da lei está de acordo com a particularidade de cada médium, pois ela não parte de um sistema centralizado, mas de vários espíritos com os quais o adepto teve contato em sua biografia mítico-cosmológica.

Não podemos deixar de nos atentar sobre a questão da violência. Defendo que o Vale do Amanhecer - na sua construção mítica, que engloba o parâmetro dos rituais, dos espíritos de luz, do Vale das Sombras e espíritos não evoluídos – é um Estado ou política soberana que utiliza, para a sua sustentação, da aplicação da violência. Abordo aqui esta questão sob dois enfoques: a da atuação dos rituais sobre os espíritos e a dos espíritos sobre os adeptos – ou do próprio Estado sobre o adepto. A primeira questão já foi esboçada. Os espíritos sofredores são capturados em redes magnéticas por intermédio da utilização de diferentes recursos ritualísticos ou por meio de cavaleiros de luz. Por outro lado, adeptos também são vítimas quando sofrem as cobranças cármicas. As dificuldades que os adeptos enfrentam são originadas por suas histórias transcendentais. A doutrina permite a cobrança dos espíritos não evoluídos. Isto implica em sofrimentos pelos quais o médium passa até a sua superação, ou seja, até quando os espíritos sentem que houve justiça. Portanto, a violência aparece também em outros lugares, mas de forma diferente (Deleuze e Guattari, 1980: 529): nos aprisionamentos dos espíritos pelas redes ou na aplicação da lei sobre os adeptos. Além do mais, não apenas as dificuldades sofridas pelos adeptos são uma forma de violência do Estado, mas também a submissão aos rituais, às privações perpétuas, às formalidades nas comunicações das entidades de luz etc.

Baseando-me em Deleuze e Guattari, gostaria de pensar ao menos qual é a relação que o adepto tem com o contexto religioso, devido ao aspecto da mediunidade e o sistema de

obtenção de bônus. Em geral, os adeptos relatam sentir alguns males espirituais, antes de entrarem na doutrina. Eles podem sofrer algumas doenças, ou mesmo algumas dificuldades, que são esclarecidas pelos Pretos Velhos como sendo uma necessidade para desenvolver a mediunidade, mas para isso é necessário entrar na doutrina. Assim que fazem parte do sistema, percebem que apenas a participação nos rituais pode aliviá-los. Além do mais, suas dificuldades são diminuídas a partir do momento em que conseguem suas libertações, obtidas por meio de bônus recebidos por causa dos ritos. Os bônus são uma espécie de moeda espiritual, que será armazenada e utilizada pelos ciganos espirituais no momento que a sua quantidade seja suficiente para ser negociada com os espíritos que cobram os médiuns. Dessa maneira, será obtida a libertação dos adeptos. Deste modo, uma grande maioria de médiuns, podemos perceber isso, está submetida ao sistema religioso do Vale do Amanhecer. Caso eles decidam sair, podem até mesmo correr risco de vida. Podemos falar aqui, que os médiuns sofrem aquilo que Deleuze e Guattari chamaram de violência de usurpação, que permite a montagem do sistema do Estado (1980:559). Eles, na verdade, referiram-se à questão da acumulação do sistema econômico que apenas ocorreria através deste processo usurpador. No entanto, aqui não há necessidade de uma acumulação para o sistema mover-se. É importante apenas que o sistema funcione para que um maior número de espíritos seja elevado, para que os rituais belicosos possam atuar. E isso ocorre a partir do momento em que haja médiuns trabalhando. Logo, podemos dizer que os médiuns estão sendo submissos, ou sofrendo um processo de servidão, porque eles são como peças de uma máquina, que está sob a direção e controle de uma unidade superior (Deleuze e Guattari, 1980:571). Este Estado transcendente é o que determina o grau de obrigações do adepto. Isto será aliviado conforme os bônus/horas acumulados pelo médium e negociados com os espíritos cobradores. Ou seja, assim como um aparelho de captura que apropria e compara o excedente para distribuí-lo igualmente, os bônus são apropriados e comparados conforme a necessidade do adepto (*ibid*: 552). Deste modo, interpreto que grande parte dos adeptos do Vale do Amanhecer está na condição de submissão a um sistema que cobra suas participações em rituais. Seus bônus são como bens que podem ser apropriados e comparados por um aparelho de captura, a fim de beneficiar o adepto em negociações espirituais.

CAPÍTULO III

4. Angical

4.1. Um confronto entre espíritos e médiuns

O adepto, antes e depois de entrar para a doutrina, toma conhecimento de que necessita de participar de alguns rituais para sentir alívios de suas dificuldades. Naturalmente, antes de estar inserido na instituição, ele apenas poderia interagir nos rituais enquanto paciente, mas sendo adepto, há duas maneiras: participando das performances ou também, quando necessário, recebendo tratamento de alguma enfermidade espiritual. As vítimas de males espirituais são atendidas, primeiramente, no ritual de tronos para tomarem conhecimento dos outros dos quais podem necessitar atendimento, tais como, cura, *junção*, *indução*, linha de passe, defumação, *randy*, estrela sublimação, *Estrela Candente* e linha de passe da Vovó Marilu. Os médiuns podem participar da realização de todos estes rituais e ainda dos de *abatá*, *Imantração*, *Unificação*, *Turigano* e muitos outros nas mais diversas disposições. Estes, por si já são muito eficazes, tendo a função de atuar contra espíritos desobsoadores de uma maneira direta e regular, através de rituais cênicos ou meramente convencionais e padronizados.

No entanto, muitos adeptos não encontram seus alívios nestes ritos tão formalizados, tendo que participar de outros mais impremeditados, que exigem certa dose de improviso. Um destes é o *Angical*. Há certos espíritos que apenas se submetem ao diálogo. Entidades que tiveram conflitos com o adepto em outras vidas, não se acalmam e não são elevados para os hospitais transitórios, enquanto não se retratam com seus antigos inimigos. Estas conversas ocorrem no *Angical*.

Na prática, o ritual de *Angical* acontece na segunda-feira mais próxima do dia 12 de cada mês e começa entre as 21:30 e 22:00 horas, podendo terminar aproximadamente

entre os horários de 00:00 e 01:00 hora. Na realidade, o doutrinador irá conversar com um espírito com o qual se envolveu em uma contenda em outras vidas, mas também poderá ter que lidar com espíritos que não necessariamente conheceu neste período, embora se mantenha próximo do médium, provocando dificuldades. Nestes dias, o templo não possui um lugar determinado para o ritual, estando quase todo liberado. Os adeptos se sentam onde podem em duplas, muitas vezes previamente estabelecidas, podendo conversarem sozinhas ou atendendo outro adepto. A incorporação começa depois que o comandante abre o trabalho. Neste momento, o médium de incorporação incorpora o Preto Velho e, inesperadamente, costuma vir a do cobrador, que conversará com o médium de doutrina.

4.1.1. Algumas breves impressões de integrantes sobre o *Angical*

Há muitas histórias que rondam o *Angical*, tantas quantas são os adeptos. Devido ao espaço reduzido que temos aqui, não poderemos explorá-las tanto. Porém, vou poder passear um pouquinho, para então mostrar um atendimento.

Nestes dias de *Angical*, os adeptos possuem duas preocupações básicas: primeiramente procuram conseguir bônus, obtidos pelas práticas dos rituais, para que a libertação seja possível, além do mais, procuram se precaver de algum acontecimento inesperado. Marielsi Gabarra, disse que muitas vezes seu filho já caiu em febre quando ela se preparava para sair para o ritual. Por isso, alguns fiéis nem gostam de marcar compromisso antecipadamente para este ritual.

Conversei com três mulheres que nunca participaram de um *Angical*, por opção. Cada qual por um motivo. Regina, 26 anos, da falange de *Agulha Ismênia*, doutrinadora, disse que teme ser ludibriada pelo espírito e não alcançar sua libertação. Leonor, 32 anos, doutrinadora, da falange das *Mayas*, disse que jamais vai participar de um *Angical*, porque acha que vai se impressionar com a história por vários dias. Disse que sua amiga tinha participado de um *Angical* e, no momento que o cobrador incorporou, ele deu uma risada tão assustadora que ela sentiu vontade de ir embora, mas teve que se controlar e doutrinador o espírito até o fim. Sua irmã, Teresa, 34 anos, disse que não queria saber o que ela tinha feito

no passado, por isso não participava destes ritos. Além do mais, ela não colocava crédito em algumas histórias de *Angical* que ouvia. Disse que todo mundo aqui no Vale do Amanhecer tinha sido rei ou rainha no passado. Falou que se cansou de ouvir um mestre falar em alta voz no ônibus, na terça da manhã seguinte ao *Angical*, dizer que tinha sido César, o imperador romano, em outra vida. “Por que ele não podia ser um escravo? Quantos reis o mundo teve? Logo César?”

Marcos Antônio contou-me que o templo fica repleto de médiuns trabalhando por todos os lugares nos dias de *Angical*: com poucas exceções, como o espaço da mesa evangélica, a cura, a junção, a indução e o castelo do silêncio, todos os demais são tomados por mestres sentados, sendo atendidos por espíritos incorporados. Nestes dias, conforme pude observar, o templo fica completamente distinto do cotidiano, onde os bancos que circundam os corredores, os demais disponíveis, os tronos vermelhos e amarelos ficam dispostos de outra maneira. Há diversas entidades conversando, Pretos Velhos ou espíritos cobradores, alguns calmos e outros gesticulando muito, demonstrando hostilidade, em um misto de amenidade e perigo. Por isso, Marcos Antônio não fica muito à vontade dentro do templo, afinal, sempre achava que um espírito iria chamá-lo para uma conversa. Ademais, Bálamo Azevedo, antigo integrante da doutrina, falecido em Julho de 2007, disse-lhe que se deve andar com certa cautela no templo nestes dias, pois há muitas forças envolvidas. Esta paisagem lembra-nos muito o caminho da montanha repleta de espíritos e de perigos descrito por Taussig (1997).

4.2. A realização de um *Angical*:

Há muitos anos eu queria ter a oportunidade de escrever sobre um ritual de *Angical*. Já tinha ouvido muitas histórias, mas gostaria de poder acompanhar detalhadamente o rito, para entender quais teriam sido os recursos utilizados pelo doutrinador para conseguir

o seu perdão. Deste modo, uma doutrinadora aceitou fornecer a sua história. *Avalciara*¹¹⁴, 39 anos, que participa deste ritual desde 1999, permitiu que eu observasse seu atendimento.

Bastava agora conseguir um médium de incorporação. Conversei com Marcos Antônio, 34 anos, mas ele não aceitou o convite. Deste modo, a doutrinadora concordou em chamar um *Ajanã* de sua confiança, que topou imediatamente. Isso tinha sido combinado dez dias antes do ritual. Quando faltavam apenas 3 horas para o começo do rito, eu estava no Plano Piloto e telefonei para a doutrinadora. Contou-me que o *Ajanã* não queria mais e não disse o motivo. Telefonei novamente para Marcos Antônio, que me respondeu: “*Tudo bem, pra você eu aceito*”. Agradei. Então ele me disse para não agradecer a ele, pois era sua entidade que tinha pedido. Assim, a observação tornou-se possível.

Cheguei ao templo por volta das 22:00 horas e já me encontrei com *Avalciara*. Às 22:35 o *Ajanã* chegou, foi logo cumprimentando a doutrinadora e depois se dirigiram para o interior do templo. Acompanhei-os.

Eles tiveram de fazer uma pequena preparação, porque tinham chegado tarde, e logo procuraram um lugar para Marcos Antônio incorporar. A doutrinadora fez o convite à entidade. Sentei-me de frente aos dois.

AVALCIARA: Salve Deus. Em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, nesta bendita hora, convido o abnegado mentor deste aparelho para que ele possa, em teu bendito nome, vir a realizar caridades. Salve Deus, seja bem vindo;

MARCOS ANTÔNIO incorpora a entidade: graças a Deus, (Avalciara ao mesmo tempo: graças a Deus), graças a Deus. Salve o nosso Senhor Jesus Cristo.

Após o convite, a Entidade já começa dizendo: graças a Deus, graças a Deus. Salve o nosso Senhor Jesus Cristo.

Avalciara: para sempre seja louvado;

¹¹⁴ A doutrinadora em questão não quis ser identificada, por isso, ela mesma pediu para ser chamada de *Avalciara*, que é escrava do Ministro *Yuricy*, ambos entidades de luz da doutrina. Conforme o acervo *Tu marã*, no tópico intitulado “escrava”, esta “*é uma condição da ninfa Lua, que, na verdade, só existe na realização de um trabalho da Corrente no plano espiritual, onde ela tem que atuar como se fosse realmente uma escrava de seu mestre, obedecendo e servindo para a perfeita realização daquele trabalho.*” Esta é uma condição que se refere às *ninfas Luas*, que são classificadas como escravas de algum doutrinador, mas que também se assemelham na cosmologia. A adepta observada não é escrava de nenhum outro médium.

Entidade de Marcos Antônio: *Salve o Nosso Senhor Jesus Cristo;*

Avalciara: *Para sempre seja louvado;*

Entidade: *Salve o Povo do Congo; Salve o Povo de Guiné;*

Avalciara: *Graças a Deus;*

Entidade: *Graças a Deus, graças a Deus; salve o Pai João de Enoque, graças a Deus;*

Avalciara: *Graças a Deus;*

Entidade: *Graças a Deus;*

Avalciara: *Salve Deus;*

Avalciara: *em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, quem está presente neste aparelho?*

Entidade: *Graças a Deus... minha filha. Em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo... e se faz presente... Pai João.*

Nesse momento o aparelho demonstra ter incorporado um cobrador.

Avalciara: *Com muito amor...*

Entidade: *Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo; Graças a Deus, salve a força de Mãe Calaçá, salve a força da Rainha de Guiné...*

Entidade: *gargalhada contida, seguida de outra com mais desenvoltura.*

Avalciara realiza a puxada: *Salve Deus... Louvado Seja Nosso Senhor Jesus Cristo.*

Avalciara realiza a doutrina do espírito: *Salve Deus. Louvado Seja Nosso Senhor Jesus Cristo. Salve Deus. Seja bem vindo a esse pronto-socorro universal. Aproveite essa feliz oportunidade para compreender que já é um espírito desencarnado e que através do amor e humildade, encontrarás equilíbrio na sua mente e no seu coração. Salve Deus meu irmão, seja bem vindo. (fala com naturalidade, demonstrando atenção)*

Entidade: *não... não... não... não quero ... não quero... estar... aqui... eu não queria estar aqui... não. Tu me trouxe aqui. (demonstração de raiva)*

Falou isso referindo-se a Avalciara.

Avalciara: *Salve Deus. Aproveita a oportunidade que está aqui pra fazer falador. Graças a deus. Se você está aqui é pela vontade de Deus.*

Entidade: *tu me engan... de novo.*

Interrompido por Avalciara: *quer falar um pouquinho?*

Entidade imediatamente: *eu!?*

Avalciara: *Você está no Vale do Amanhecer. Continua falando.*

Entidade: *já me enganou.*

Avalciara: *eu quero conversar com você.*

Entidade: não, você me enganou. Tu acha que tu me engana de novo.

Entidade: Tu já me enganou. Não tu me enganou outras vezes...

Avalciara: Mas nem sempre aquilo que a gente quer é prejudicar você.

Entidade: o quê que é que vai acontecer... e o quê que aconteceu agora, nada? Nada... (a entidade fala gaguejando muito. Parece que está com raiva, mas o aparelho está contido);

Avalciara: Eu estou aqui é para te ajudar. Desta vez eu estou aqui é para te ajudar. Se em outras oportunidades que nos encontramos, eu te fiz mal, agora eu estou aqui para te ajudar.

Entidade: Ah, tá. (ri com ironia). Me ajudar (continua rindo).

Entidade: (rindo) ah não, me ajudar (continuava rindo).

Avalciara: é claro que eu estou aqui para te ajudar. Embora você não acredite, né. Mas a minha intenção é fazer com que você acredite que eu estou aqui para te ajudar. (fala com naturalidade)

Entidade: não...

Entidade: Não... Quem me mandou aqui, disse que não era pra vir aqui. Disse que não ia vir aqui não. não... Era... era... era só fazer o serviço. ...

Avalciara: Você está aqui porque você tem o direito de estar aqui conversando, não é verdade?

Entidade: falaram que era só fazer o trabalho e ir embora.

Avalciara: pois é...

Entidade: aí me trouxeram aqui. Eu já vim aqui outras vezes.

Avalciara: é?

Entidade: Outra pessoa mandou eu vir. Aí mandaram de novo... eu vim... era pra tu. Era pra tu (ri com ironia).

Avalciara fala: graças a deus, né? Mas graças ao bom senhor, você tá aqui agora. (falando com muita paciência).

Entidade: Sei quem é ele não.

Avalciara: Claro que sabe. (irônica)

(silêncio)

Entidade: ... mandaram vir, me deram, pagaram ... eu vim, pronto... mas não falaram que eu ia vir aqui não. Disseram que ia ser rápido.

Avalciara: então já que você tá aqui, vamos aproveitar essa feliz oportunidade pra gente conversar.

Entidade: conversar o quê aqui. Não tem nada pra conversar aqui não.

Avalciara: temmm. (com certa ironia)

Entidade: eu vou voltar lá. Ele falou que não ia ter nada aqui. Que eu não ia vir aqui. Eu vou voltar lá. Vou voltar, ele vai ver, deixa ele. Ele achou que isso aqui ia ficar de graça. (risos com ironia). Você é que tinha que mandar eu ir lá. Ele mandou eu fazer coisas contigo.

Avalciara fala: Graças a Deus!

Entidade: ele queria seu mal.

Avalciara: Eu só queria que você me dissesse porque você fez isso.

Entidade: só faço o que mandaram.

Avalciara: você gosta de só fazer o que mandam, você não tem vontade de fazer as coisas que você deseja?

Entidade: eu tive o que eu quero...

Avalciara: mas você não acha que de repente você poderia ter bem mais do que o quê você quer?

Entidade: Ele só queria ver você sair daqui.

Avalciara: você tem coragem de sair?

Entidade: Pra onde é que eu vou? (mudança de tom, pareceu mais sincero)

Avalciara: pra um lugar bem melhor. Para uma energia melhor do que onde você está. Você pode até me dizer que está acostumado com esta vida. Mas não é o que você quer. Não é. Eu tenho certeza que não.

Entidade: quando eu estava aqui, me disseram que seria tudo melhor lá. Aí eu fui.

Avalciara: tá sendo melhor?

Entidade: Eles me obrigam a fazer um monte de coisas.

Avalciara: será que você merece isso?

Entidade: Claro que não. Eles mandam a gente vir.

Avalciara: já que você tá aqui. Então aproveita a oportunidade de fazer as coisas serem diferentes.

Entidade: um monte de gente...

Avalciara: Se você tem a oportunidade de estar aqui agora. É porque você tem a oportunidade de mudar tudo agora.

Entidade: mudar?

Avalciara: Mudar sim, você pode.

Entidade: não, sair daqui eles vão me pegar de novo.

Avalciara: não vão pegar.

Entidade: *Aí vão mandar fazer outra coisa em outra pessoa.*

Avalciara: *se você confiar em mim, eles não vão te pegar. Você confia em mim?!*

Silêncio de poucos segundos.

Avalciara: *confia?*

Avalciara: *você confia em mim? (com um tom quase maternal)*

Entidade: *você quer ajudar quem te faz o mal.*

Avalciara: *Eu quero ajudar você. (fala com delicadeza, enfatizando o pronome “você”).*

Você que está aqui perto de mim agora.

Entidade: *eu quero fazer o mal pra você, porque eles me mandaram, viu? (mudança de tom)*

Avalciara: *Eu quero te ajudar. (fala com sensibilidade)*

Entidade: *quem vai me ajudar?*

Avalciara: *confia em mim?!*

Entidade: *quem vai me ajudar?*

Avalciara: *você não acha que pode ficar melhor do que lá? Você acha que é bom viver... Eu acredito que não seja bom viver como você está vivendo. Sem ter vontade. Sem ter vontade própria! Sem poder fazer coisas que você gostaria de fazer e não pode fazer porque tá obrigado...*

Entidade: *quando eu sair daqui, eu vou estar só de novo, você fica falando isso. (em tom de lamentação)*

Avalciara: *(interrompendo a entidade) Não vai!... Confia em mim?!*

(um breve silêncio)

Avalciara: *confia em mim?*

Entidade: *o quê que eu tenho a perder, né?*

Avalciara: *você confia em mim?*

Entidade: *táaaa...*

Avalciara: *eu estou falando pra você que você pode interferir nisso, você pode.*

Entidade: *quem vai me ajudar?*

Avalciara: *eu tô ajudando.*

Entidade: *você fica aqui.*

Avalciara: *Óh, ...*

Entidade: *quando eu estiver do outro lado, quem vai me ajudar? Ninguém, eu vou estar só de novo.*

Avalciara: *As entidades que me acompanham, também querem o seu bem...*

Entidade: foram eles que me trouxeram aqui.

Avalciara: pois é, por isso mesmo. Porque querem o seu bem. Pra te darem essa oportunidade, para que você possa fazer a diferença.

Entidade: e quem me garante, que quando eu sair daqui, eles não vão me levar lá pra eles de novo.

Avalciara: não vão levar. Confia em mim?

(silêncio)

Entidade: você fala com muita certeza.

Avalciara: tenho toda a certeza do mundo. Confia nos meus mentores?

Entidade: quem é ele?

Avalciara: você sabe quem é, você acabou de conhecer... não foi?

Entidade: foi.

Entidade: tem um homem e uma mulher lá.

Avalciara: eu sei.

Entidade: bem aqui, ó. Só o homem.

Avalciara: eu sei, tenho certeza disso. Por isso que eu estou te pedindo, confia em mim? (em tom suave). Eu falo com toda a certeza.

Entidade: confirma com ele. Se ele disser...

Avalciara: tenho certeza que esses daqui, que trouxeram-no aqui, porque é melhor.

Entidade: (em prantos): me tira daqui então, por favor!

Avalciara: graças a Deus. Confia em mim, então? (suavemente).

Entidade: tá (ainda em prantos, não responde).

Avalciara: Salve Deus. Óh Obatalá, (alguns gemidos e suspiros da entidade) Óh Obatalá, entrego neste instante, mais esta ovelha para o teu redil.

Pai João: Graças a Deus. Louvado seja nosso senhor Jesus Cristo.

Avalciara: Para sempre seja louvado.

Pai João: Louvado seja nosso senhor Jesus Cristo.

Avalciara: Para sempre seja louvado

Pai João: Louvado seja nosso senhor Jesus Cristo.

Avalciara: Para sempre seja louvado.

Pai João: Graças a Deus.

Avalciara: Graças a Deus.

Pai João: Salve Deus filha querida.

Avalciara: *Salve Deus Pai.*

Pai João: *esse seu humilde pai pede... Desculpa por não ter nem tido tempo de falar com minha filha, viu filha querida.*

Avalciara: *oh, graças a Deus paizinho. Eu sei que quando você tivesse tempo você ia falar, né pai? Pai João:* *mas eu cheguei, ele tava aqui, minha filha. Muito próximo de sua família. Viu minha filha. Esse nego velho achou por bem, pôr todas as sentinelas que se fazem aqui presentes, que nada faz mal pra ele, viu minha filha. Aproveitar esse bendito momento do reencontro. Minha filha percebe, né minha filha? Que ele é nada “carma” com minha filha, né?*

Avalciara: *eu percebi, meu pai. (fala com carinho)*

Pai João: *minha filha percebe quanto ainda neste mundo existem pessoas que estão a caminho da evolução, né minha filha.*

Avalciara: *é verdade, né meu Pai.*

Pai João: *Graças a Deus Agradeça minha filha, por essa bendita oportunidade. Graças a Deus, minha filha. Os mentores de Deus pai todo poderoso agradecem a ti por ter encaminhado esse bendito filho de Seta Branca, viu? Um grande filho desta casa, viu, minha filha? Quando saíste desta casa, minha filha, esse filho, no momento de seu desencarne, muito trabalhava mas pouco fazia, viu minha filha? foi levado, minha filha, escravizado. Pois sua mente foi mais uma vez “amedoada”¹¹⁵ pelos espíritos, né, minha filha? Graças a Deus. Salve o povo do Congo, salve o povo de Guiné... eu agradeço a oportunidade, minha filha, por ver realizada por esta divina espiritualidade, viu, minha filha. Trabalhe sempre com a confiança e com a voz de ordem que o doutrinador tem, viu minha filha. Graças a Deus.*

Avalciara: *Graças a Deus.*

Pai João: *cada palavra que minha filha emanava recobria aquele irmão, que teve a oportunidade de passar por aqui, viu minha filha. Os seus mentores confirmaram o momento em que ele teria, para saber se realmente poderia seguir com ele. Eles confirmaram, viu minha filha? Levaram ele para as casas transitórias de Deus e lá ele estará protegido, viu minha filha? Em Cristo Jesus, graças a Deus. Esses irmãos, minha filha, que muito praticam a fé ou vestem suas indumentárias, seja aqui nessa doutrina ou em qualquer outra, mas que ao templo de nosso senhor Jesus Cristo, não penetra no coração deles, minha filha, é triste*

¹¹⁵ O Preto Velho tinha um sotaque espanhol bem forte. Neste momento, ele utilizou um termo proveniente desta língua que implicava dizer que o “espírito tinha medo de outros do Mundo Negro”. Por curiosidade perguntei ao aparelho, em outra oportunidade, se ele conhecia aquele termo, respondeu-me que não e que nem ao menos tinha tanto conhecimento assim de espanhol.

quando os daqui saem de seu mundo, e atravessam o mundo etéreo e percebem que não existe prótame (...) existe apenas a fé, a abnegação, o amor. E esse amor, essa bendita renúncia é que faz levar a evolução do mestre.

***Pai João:** essa bendita espiritualidade te observa, viu minha filha. Fica sempre em seus pensamentos, em suas ações, tentando influenciá-la, viu minha filha, no seu livre arbítrio. Da melhor forma possível. Para que tome as decisões dentro das leis do amor, da humildade e da tolerância. Viu minha filha? Graças a Deus. Louvado seja nosso senhor Jesus Cristo.*

***Avalciara:** Graças a Deus.*

***Pai João:** Louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo.*

***Avalciara:** Graças a Deus.*

***Pai João:** Louvado seja nosso senhor Jesus Cristo. Graças a Deus. Salve a bendita força de Iracema. Salve força Jurema. Salve força Janaína. Graças a Deus. Graças a Deus. Salve a força de Koatay 108. Salve a bendita força de Seta Branca, nosso pai. Graças a Deus. (...) Louvado Seja Nosso Senhor Jesus Cristo.*

***Avalciara:** Para Sempre Seja Louvado.*

***Pai João:** Louvado Seja Nosso Senhor Jesus Cristo.*

***Avalciara:** Para sempre seja louvado;*

Louvado Seja Nosso Senhor Jesus Cristo.

***Avalciara:** Para sempre seja louvado.*

***Pai João:** Esse Nego Velho se despede minha filha. Pedindo a Deus Pai Todo Poderoso, que outras ricas oportunidades possam aparecer. Tenha a bênção deste Nego Velho;*

***Avalciara:** com todo amor do meu coração.*

***Pai João:** Graças a Deus. Salve a bendita força do Pai Joaquim de Enoque. Salve a força de Pai João de Enoque. E Graças a Deus. Graças a Deus...*

***Avalciara ao mesmo tempo em que Pai João diz o nome das entidades:** Salve Deus, Jesus Divino e Amado Mestre, nesta bendita hora em teu bendito nome, agradeço a presença deste abnegado Preto Velho. Que Jesus Divino e amado mestre lhe pague por esta presença e caridade. Pode descansar este aparelho. Graças a Deus.*

Aparelho demonstra cansaço e um pouco ofegante. A doutrinadora aplica-lhe um passe magnético. Verifica se ele se sente bem.

4.2.1. Avalciara

Conheci Avalciara em 2001 quando eu procurava alguns entrevistados para minha monografia de graduação. Nesta época ela estava casada, desempregada e tinha três filhos, sendo o mais velho de uma relação anterior. Morava em Taguatinga e costumava ter algumas dificuldades para chegar ao Vale do Amanhecer, pois tinha que deixar os filhos com sua mãe e vir de ônibus com o marido. Costumava trabalhar espiritualmente nos finais de semana e retornar para casa aos domingos à noite.

Depois de mais de dois anos sem vê-la encontrei-a num domingo, prisioneira, pedindo bônus para sua libertação. Contou-me que estava separada, tendo que cuidar dos filhos quase que sozinha e ainda estava desempregada, sustentando-se com o dinheiro da pensão e a ajuda de sua mãe, aposentada da Secretaria de Saúde, que lhe dava estadia e pagava-lhe algumas das despesas. Este foi um ano difícil, pois seus recursos financeiros eram muito escassos.

No ano seguinte, matriculou-se em uma escola técnica para profissionalizar-se na área de enfermagem. Foram três anos de estudos, tendo que conciliar seu tempo com o de seus filhos, com as atividades da doutrina, e ainda procurar manter a calma de sua mãe e padrasto. A mãe não gostava de sua filha ir tanto ao Vale do Amanhecer, embora Avalciara tinha diminuído um pouco suas idas porque tinha que estudar, e o seu padrasto não tinha paciência com seus filhos que ainda eram pequenos, tinham em torno de 3, 5 e 16 anos.

Terminado o curso, Avalciara continuava estudando para tentar algum concurso, mas como não tinha conseguido aprovação, tentou trabalhar no HUB, onde ficou de 2006 a 2007. Para ela o período de trabalho era bom, pois conforme sua escala, conseguia dividir o seu tempo com os filhos e a doutrina. Mas como o seu vínculo empregatício era por meio de contrato, ela teve que se afastar e permaneceu desempregada em 2008.

No final de 2007 teve uma surpresa desagradável. Descobriu que estava grávida do namorado. Agora não adiantava mais procurar emprego, pois teria que cuidar da sua filha nestes primeiros meses de vida. Sua mãe ajudou-a financeiramente neste período, o que foi uma surpresa para ela.

No início de 2009, ela fez um curso de faturamento hospitalar. Seu professor percebeu que ela era muito ágil nas operações e prometia que iria empregá-la na empresa “*ética faturamento hospitalar*”, onde ele era responsável pelos cálculos dos seguros de saúde. Cumprindo com a promessa, ela foi contratada em Março e permanece lá ainda hoje.

Nos dias que antecediam ao *Angical*, Avalciara vinha passando por alguns momentos de grande tensão. Sua mãe, que sempre faz uma viagem de férias por ano, estava viajando naquela semana. No entanto, ela se programou para ficar fora dez dias e durante sua ausência, resolveu ficar fora por mais dez. Isto desagradou imensamente sua irmã e seu padrasto, que sempre cobravam seu retorno imediato. Por causa desta situação, Avalciara resolveu ficar estes dias na casa de sua mãe, ajudando nas tarefas e no cuidado das crianças, o que lhe era muito desgastante.

Além do mais, a data do seu aluguel estava vencendo na semana anterior. O seu emprego, inicialmente, parecia uma solução, no entanto, o seu chefe, ou o seu antigo professor, não assinou a sua carteira profissional e estava pagando um salário muito baixo, cerca de R\$ 750,00 e o aluguel custava R\$ 500,00. Muitas vezes ela tinha dificuldades em conseguir pagá-lo, por isso, tinha que pegar dinheiro emprestado ou aceitar ajudas de sua mãe. Desta vez pediu para a irmã e quando chegou o momento de pagá-la estava sem a quantia. Em outros meses estes empréstimos se repetiam, como ela possui muitos amigos, conseguia cumprir com seus compromissos e algumas vezes nem precisava devolver o que recebia. No entanto, ainda há outra dificuldade, seu marido, o pai da sua última filha, está desempregado e tentando terminar o segundo grau, tem apenas 20 anos, bem mais novo do que ela, 39. O pai dos dois filhos mais novos também está desempregado, por isso ela recebe apenas R\$ 200,00 de pensão, quando ele tem condições, pois também tem realizado outros gastos devido ao seu novo relacionamento.

Avalciara encontra algumas dificuldades quando costuma ir ao Vale do Amanhecer. O deslocamento para o templo é um pouco problemático, pois saindo de Taguatinga ela precisa pegar dois ônibus. Prefere deixar seus filhos com alguém, pois não é fácil realizar os rituais e observá-los ao mesmo tempo. O filho mais velho não é um problema, pois tem grande afinidade com sua avó. Os dois menores costumam ficar também com a avó, mas neste caso, algumas vezes ela reclama que sua filha deixa de fazer coisas importantes para ir ao templo. De fato, sua mãe nunca gostou muito do Vale do Amanhecer. O padrasto costuma ficar insatisfeito quando a casa está cheia de crianças e embora ele não

reclame, costuma agir com certa hostilidade. Outra opção é deixar seus filhos com o ex-marido. Mas neste caso, ela tem que saber se ele não vai participar de algum ritual no templo, pois também é adepto da doutrina. Ela sempre leva a filha menor para o Vale do Amanhecer, mas neste caso, deixa-a com sua sogra que mora na cidade. Seu marido, pai da filha mais nova, apesar de ser médium de incorporação, não costuma participar tanto dos rituais, por isso pode ficar também na casa da própria mãe.

Avalciara entrou no Vale do Amanhecer em 1999 e é médium doutrinadora. Ela sempre foi de estar quase todos os finais de semana no templo. Quando se iniciou no Vale do Amanhecer, pertencia à falange das *Gregas* e participava muito do *Turigano*, turno de trabalho delas. Em 2004, migrou para outro grupo, entrando para as *Yuricys*, da mestre Edélves, por isso, começou a participar mais dos trabalhos da falange: como o *Abatá* aos domingos pela manhã e a *escalada* no último sábado de cada mês.

Sua motivação pela participação nos rituais da falange se deve à afinidade que sente pelo ministro *Yuricy*, entidade espiritual que rege o grupo, protege seus membros e está presente durante a realização de seus rituais. A explicação desta afinidade é dada pelo sentimento de realização que tem quando participa destes ritos. Disse também que certa vez participou do ritual de pirâmide e, enquanto estava lá, sentou-se próxima à imagem do ministro *Yuricy* e teve a sensação de ouvir a voz dizendo “*minha filha querida*”. Depois disso, foi atendida em um *Angical* e Pai João falou que se quisesse saber o que o ministro significava para ela, bastava olhar bem fixamente para sua imagem no seu *aledá* assim que chegasse em casa. Chegando lá, fez conforme orientada e, em prantos, teve a grande sensação de que olhava para seu pai.

Perguntei-lhe sobre seu pai. Até então, sua história era um mistério para mim. Contou-me que seus pais separaram-se quando sua mãe ainda estava grávida e sempre teve pouco contato com ele, sentindo sua falta nas festinhas de crianças. Quando faltavam 2 meses para Avalciara completar 16 anos, ele morreu de ataque cardíaco. Chegou a me confessar que talvez o Ministro *Yuricy* ocupe o lugar desta ausência paterna.

No período em que ela participava do *Angical*, perguntei-lhe se a comunicação do rito tinha relação com o seu cotidiano e se ela achava que sentiria melhoras após a realização do mesmo. Contou-me que realmente tinha dificuldades de ir para o Vale do Amanhecer, por causa das discussões com sua mãe, o que possuía relação com a comunicação do espírito. Além do mais, não pensava que o *Angical* implicasse em um alívio

imediatamente para suas dificuldades, mas pelo menos agora sabia que existia um espírito a menos para atrapalhá-la.

4.2.2. Marcos Antônio

Marcos Antônio nasceu em Brasília em 1975 e entrou na doutrina aos 17 anos. Respondeu as inúmeras perguntas que lhe fiz. No entanto, pediu-me para que não fosse identificado, pois possui pequena influência sobre o seu grupo e esta confiança pode ser prejudicada. Deste modo, apenas posso dizer que é médium de incorporação e sempre foi morador do Vale do Amanhecer. O pseudônimo de Marcos Antônio foi fornecido por ele.

4.3. Sobre o *Angical* de Avalciara

Ao observarmos a condição dos adeptos e de suas histórias de vida, percebemos que temos de inseri-los ao conteúdo dos rituais, pois os médiuns interpretam a melhora de suas situações por intermédio dos ritos. Naturalmente, devemos abordá-lo considerando alguns conceitos da linguística, sem nos esquecer que o *Angical* não está preso a isto.

Deste modo, lembremo-nos de algumas características referentes a análise de ritos, baseando-nos em Lévi-Strauss em seu texto “*O Feiticeiro e sua Magia*”. Segundo ele, o sistema, ou a ordem dos signos é uma das condições para a realização do ritual e a possibilidade da cura. Para ele, há “*um sistema de interpretação onde a invenção pessoal desempenha um grande papel e ordena as diferentes fases do mal, desde o diagnóstico até a cura*” (Lévi-Strauss, 1975: 207). Ou seja, para Lévi-Strauss, a ordem é importante, porque ela demonstra a sucessão das etapas para a cura do paciente. No entanto, um pouco mais do que isso, esta sucessão, representada mimeticamente, induz no paciente o efeito que se deseja, desde a origem do problema. Saussure justificou esta ordenação, considerando a

impossibilidade de os signos serem utilizados todos ao mesmo tempo, mas devendo se colocar em uma sucessão. “(...) *os significantes acústicos dispõem apenas da linha do tempo; seus elementos se apresentam um após outro; formam uma cadeia. Esse caráter aparece imediatamente quando os representamos pela escrita e substituímos a sucessão do tempo pela linha espacial dos signos gráficos*” (Saussure, 2006: 84). Essa ordem, que se mantém em razão da disposição dos signos dentro de uma sucessão temporal, age no ritual, funciona como um mecanismo.

No entanto, em nosso caso, a ordem é importante, mas não podemos deixar de considerar o principal mecanismo da cura, pois está centrado principalmente na revelação alcançada por intermédio do diálogo. O espírito apenas segue o seu caminho, após conversa estabelecida entre seu algoz de outras vidas. Por outro lado, a revelação também liberta o adepto. Podemos dizer que a transformação ocorrida no ritual se procede conforme um mecanismo que favorece uma hermenêutica da voz (Risser, s/d: 389). Para James Risser, que abordou a hermenêutica em Gadamer, “*it is not enough to say that for philosophical hermeneutics the experience of meaning is linguistic*”. Não pretendo deixar de averiguar o aspecto linguístico, mas prefiro dar maior ênfase à voz, que permite “*that which is far and alienated speak again ‘not only in a new voice but in a clearer voice’*” (*ibidem*). Portanto, a condição de adepto e cobrador é revelada por intermédio do diálogo entre ele e o espírito, em uma espécie de esclarecimento ou hermenêutica do ser.

4.3.1. Algumas importantes evoluções

Não podemos perder de vista o objetivo primeiro deste ritual. Devemos entender que o doutrinador pretende fazer a elevação do espírito cobrador que é o possível causador de suas dificuldades, pois desta forma, ele espera conseguir seus alívios. Pretendo, então, demonstrar aqui, como foi que houve a evolução da mudança sofrida por este espírito até sua elevação. Afinal, ele apresentava-se impaciente e um pouco hostil no princípio, mas à medida que ia conversando, sua condição mudava, até que ele pediu para ser elevado para a casa transitória de *Mayante*. Gostaria então de poder mostrar este trajeto, mas pensando

alguns elementos que acompanharam esta modificação do espírito sofredor, as reações dos participantes e as estratégias utilizadas por ambos.

4.3.2. Os desejos do espírito

O *Angical* apresenta-nos uma história fragmentada que deve ser reconstruída para a melhor compreensão dos personagens, de suas expectativas em relação a cada qual e da reação dos participantes a certos discursos. Conforme foi relatado pelos participantes, um espírito foi pago através de alguns produtos de seu interesse para retirar do Vale do Amanhecer a doutrinadora que trabalhou no *Angical*. Este era o seu serviço. Para atingir tal objetivo, ele permanecia próximo à família de Avalciara. Este espírito é um ex-integrante da doutrina, mas não tinha os padrões emocionais e morais adequados referentes a um médium da instituição, o que o deixou vulnerável a ser escravizado por outros espíritos. Assim que a médium iniciou o ritual, o Preto Velho percebeu que aquele espírito estava atuando sobre a adepta/paciente e conseguiu levá-lo até o ritual, por intermédio das entidades que a protegem. No *Angical*, então, a função da médium era convencê-lo a seguir para as casas transitórias adequadas, locais aonde o espírito receberia seus primeiros cuidados, para em seguida, ser enviado para o mundo espiritual a fim de se preparar para atender como uma entidade, caso tivesse alcançado sua evolução. Caso contrário, reencarnaria para superar seus carmas obtidos em outras vidas. Conforme nós vimos, a doutrinadora convenceu-o e ele aceitou sua elevação.

Aqui, abordaremos a evolução do desejo do espírito. Inicialmente, nós não conhecemos as ansiedades do espírito incorporado, mas sabemos aquilo que ele definitivamente não queria: estar ali no Vale do Amanhecer. A primeira coisa que o espírito falou foi: “*não quero estar aqui*” e mais a frente, formulou diversas frases que demonstravam a sua vontade por estar longe daquele lugar.

Avalciara: “(...) Mas a minha intenção é fazer com que você acredite que eu estou aqui para te ajudar.”

Entidade: “Não... Quem me mandou aqui, disse que não era pra vir aqui. Disse que não ia vir aqui não. não... era... era... era só fazer o serviço.”

(...)

Entidade: “...mandaram vir, me deram, pagaram ... eu vim, pronto... mas não falaram que eu ia vir aqui não. Disseram que ia ser rápido.”

Por outro lado, uma das poucas vezes em que o espírito demonstrou querer fazer alguma coisa, foi quando disse que queria vingar-se contra os seus mandantes, por terem sido os responsáveis indiretos por ele estar ali.

“Entidade: eu vou voltar lá. Ele falou que não ia ter nada aqui. Que eu não ia vir aqui. Eu vou voltar lá. Vou voltar, ele vai ver, deixa ele. Ele achou que isso aqui ia ficar de graça. (risos com ironia). Você é que tinha que mandar eu ir lá. Ele mandou eu fazer coisas contigo.”

Finalmente, já no final, expressou o seu desejo, quando se submeteu ao argumento da doutrinadora de ser conduzido para as casas transitórias e pediu enfaticamente: *“Me tira daqui, por favor”*.

Contudo, o que de fato encontramos é um espírito que está muito mais submisso aos outros personagens do ritual, conforme observamos os enunciados apresentados. De acordo com o que dissemos acima, considerando a reconstrução da história do *Angical*, o rito foi realizado porque o espírito foi levado até o local pelas entidades da doutrinadora, contra a sua própria vontade.

“Entidade: não... não... não... não quero ... não quero... estar... aqui... eu não queria estar aqui... não. (...)”

“Avalciara: As entidades que me acompanham, também querem o seu bem...”

Entidade: Foram eles que me trouxeram aqui.”

Outro aspecto importante e central no diálogo era a sua característica de fazer apenas o que lhe mandavam, através da troca de algo que lhe interessava. Isto demonstrava que ele era conduzido por outros espíritos, pelo que eles podiam oferecer-lhe.

*“Entidade: só faço o que mandaram.
Avalciara: você gosta de só fazer o que mandam, você não tem vontade de
fazer as coisas que você deseja?
Entidade: eu tive o que eu quero...”*

Entretanto, embora demonstrasse satisfação, mais adiante, o espírito disse que, na realidade, não gostava de permanecer no Vale Negro porque lhe mandavam realizar muitas coisas que ele não queria.

*“Entidade: quando eu estava aqui, me disseram que seria tudo melhor lá. Aí eu fui.”
Avalciara: tá sendo melhor?
Entidade: Eles me obrigam a fazer um monte de coisas.
Avalciara: será que você merece isso?
Entidade: Claro que não.(...).”*

Conforme explicação do Preto Velho, o espírito demonstrou ter um grande receio em voltar para o local anterior, em virtude de sua relação com os outros espíritos.

“Pai João: (esse filho) foi levado, minha filha, escravizado. Pois sua mente foi mais uma vez “amedoada” pelos espíritos, né, minha filha?”.

Outro comentário interessante, foi o realizado pela doutrinadora, quando ela justificou a presença daquele espírito no *Angical*.

“Avalciara: (...) se você está aqui é por vontade de Deus”.

Não podemos deixar de colocar que o espírito atribuiu, inicialmente, a sua presença no ritual em razão da própria doutrinadora.

“Entidade: não... não... não... não quero ... não quero... estar... aqui... eu não queria estar aqui... não. Tu me trouxe aqui.”

Além do mais, não podemos deixar de observar que à doutrinadora é atribuído o conceito de quem o enganou, ou seja, de quem conduziu o espírito a realizar algo contra a sua vontade.

*“Entidade:(você) já me enganou.
Avalciara: eu quero conversar com você.
Entidade: não, você me enganou. Tu acha que tu me engana de novo... Tu já me enganou. Não, tu me enganou outras vezes...”*

Temos aqui, portanto, um personagem que tem uma relação de submissão a todos os outros citados no ritual. A doutrinadora foi considerada como uma das que o conduziu até o ritual, como também quem o enganou em outros momentos, ou seja, conduziu-o conforme o seu bel prazer; os espíritos com os quais se relacionava, coagiam-no a realizar funções indesejáveis, através da oferta de presentes ou por ameaças; já as entidades de luz conduziram-no, forçadamente, até o Vale do Amanhecer; ademais, a figura de Deus é associada pela doutrinadora como sendo um dos responsáveis por sua presença no *Angical*.

Considerando, portanto, este contraste entre os desejos não realizados do espírito, o seu esforço para se afastar do ritual e suas diferentes condições de submissão, podemos dizer que uma possibilidade de leitura deste *Angical* está no percurso da tentativa de submeter o espírito à instituição cosmológica do Vale do Amanhecer. Observemos que, apesar de o espírito não querer estar ali, ele foi mantido no rito e coagido pela doutrinadora a abandonar o seu antigo local de permanência e seguir para a casa transitória de *Mayante*. A sua hostilidade foi transformada e ele foi englobado. Turner falava que mecanismos ritualísticos poderiam ser aplicados para que houvesse a reintegração do elemento em distúrbio (1996:122). Aqui, o ritual prevê estes mesmos objetivos. No entanto, podemos entender que o espírito resistia à reintegração, pois esta era uma forma de submissão à doutrinadora ou ao sistema. A adepta conseguiu que o espírito desabafasse sobre suas condições no mundo espiritual e ela soube que ele sentia-se decepcionado pela maneira como o seu trabalho era explorado. Deste modo, ela pôde atraí-lo para um discurso de mudança, que implicava na sua inserção ao argumento da doutrinadora e ao novo conteúdo espiritual que era apresentado, onde a submissão seria a entidades de luz e as obrigações estariam no contexto da ajuda, como a oferecida pela adepta. Neste novo parâmetro, o trabalho do espírito não deixaria de ser explorado, no entanto, esta exploração contribuiria para sua evolução. Deste modo, a frase final do espírito, dita em prantos, *“Me tira daqui, por*

favor”, parece significar que, apesar de toda recusa, agora ele está mudando de ideia e se submetendo à doutrinação, e também será a força de trabalho de um novo sistema.

4.3.3. *Sinopse das estratégias*

Em linhas gerais, torna-se necessário demonstrar aqui como se apresentou a evolução do diálogo entre a doutrinação e o espírito, para que possamos com mais facilidade esclarecer outros tópicos deste percurso. Neste momento, podemos demonstrar, pelo menos, as dificuldades de diálogo entre os dois componentes do ritual.

Devemos, portanto, salientar que este espírito foi conduzido para outros planos dimensionais – à casa transitória de *Mayante* - e isso apenas foi possível porque ele aceitou tal condição. Todavia, essa situação foi criada através da manipulação de tópicos nos diálogos que eram significativos para a vida do espírito. Naturalmente, torna-se importante considerar a ordem de aparecimento das frases mais significativas, pois, apenas assim, pode-se compreender como se chegou ao desfecho e sua importância.

Desta forma, lembremos que inicialmente, o espírito não queria conversar com a doutrinação. Ele utilizou dois recursos, que foram reiteradamente aplicados, cada qual no seu momento. O primeiro era o de dizer a todo o instante que a doutrinação enganara-o em momentos anteriores.

“Avalciara: Eu quero conversar com você.

Espírito: Não, você me enganou. Tu acha que tu me engana de novo?”

O diálogo permaneceu neste parâmetro, até que no segundo momento, quando ela disse que queria ajudá-lo, ele respondeu em tom de ameaça que tinha ido até lá para prejudicá-la, por ordem de uma terceira pessoa. Explicou-lhe que tinha sido pago para tirá-la do Vale do Amanhecer. Permaneceu, assim, sob esta explicação durante algum tempo. Criou-se aqui, até um paralelo oposto pelo vértice, enquanto ela dizia que queria ajudá-lo, ele repetia que queria sua derrota.

Mas ela conseguiu um efeito, quando questionou porque ele queria seu prejuízo. Notemos o seguinte: a doutrinadora perguntou várias vezes se o espírito gostaria de conversar. Em seguida, ofereceu-lhe ajuda. Porém nada surtiu efeito. No entanto, apenas quando comentou “*eu só queria que você me dissesse porque você fez isso*”. Ele respondeu que só fazia o que mandavam. Neste caso, para a doutrinadora, as questões passaram a circular em torno deste assunto: então, será que ele não gostaria de realizar suas próprias vontades? Apostando nesta perspectiva, ela questionou mais este fato, descobrindo os medos do espírito, oferecendo-lhe ajuda, pedindo-lhe confiança (nela e nas suas entidades), para então elevá-lo.

4.3.4. Disputas por domínios no diálogo

Outra maneira singular de se investigar este ritual, seria através dos recursos empregados por cada participante para manter o domínio do diálogo. Sabendo que o sucesso da persuasão implica no alívio ou cura da paciente/adepta, o seu desempenho pode colocar em risco a própria condição, como também o sucesso no englobamento do espírito na doutrina, conforme já foi visto. Deste modo, torna-se interessante averiguar como esta conversa se sucedeu, quais os valores utilizados, bem como, em quais os momentos, cada personagem é capaz de melhor conduzir o outro.

Saliento, ademais, que esta é uma condição imprescindível, não apenas no ritual de *Angical*, mas nos diálogos em geral. Conforme Crapanzano (1994) colocou, falantes e interlocutores têm a pretensão de provocar um ao outro, ou até mesmo conduzir o outro, por isso há uma seleção naquilo que é dito. Crapanzano realizou uma entrevista com Kevin, um pregador da África do Sul, que havia se alistado no exército daquele país, e averiguou, com cuidado, alguns tópicos de seu diálogo. A teoria inicial do autor estava no âmbito freudiano. Porém, situava-se especificamente no parâmetro da forma como se diz uma piada, quais os objetivos de quem as conta e, por sua vez, de quem as ouve. Deste modo, temos o seguinte destaque:

“Freud suggests that telling a joke to another serves three purposes: (1) ‘to give objective certainty that the joke work has been successful’; (2) ‘to complete my own pleasure by a reaction from the other person upon myself’; and (3) ‘when it is a question of repeating a joke that one has not produced oneself – to make up for the loss of pleasure owing to the joke’s lack of novelty’ (Freud 1963a:156)’ (...)Here, with the joke, Freud has laid out the complex exchanges that occur, I believe, in every communication” (Crapanzano, 1994:868).

Destes três pontos destacados, um será muito abordado pelo autor, o de que, ao falar uma piada, o sujeito sente certa satisfação pela reação que provoca na outra pessoa. Agora podemos voltar para o *Angical*.

Devemos entender que os primeiros momentos do ritual se caracterizam pela recusa de o espírito submeter-se à adepta. Considero que há dois tópicos mais trabalhados pelo espírito inicialmente e, nesses momentos, ele comportou-se como um autista, argumentando apenas o que lhe agradava, nunca respondendo à doutrinadora. No primeiro instante, o espírito demonstrou insatisfação por estar no *Angical*, acusando, por sua vez, a adepta/paciente pela própria condição. Assim, nada que a doutrinadora dizia motivava-o a conversar. Esta conduta parece uma estratégia que teria melhor efeito no aspecto do domínio do diálogo, pois, agindo assim, ele provocaria uma forte expectativa de ela vir a suportar uma vingança por algo feito anteriormente e, por sua vez, incentivaria o interlocutor a responder seus questionamentos. A doutrinadora respondeu que estava ali para ajudá-lo. Isto levou-o a desenvolver um segundo tópico, que seria o de explicar que estava ali porque outro espírito lhe encomendara um serviço. Este assunto também provocaria uma reação semelhante no interlocutor: uma preocupação ou temor que poderia beneficiar o espírito a ter o domínio do discurso.

Situação semelhante foi observada por Crapanzano, quando conversava com Kevin. Este procurava nas entrevistas relacionar sua biografia com passagens bíblicas, não deixando de demonstrar estes trechos; mais à frente fez um relato intensivo sobre suas experiências durante o período que pertencia ao exército sul-africano. O autor concluiu após ouvir sucessivas histórias em que o entrevistado tinha o objetivo de colocar Crapanzano em uma determinada posição, e seu recurso, para esta finalidade, foi o bombardeamento de imagens e episódios diferentes, mas essencialmente semelhantes (Crapanzano, 1994:875). Além do mais, ele mantinha o interlocutor alienado, em situação de apenas poder aceitar ou recusar suas histórias. Ao observarmos o que foi explicado anteriormente no *Angical*,

podemos perceber a semelhança do método empregado pelo espírito, que repetia sucessivamente que havia sido enganado e sido pago para fazer um serviço, sem deixar a adepta falar, sem que ela ao menos soubesse o que acontecera. Fazendo isso, o espírito parece ter o objetivo de manter a adepta em uma posição subalterna e sem meios de defesa.

A insistência do espírito em conduzir o discurso no contexto do contrato realizado por um terceiro, motivou-o a desenvolver um dos seus enunciados mais expressivos e ameaçadores. Revoltado com quem lhe mandou realizar aquele serviço, o espírito manifestou seu desejo de vingança:

“Entidade: eu vou voltar lá. Ele falou que não ia ter nada aqui. Que eu não ia vir aqui. Eu vou voltar lá. Vou voltar, ele vai ver, deixa ele. Ele achou que isso aqui ia ficar de graça. (risos com ironia). Você é que tinha que mandar eu ir lá. Ele mandou eu fazer coisas contigo.”

Aqui, o espírito teve o seu momento mais ameaçador. Embora seu foco agora não fosse o interlocutor, o efeito de seu enunciado ainda assim recaí sobre o diálogo e o terror continua rondando o ritual. Note que o espírito chegou a este estado porque não teve a evolução de seu discurso interrompida pela doutrinadora, os atos de fala dela não causaram, até aqui, qualquer efeito.

Entretanto, se analisarmos friamente, chegamos à conclusão de que esta fala do espírito tem pouca ou nenhuma eficácia dentro do ritual. Lembremo-nos que o espírito queria retirar a doutrinadora do Vale do Amanhecer e que ele a acusava de estar por lá por sua causa, logo seria mais coerente que ele utilizasse toda esta energia para ameaçá-la e não para prometer vingança a um espírito ausente, como o do Vale Negro. Porém, entenderemos esta questão se sustentarmos nossa análise novamente em Crapanzano. O autor argumentou que, em um diálogo, os dois sujeitos devem ser observados e isso significa também que aquilo que o falante provoca no interlocutor pode gerar satisfação no primeiro. Colocou como exemplo o fato de que Kevin, quando estava pregando, demonstrava muito entusiasmo por ver membros de sua congregação recebendo espíritos. Aqui a situação parece ser semelhante, o objetivo do espírito era causar com sua ameaça, aliado a suas histórias no início, um terror e um fascínio na adepta para satisfação própria. Quando Kevin contava a Crapanzano suas histórias grotescas, o autor interpretou que seu objetivo seria provocar medo e fascínio (1994). Assim, este é um diálogo em que um sustenta o outro. O falante pretende provocar uma reação e a reação provocada causa satisfação no falante (1994). Por isso, faz tanto

sentido o fato de o autor ter dito que emoções devem ser entendidas dialogicamente (Crapanzano, 1994:881).

Entretanto, quase que imediatamente, a autoconfiança do espírito não era a mesma devido a uma reação da doutrinadora. A adepta realizou uma sequência de perguntas que foram respondidas sucessivamente, até chegar a um momento em que o espírito preocupava-se com sua própria condição. A sua primeira questão referia-se ao verdadeiro motivo pelo qual o espírito tinha feito tudo aquilo.

“Avalciara: Eu só queria que você me dissesse porque você fez isso.

*Entidade: só **faço o que mandaram**.*

*Avalciara: você gosta de só **fazer o que mandam**, você não tem vontade de **fazer as coisas que você deseja**?*

*Entidade: eu **tive o que eu quero**...*

*Avalciara: mas vc não acha que de repente vc poderia **ter bem mais do que o que você quer**?*

*Entidade: Ele só queria ver você **sair** daqui.*

*Avalciara: você tem coragem de **sair**?*

*Entidade: Pra onde é que eu **vou**?”*

Após aquela pergunta, a doutrinadora realizou um conjunto de outras que foram bem sucedidas, pois todas conseguiram respostas. Embora as primeiras não fossem tão pessoais, a última explicou exatamente o que o espírito sentia: angústia e temor. Notemos, portanto, que o jogo de perguntas e respostas parece obedecer a um padrão pré-estabelecido entre espírito e adepta, em que entrevistador e interlocutor utilizam as mesmas estruturas e termos semelhantes nos diálogos, seguindo paralelos sequenciais, até chegar a uma resposta reveladora. Observemos agora as palavras em negrito para acompanharmos o raciocínio seguido pelos participantes. Temos, portanto, a doutrinadora perguntando, “(...) *por que você fez isso*” e o espírito respondendo “*só **faço o que mandaram***”. Elaboraram as questões com o mesmo verbo “fazer”. Em seguida, a doutrinadora perguntou “*você gosta de só **fazer o que mandam***”, em paralelo com a resposta anteriormente dada, através da mesma estrutura, usando as mesmas palavras, transformando uma resposta em questão, forçando o agente da questão a pensar sobre si, em uma situação especular em que o sujeito se transforma em objeto do próprio enunciado. Tentando criar uma nova situação afastando-se da rede de enunciado, o espírito respondeu “*eu tive o que **quero***”, mas a doutrinadora fez uma nova pergunta e novamente com a mesma estrutura e a mesma armadilha, transformando o agente em reflexo da própria imagem: “*mas você não acha que de repente **você poderia ter bem***

mais do que o que você quer?” Novamente, o espírito foge da armadilha, trazendo resposta que estava totalmente diferente do que vinha sendo tratado, mas ainda dá uma resposta ligada ao contexto da sua vida: *“Ele só queria ver você sair daqui”*. Esta resposta poderia intimidá-la. No entanto, a adepta realizou uma pergunta que estava relacionada à questão mais particular do espírito: *“você tem coragem de sair?”*. Então, veio uma resposta pessoal, reveladora e confidencial, de que na verdade seria um novo conteúdo: *“pra onde é que eu vou?”*. Aqui, temos a fragilidade do espírito descoberta: a inquietação, ou seja, o sentimento que o espírito procurava provocar – medo e receio -, passou a ser o seu sentimento.

Podemos dizer que encontramos neste diálogo, desde o início, até este momento, um jogo de sedução. Conforme Crapanzano destacou, *“Like all stories, Kevin’s is an attempted seduction. He will have me where and how he wants me”* (1994:873). Esta foi a mesma pretensão do espírito participante do *Angical*. O seu objetivo era o de submeter a doutrinadora ao medo e ao terror através da utilização de imagens que pudessem provocar isso. No entanto, utilizando apenas a estrutura linguística, a adepta conduziu, ou poderíamos dizer seduziu, o espírito até que este chegasse onde ela queria, a uma condição de subalterno.

Não posso deixar de destacar este quadro em uma situação comparativa à performance ritualística em que as ações desempenhadas em metáforas sejam tão eficazes em seus desempenhos. Nossas observações demonstram realizações que tenham como um ponto de partida manifestações linguísticas do próprio espírito para adicionar alterações sedutoras até inverter o seu papel a uma condição de subalterno. As performances são substituídas por desempenhos linguísticos, como se atualizássemos Turner, quando disse que

Genres of cultural performance are not simple mirrors but magical mirrors of social reality: they exaggerate, invert, re-form, magnify minimize, dis-color, re-color, even deliberately falsify, chronicled events. They resemble Rilke’s “hall of mirrors,” rather than represent a simple mirror-image of society. (Turner, 1987: 42).

Esta qualidade especular foi atualizada por *Avalciara*, tomando como parâmetro as similaridades presentes na estrutura linguística para que fosse possível conduzir o espírito a uma autorreflexão e pensar sua própria condição. Conforme foi demonstrado em *“A Eficácia Simbólica”*, de Lévi-Strauss, o paralelismo foi empregado para conduzir à cura da parturiente. Nesta etnografia, o paralelismo linguístico foi empregado para conduzir o raciocínio do espírito a partir da posição ofensiva, até a submissão. Não seria este o mesmo

objetivo do curandeiro xamânico de Lévi-Strauss? Ordenar os espíritos que provocam doenças através da aplicação de sistemas, ou seja, tornar-se o indutor de uma nova ordem submetendo os espíritos causadores de doenças? (Lévi-Strauss, 1958: 2007).

Entendemos, portanto, que o diálogo do *Angical* exige uma posição bem estabelecida para que ocorra o seu resultado. O espírito não vai aceitar ser elevado, se ele não concordar em se submeter. A doutrinadora não vai ser cobrada se o espírito não se sentir com a razão de fazê-lo. Por isso, apenas a realização deste ritual já garante a existência de hierarquias nos diálogos, que devem ser negociados. Deste modo, faz tanto sentido para nós o argumento de Crapanzano, de que o falante procura manter o interlocutor dentro de uma posição para que participe de um papel que deve ser desempenhado (1994). Este vai se completar ainda mais no seguinte trecho:

“The genres and conventions provide, in any event, the parameters of the pragmatic play by which speakers and interlocutors are situated in an exchange and help determine the “identifications” speakers and interlocutors make with any of the pragmatically constituted positions” (Crapanzano, 1994:869).

Assim, os padrões do ritual e as suas urgências vão fornecer certas regularidades nas trocas entre quem domina o diálogo e o interlocutor e favorecem as identificações destas posições constituídas. Em nosso caso, a reviravolta destas posições podem implicar em eficácias.

Portanto, devemos nos atentar um pouco mais sobre o que conduziu ao resultado da conversa entre espírito e doutrinadora. O espírito apenas aceitou a elevação para o hospital de *Mayante*, porque foi convencido de que lá ele poderia encontrar ajuda para suas dificuldades. Temos, pois, que a persuasão e a sedução, ou melhor, a aplicação da função de linguagem conativa (Jakobson, 1960), é um recurso que implica na melhora da condição da paciente, afinal, convencer o espírito pode conduzir a este alívio. Para este resultado, a adepta utilizou-se de sua crença, quando conduziu um raciocínio de que, pela elevação, o espírito iria para um lugar melhor. Assim, como bem argumentou Álvarez, em um diálogo, o saber pode posicionar melhor o falante em um lugar estratégico significativo que possibilita, como uma forma de poder, “dirigir a atividade do outro para determinada direção” (Álvarez, 2006: 107). Assim, literalmente, a adepta conseguiu conduzir o espírito na direção pretendida, para a casa transitória de *Mayante*.

4.3.5. Gradação dos espaços citados no *Angical*

Pretendo recapitular novamente a narrativa contada no *Angical*, conforme uma nova perspectiva: baseando-me nos lugares relatados e nas justificativas para os deslocamentos. Baseio-me para o desenvolvimento deste capítulo em Kondo (1985), que analisou um ritual japonês do chá, considerando os deslocamentos de seus participantes no decorrer do rito em conformidade com seus significados cosmológicos. Naturalmente, o *Angical* foi realizado em um lugar fixo, mas outros tantos foram citados, apresentando suas implicâncias. Lembremos, portanto, que no caso estudado tivemos a incorporação de um espírito cobrador, que não conheceu a adepta em outras vidas, no entanto, procurava mesmo assim o seu prejuízo, visto que tinha sido pago por outro espírito para retirá-la do Vale do Amanhecer. A vitória dele ocorreria, portanto, se conseguisse deslocar a adepta, mas ele foi, por sua vez, removido. Entendamos o seguinte: o espírito pertencia ao Vale do Amanhecer quando vivo, mas quando morreu, ou seja, quando passou para o mundo espiritual, foi enganado e conduzido para o Vale Negro, onde sofria ameaças e constrangimentos. Submisso a um contrato, deslocou-se em seguida para a casa da adepta, a fim de fazê-la sair da doutrina, mas foi levado à força por entidades de proteção para o ritual de *Angical*. Assim, neste ritual, após certa dificuldade para ser convencido a permanecer no local e a conversar, o espírito decidiu partir para as casas transitórias de *Obatalá*.

Gostaria de salientar aqui os lugares comentados no ritual e as reações que provocaram nos personagens. Foi apresentado no rito um local que não foi nomeado, mas tudo levava a crer que seria o Vale Negro, onde encontravam-se um ou mais espíritos opressores; foi comentado, ainda, sobre um local próximo à família da doutrinadora, sobre o mundo material no seu aspecto geral, também sobre o espaço do Vale do Amanhecer, onde foi realizado o *Angical*, e sobre a casa transitória de *Mayante*.

O Vale Negro era um ambiente hostil para o espírito do *Angical*. Lá, conforme relatado no rito, havia um ou mais espíritos que possuíam um papel opressor, representando uma ameaça ou um constrangimento para o espírito enviado contra a doutrinadora. Se, inicialmente, o espírito se referia ao Vale Negro com atrevimento, falando sobre ordens urgentes e sobre negociações coercivas, mais adiante, ele demonstrou medo e terror sobre o mesmo lugar, afinal, era lá onde o obrigavam “*a fazer um monte de coisas*”, onde o coagiam

a ir para o mundo material, ou era o local em que era escravizado e “*sua mente* (era) “*amedoada*” pelos espíritos”, conforme explicou Pai João. Enquanto isso, a família da doutrinadora tornou-se um risco para ela, no momento em que o espírito permanecia por lá.

Além do mais, podemos entender o risco potencial que o espaço físico representa para os espíritos, quando consideramos as decisões do espírito residente no Vale Negro¹¹⁶. Ele estabeleceu uma negociação com a entidade que iria para a casa da família da doutrinadora para que se preservasse e garantisse ainda a realização de seu objetivo. A entidade enviada dirigiu-se então, contrariada, até o mundo físico, onde foi presa e conduzida para o Vale do Amanhecer pelas entidades da doutrinadora. Isto implica dizer que o temor dos entes realmente se cumpriu e que, estando ali no mundo ponderável, o espírito tornou-se mais vulnerável às entidades de luz. Por outro lado, a proximidade da doutrinadora à sua família naquele momento implicaria uma ameaça à sua permanência na doutrina, devido às atuações de um espírito do mundo negro. No entanto, o desempenho de entidades protetoras foi eficaz.

No momento seguinte, quando o espírito foi levado para o *Angical*, ele não podia realizar mais nada, não representava mais nenhum risco para a adepta. Isto foi percebido ao averiguarmos as falas da entidade conduzida ao ritual. Durante o diálogo o espírito não ameaçou a adepta em nenhum momento, apenas dizia que queria tirá-la do Vale do Amanhecer ou que não queria conversar ou que já havia sido enganado por ela outras vezes. Já nos momentos de confiança, por exemplo, ele apenas se referiu ao desgosto de estar vivendo no Vale Negro. Conforme podemos perceber, o *Angical* é o lugar de risco para o espírito e de proteção da adepta. No entanto, já dissemos que o risco que o ente corre está no seu englobamento a outras estruturas sociais e não na ameaça de sua integridade. Além do mais, no centro desta disputa entre doutrinadora e espírito do Vale Negro encontra-se uma medição de forças entre ambos para que seja possível realizar o deslocamento do outro. Afinal, o afastamento de um de seu grupo, representaria a vitória do outro. Se Avalciara saísse do Vale, estaria sem suas proteções, estaria mais vulnerável.

Já a casa transitória de *Mayante* implica apenas proteção e tratamento. O espírito que lá se encontra não está rebelde, pois, caso contrário, retornaria ao Vale Negro. Ele apenas

¹¹⁶ O Vale Negro representa muito bem o conceito “Nêmesis” de Campbell, em que cada herói possui o seu antagonismo. O Vale Negro é um lugar rival do Vale do Amanhecer. Aliás, há um trocadilho entre **Vale** do Amanhecer e **Vale** Negro, ou seja, dois substantivos iguais, com dois adjetivos antagônicos. Remete também à oposição entre luz e falta da luz. Não podemos deixar de pensar esta luz como um reforço à temática da nossa dissertação, o amanhecer como uma metáfora da colonização do povo extraterreno de *Seta Branca*. Levar luz implica em conduzir os valores da civilização sobre o estado de natureza. É o estado se expandindo.

se deslocou para este local quando decidiu ir. A sua presença ali já implica um englobamento, um princípio de inserção aos padrões da instituição, não havendo lugar para hostilidades ou recusas.

Quero, com isso, demonstrar que parece haver uma gradação em termos da eficácia do mecanismo das proteções e degradação das ameaças, à medida que os riscos se aproximam do centro, que é o Vale do Amanhecer. No Vale Negro não existe qualquer atuação das entidades de luz contra os representantes do mal que podem prejudicar a adepta. Lá, os espíritos do mundo negro podem ameaçar, aterrorizar e constranger de acordo com seus interesses. Porém, assim que os espíritos ameaçadores se aproximam da adepta, as proteções vão se tornando mais eficazes. No entanto, neste local, nada impediria os espíritos ameaçadores de voltarem ao Vale Negro se assim desejassem. Entretanto, no Vale do Amanhecer o risco do espírito é maior e as proteções da adepta também, até que os entes perigosos possam ser modificados e integrados de uma vez por todas ao conteúdo do Vale do Amanhecer. Agora transformados não são mais ameaçados pelas proteções do Vale, nem representam ameaça, mas são submetidos às proteções, transformam-se em aliados.

Conforme a história do *Angical*, a transição pode ser realizada pelos espíritos em geral, no entanto, não são todos que o fazem, e cada qual a seu modo. Vemos que o espírito pertencente ao Vale Negro prefere estabelecer uma negociação e enviar outro espírito em seu lugar do que correr o risco de sair do mundo Negro. Já as entidades de proteção são capazes de se deslocar, no entanto, elas possuem um objetivo e, cumprido isto, retornam ao seu local de origem. No entanto, o espírito do *Angical* procurava permanecer em cada espaço que transitava. Depois que ele perdeu a vida, passou a não mais pertencer a um lugar. No Vale Negro, apesar da insatisfação, não houve qualquer comentário sobre sua vontade de sair, mas quando que ele estava no *Angical* manifestou que não queria mais voltar por causa das ameaças e a doutrinadora disse que ele estava acostumado com tudo que sofria por lá. Podemos perceber que este espírito não possui um grupo, nem mesmo um lugar que se identifica ou ao qual demonstre pertencimento. Enquanto que a doutrinadora, por sua vez, possuía grande amor por suas entidades, o que reforçava e o seu vínculo pelo grupo.

Lembremos, ademais, que a elevação do espírito no *Angical* não implica apenas no convencimento de que ele deva ser conduzido a outros planos espirituais, mas o diálogo também são orientações para o espírito. Se observarmos bem, ele está completamente desorientado. No entanto, ao afirmar isto, eu quero dizer que suas expectativas não estão de acordo com as condições encontradas nos lugares em que transitou e a função da doutrinadora

passa a ser a de ajudá-lo a conhecer estes lugares e a importância dele nestes espaços. Deste modo, o primeiro engano do espírito foi o de acreditar que o lugar para onde tinha sido levado seria melhor do que aquele a que pertencia quando perdeu a vida. Ou seja, acreditou no espírito que o convenceu de que o Vale Negro seria melhor do que o Vale do Amanhecer. Assim, a doutrinadora procurou auxiliá-lo no entendimento de que aquele lugar não era bom para ele, perguntando-lhe se lá realmente estava sendo melhor. O espírito reclamou do que o obrigavam a fazer e do receio de o pegarem novamente. Ou seja, o espírito começou a admitir que aquele lugar não lhe era favorável. Em seguida, a doutrinadora esclareceu de que ele poderia mudar sua vida, aceitando ser elevado. O espírito demonstrou não saber desta possibilidade quando perguntou: “*mudar?*”. Mais adiante, teve que ser esclarecido de que as entidades da adepta deveriam realizar sua proteção até a casa transitória de *Mayante*, não permitindo que nada o ameaçasse. A utilização correta destas informações permitiu que o espírito fosse elevado, pois ele vai percebendo a necessidade de buscar algum lugar melhor.

O deslocamento do espírito ao Vale do Amanhecer e em seguida para a casa transitória de *Mayante* não implica apenas em lugares que o espírito vai estar, mas significa que ele terá que se adaptar a esta condição. Conforme foi desenvolvido por Peirano (1995), que abordou rituais Ndembu, o ritual de *Angical* pode ser visto também como um rito de passagem para o próprio espírito, visto que o rito deve, de alguma forma, provocar uma adaptação, um esclarecimento ou uma modificação nos seus parâmetros, realizando sua transição através de mudanças nas suas concepções.

4.3.6. Proteções do *Angical*

Além do mais, considerando as proteções que o Estado oferece aos adeptos e averiguando os responsáveis pelas ameaças, temos dois comentários. Primeiramente, conforme observamos, a doutrinadora está protegida pela doutrina da qual faz parte, o que implica dizer que o lugar e suas infraestruturas - suas entidades de luz, por exemplo - envolvem-na, não permitindo que riscos sejam concretizados. Por outro lado, temos aqui a condição do espírito ameaçador. O seu objetivo é o de afastar a doutrinadora do Vale do Amanhecer, por isso ele foi conduzido até o ritual de *Angical*. No entanto, apesar de ele não gostar do lugar, também não quer sair de lá, pois teme por sua integridade, por vir a ser

recapturado e a submeter-se a novas obrigações e ameaças. Dessa maneira, ele é conduzido às casas transitórias por intermédio de entidades de luz, que garantem a sua segurança durante o trajeto até o novo lugar e onde recebe novas proteções.

4.4. Recursos para a submissão do cobrador

O diálogo desenvolvido no ritual teve que ser investigado de forma evolutiva porque esta maneira de apresentação é necessária para a libertação do paciente/adepto. O doutrinador não pode apenas iniciar o *Angical* e realizar a elevação do espírito. Neste caso, ou o espírito vai retornar na primeira oportunidade, ou não vai nem ao menos sair do médium de incorporação, ou seja, o rito não será efetivado e o alívio não será alcançado. Deste modo, a ordem e a evolução de certos elementos centrais para a situação do espírito devem ser abordados pelo médium doutrinador, que deve, durante o rito, descobrir o que seria central a ser debatido e modificado no diálogo.

O domínio do discurso em um diálogo neste ritual é de grande significância, afinal, é a negociação destas posições hierárquicas, dentro de um discurso, que pode representar modificações na condição de vida do adepto. A sedução foi muito utilizada pelos dois participantes: o espírito utilizou-se de imagens que provocassem e direcionassem o terror e, assim, se mantivesse no domínio do discurso, enquanto a adepta, utilizou-se de recursos linguísticos para garantir sua posição no diálogo. O sucesso na condução do outro implicaria no melhor efeito do ritual.

Um assunto prevaleceu no final da discussão: o reflexo que a proximidade com o centro do poder do Vale do Amanhecer exercia sobre alguns tópicos observados: o espaço e o espírito. Os riscos, conforme descrição das narrativas, são suavizados à medida que os seus personagens se aproximam do templo, onde é realizado o *Angical*, e da casa transitória de *Mayante*. Esta proporção é inversa quando considerada as proteções existentes. Estas, ao contrário, são cada vez mais confiáveis. Este meio também é potencialmente significativo no aspecto da transformação, da submissão do espírito, promovendo sua adaptação para seu englobamento às forças centrais do Vale do Amanhecer. Conforme este aspecto podemos

entender o *Angical* como um confronto para a inserção do espírito para mecanismo da doutrina, ao mesmo tempo em que observamos sua resistência para o sucesso deste procedimento. Neste aspecto podemos considerar que ele sofre um processo de iniciação neste conteúdo, de transformação para sua inserção em outro meio.

O conceito clássico de *Angical* não foi encontrado neste ritual. Pois, a adepta deveria conseguir, por intermédio do diálogo, revelações sobre si, para então convencer espírito da mudança de sua personalidade de outras vidas. No entanto, ao contrário, o espírito é quem foi surpreendido em uma conversa reveladora que esclarecia sua própria condição em uma espécie de hermenêutica de si mesmo, direcionada ao espírito. A elevação do cobrador apenas se processou após ele compreender sua antiga condição submissa e sua nova necessidade de proteção.

CAPÍTULO IV

5. Sobre a performance

5.1. Dos Dramas Sociais

O objetivo deste capítulo é fazer uma abordagem sobre a cura no Vale do Amanhecer considerando a performance dos rituais. Em razão das similaridades dos objetos de pesquisa, foi realizada uma releitura do texto “*Social Dramas in Brazilian Umbanda: The Dialectics of Meaning*” de Victor Turner (1987), para, deste modo, obtermos um novo significado nos rituais do Vale.

Victor Turner esteve no Brasil no final dos anos 70 para aprender um pouco sobre Umbanda e para poder, deste modo, averiguar a aplicação de seu conceito de ‘drama social’ neste objeto, tomando como parâmetro a tese de Yvonne Maggie (2001). Após algumas reconsiderações, estimou que sua teoria poderia ser ainda bem aplicada, embora a sociedade agora fosse industrial, não mais uma rural ou ‘tribal’, como a Ndembu, onde havia realizado sua etnografia para escrever a obra ‘*Schism and Continuity in an African Society*’ (1957).

Em síntese, o conceito de drama social implica em um método antropológico que estuda a vida social na comunidade por meio da observação da evolução de certas crises dentro do grupo. Conforme o contexto pragmático, a crise significa os antagonismos, tais como os antigos rancores, as rivalidades e as vendetas revividas (Turner, 1987:34). Esta concepção nos é proveitosa, pois os sujeitos abordados nesta dissertação visam solucionar dificuldades que são consequências de antigas rivalidades desencadeadas em um passado mítico, mas que pode ainda ser solucionada com base na realização dos rituais.

No entanto, conforme o rigor exigido por Turner para explorar este conceito de drama social, perceberemos inicialmente que os conteúdos míticos individuais não se aplicam a esta teoria. Mas esta mesma inadequação não o impediu de abordar a Umbanda. Observemos as palavras de Turner sobre este conceito:

One 'social drama', as I have called an objectively isolable sequence of social interactions of a conflictive, competitive or agonistic type, may provide material for many stories, depending upon the social-structural, political, psychological, philosophical, and, sometimes, theological perspectives of the narrators. (Turner, 1987:33).

Deste modo, as ações que foram destacadas na etnografia do autor (1957), eram as que envolviam rupturas e conflitos de grande relevância social, ou seja, que salientavam as interações sociais. Portanto, conforme este conceito, seria uma incoerência estudar o grupo da Umbanda. Afinal, no cerne dos atendimentos espirituais umbandistas estão as soluções de crises individuais (Turner, 1987:67), o que se assemelha aos rituais do Vale do Amanhecer. Além do mais, conforme Turner mesmo observou, não seria possível esperar das pessoas que frequentavam o terreiro de Umbanda uma coesão social homogênea, uma vez que tal comunidade pertence a um contexto de “*sociocultural dynamics of urban life in an industrial economy*” (*ibidem*) que não se baseia nas mesmas relações parentais de um pequeno vilarejo africano.

No entanto, apesar destes pontos contrários, Turner insistiu na possibilidade de abordar um grupo umbandista com base em seu conceito de drama social. Mas para isso ele achou que seria necessário estudá-los considerando suas interações entre os mais diversos terreiros existentes, preocupando-se com as relações externas e menos com as internas, que eram tão plurais. Este foi o seu conselho para Yvonne Maggie, visto que seu tema de pesquisa considerava a observação de um terreiro desde o período de sua fundação, motivada por um conflito contra um outro terreiro rival (2001). Esta disputa em si e seus reflexos estariam em conformidade com o conceito de drama social.

No entanto, mesmo reconhecendo a inoperância de tal conceito para nossa pesquisa, mantivemos a releitura de Turner. Tais incoerências se procedem pelos seguintes argumentos: primeiramente, esta etnografia está fundamentada na cura de adeptos, através das *práticas rituais* desempenhadas conforme interesses *individuais*, em que a ordem e a urgência das realizações de tais ritos dependem da vontade do médium e da sua necessidade espiritual, identificada por sua intuição ou por comunicados personalizados de entidades. Além do mais, as curas dos adeptos dependem de suas libertações alcançadas mediante a cobrança de um espírito em particular, associado a uma história singular que os envolveu. Ou seja, os fiéis praticam os rituais conforme o seu interesse ou necessidade particular, não havendo necessariamente, para este fim, vínculo com algum grupo social, pois aí está em jogo sua própria condição.

Entretanto, apesar de todos os argumentos contrários, o autor ainda forneceu algumas qualidades relativas ao conceito de drama social, que o aproxima significativamente do mecanismo geral das narrativas mítico-cosmológicas dos adeptos do Vale do Amanhecer. Uma destas similaridades está nos meios aplicados para a solução de crises. Como Turner afirmou, regras sociais estão passíveis de se submeterem a infrações, o que afetaria os laços mantidos entre os membros do grupo, conduzindo, assim, a algumas divisões internas. Esta crise é solucionada dentro da própria comunidade por meio de recursos reparadores. Conforme o autor, estes mecanismos citados também são aplicados pela Umbanda, mas esta aplicação acontece de acordo com suas particularidades. Ou seja, *“If an Umbanda session has a redressive function this is directed to crises in individual lives rather than to the ongoing life of the group to which the members belong”* (Turner, 1987:67). Deste modo, os mecanismos reparadores que deveriam ser aplicados para solucionar crises de âmbito social eram utilizados para circunstâncias individuais, similarmente ao observado no Vale do Amanhecer.

Baseando-se em Turner, dir-se-ia que as dificuldades dos adeptos seriam apenas uma entre quatro atos de uma peça. O autor afirmou que o drama social é ‘processualmente estruturado’, ou seja, *“it exhibits a regular course of events which can be grouped in successive phases of public action”* (Turner, 1987:34). Isto quer dizer que a ocorrência do drama social estaria vinculada a quatro processos sociais, que seriam a ruptura da ordem¹¹⁷, a crise propriamente, a fase remedial ou reparadora e, por fim a quarta, que consiste na restauração da paz. Segundo ele, a crise por si mesma, ou seja, quando as agressões são muito comuns, implica em uma fase liminar que não é nem um momento harmônico, nem o momento liminar ritual; o estágio três consiste em mediações informais, conselhos pessoais ou arbitrações jurídicas formais e mecanismos legais; a fase quatro seria a reintegração. Argumentando ainda no mesmo sentido, o autor divide em quatro as fases de tratamento ritual do cliente ou a fase reparadora: a primeira é a identificação da presença da doença, que aflige os envolvidos na contenda; a segunda é a utilização de recursos divinatórios para a aplicação dos veredictos; depois a fase de tratamento e, a última, é a cooperação entre participante e celebrante. A fase de tratamento ou reparação implica na reconstrução da narrativa pelos adivinhos ou responsáveis pelo ritual, quando são interpretados significados de ações e

¹¹⁷ *Breach* of regular norm-governed social relations made publicly visible by the infraction of a rule ordinarily held to be binding, and which is itself a symbol of the maintenance of some major relationship between persons, statuses, or subgroups held to be a key link in the integrality of the widest community recognized to be a cultural envelope of solidary sentiments (Turner, 1987: 34).

palavras, associando tudo ao paciente ou a pessoas mortas. Tais narrações são situadas geralmente antes da primeira fase dos dramas sociais (o momento da ruptura), e justificam a transgressão dos sujeitos bem como o acontecimento em sua totalidade (Turner, 1987:38).

Os tratamentos observados no Vale do Amanhecer apresentam-nos fases semelhantes à salientada acima, mas destacam os relatos cosmológicos individuais no lugar dos dramas sociais. Geralmente os adeptos identificam algumas dificuldades persistentes como uma forma de atuação de espírito cobrador, ou seja, algum mal de origem espiritual. Mas apenas ritos de comunicação confirmam tal suspeita e orientam sobre rituais a serem desempenhados para o alívio das dificuldades. Inicia-se então a fase reparadora, a do tratamento, em que são desempenhados os ritos que devem conduzir o médium a outro ritual de comunicação que justificará todas as dificuldades vividas pelo médium e a natureza de seu vínculo com o espírito, ou seja, “*may represent an almost complete inventory of the disputes, open or suspected, between the principal actors in the social drama*” (Turner, 1987:38). Tal situação foi vivenciada por Santiago quando identificou que repetitivas ameaças sofridas à revelia pudessem ser uma cobrança espiritual. Tal situação foi confirmada em comunicação de ritual de tronos. Assim, ficou impedido de sair do Vale do Amanhecer, vivendo um período liminar que durou cerca de 11 anos, tempo necessário para a realização de incontáveis ritos que permitiram sua libertação em *Angical*. A justificativa por tudo que passara estava nas mortes provocadas quando era General egípcio em sua outra vida, ou seja, em um período bem anterior aos riscos vividos. Graciara também passou pelo mesmo processo. Sua Preta Velha pediu-lhe para assumir uma prisão. Desse modo, viveu seu período liminar, realizando diversos rituais, dentre eles *Abatás*, *escalada*, *cruz do caminho* e, enfim, no *juízo* teve a comunicação esclarecedora de sua irmã abandonada em um passado esquecido. O motivo dos adeptos ou de suas vidas diárias está no passado mítico de cada qual. Por isso, vejo-me em condições de parafrasear Turner, ao dizer que os dramas sociais estavam por trás de narrativas ou eventos sociais, concluindo que: “*e pur se muove*” (Turner, 1987:37). Penso que por trás das grandes dificuldades individuais de adeptos do Vale, de suas inquietações, de suas decisões, estão suas histórias míticas, pois “*e pur se muove*”.

O autor ainda destacou outros aspectos referentes aos procedimentos remediais ou reparadores para a solução de conflitos. Conforme foi dito, esta fase pode ser formal, por meio da aplicação de mecanismos jurídicos, ou informal, pelo uso de mediações e conselhos. Estes recursos, por sua vez, são aplicados contra seus próprios representantes, quando são avaliados de acordo com certos padrões; esta fase, inicialmente, pode ser um

pouco violenta, como costumam ser a prisão de alguns que quebraram tabus ou daqueles acusados de bruxaria; além do mais, os envolvidos são submetidos a períodos liminares rituais ou legais quando são desempenhadas réplicas dos acontecimentos que originaram as crises, para que eles sejam avaliados por suas ações que devem ser reparadas após certas imolações, que liberariam certas tensões. Com base nestas características podemos analisar nossos rituais de *juízo* e *Angical*. De acordo com as entrevistas, temos que ter atenção ao averiguar as circunstâncias destes ritos, pois afinal: quando se iniciam as cobranças e quando começam os rituais para alcançarem seus alívios? Os obstáculos são apenas as cobranças ou já fazem parte dos rituais de desobsessão? É fato que os médiuns praticam os rituais constantemente, afinal, devem se preocupar com o equilíbrio de sua mediunidade. No entanto, muitas dificuldades conduzem os adeptos a realizar um conjunto de rituais que terá o seu ápice em uma libertação. Deste modo, as dificuldades são tanto sequelas de conflitos do passado mítico-cosmológico, como o princípio de uma fase liminar que pode durar semanas ou até mesmo anos. Vejamos o caso de Santiago novamente: ele assumiu a responsabilidade de realizar rituais durante 11 anos, enclausurado dentro do Vale do Amanhecer, quando identificou o risco de vida que corria. No entanto, o risco permanecia durante este período liminar e sofria suas dificuldades que tinham relação com as próprias práticas rituais, pois, espera-se que o adepto sofra situações semelhantes às perversidades causadas, até conseguir sua libertação. Deste modo, suas dificuldades são o ponto de conexão entre o seu passado mítico, como o princípio de um período liminar de imolações, que são também uma forma de violência, pois os obstáculos sofridos são os que conduzem o adepto ao ritual. A solução ocorrerá com a participação de rituais que direcionariam o adepto até sua libertação, que pode ser um rito mais informal, como o *Angical*, ou outro bem mais formal, o *juízo*, quando serão avaliados e cobrados pelo oprimido de outras eras. Deste modo, podemos dizer que estes rituais, em seu conjunto, são como performances restauradoras, “*in the sense that they restore order and redress violations of integrity in the lives of the urban individuals*” (Turner, 1987: 47).

A maneira de recuperar um evento oriundo do passado implica significativa eficácia da fase reparadora do Vale do Amanhecer, como também aproximam nossas narrativas ao conceito de drama social. Temos que ter como base que o fiel interpreta suas dificuldades, sobretudo as situações inesperadas, como o resultado de um desejo de justiça proveniente de um espírito que o conheceu em um passado misterioso. Ou seja, uma aventura mítica há muito perdida, ainda lhe rende consequências que não podem ser solucionadas sem reconexão com estas situações - possibilidade estabelecida pelos rituais, principalmente, de *juízo* e

Angical. De acordo com a maneira de se analisar acontecimentos históricos, há dois conceitos que foram considerados por Turner, com base em Hayden White: o de crônicas, fatos da ordem temporal de seus acontecimentos, e os fatos históricos, que são eventos completados através de processos diacrônicos, baseados em ‘motivos inaugurais’ (Turner, 1987:35). Ou seja, os fatos podem ser considerados de maneira sincrônica ou de acordo com justificativas anteriores. Mas Turner acha que os dramas sociais possuem uma ordem peculiar, pois deve-se considerar a opinião de cada envolvido no conflito. Assim, temos que,

Rather is it (the order) the consequence of shared understandings and experiences in the lives of members of the same changing sociocultural field. I am not, of course, arguing that personalities are the puppets of culture. Rather do I support Theodore Schwartz’s view that each human being is an “idioverse” with his/her “individual cognitive, evaluative, and affective mapping of the structure of events and classes of events”, in his/her sociocultural field. (ibid: 36).

Deste modo, devemos considerar três pontos importantes. Primeiramente, os dramas sociais dependem da compreensão e experiência de cada envolvido. Por isso, no Vale do Amanhecer os rituais de comunicação apresentam tamanha importância: apenas assim os adeptos podem saber dos motivos das perseguições dos espíritos. Lembremos da fala de Graciara: “(...) *Eu falei assim: infelizmente não lembro da época que a gente viveu juntas, que é uma outra época, aqui na terra é apagada nossa memória, então não lembro realmente como a gente era*”. O ritual de comunicação permite que o espírito esclareça o que ele viveu, conforme a sua compreensão. Assim, a estrutura dos eventos também depende do espírito cobrador, que considera a contenda de outras vidas o fator significativo para a exigência da justiça. Por último, devemos considerar que eles não são do mesmo “*sociocultural field*”, pois o adepto pertence a uma vida diferente da que pertencia naquele momento, um conteúdo histórico perdido. Portanto, assim como os dramas sociais, as histórias cosmológicas dos sujeitos possuem uma ordem peculiar, que envolve tanto a compreensão dos fatos do adepto, quanto do espírito. Sem a consideração das situações por parte do espírito, o adepto pode não alcançar sua cura.

O conceito de drama social ainda destaca o aspecto fundamental de ser o ponto de referência a novas situações. De acordo com Turner, “*such narratives become scripts or arguments to be used by the instigators of new sequences, and equally by those who aim to rebut them*” (Turner, 1987:33). Ora, alguns acontecimentos são fundamentais por “*provide*

materials for many stories”, mas nunca são localizadas na atualidade, pois “*the social drama is processually ‘structured’ before any story about it has been told*” (*ibidem*). Esta justificativa traz à tona a importância das ‘narrativas esquecidas’ dos cobradores, por funcionar como uma estrutura para as dificuldades dos adeptos. Por trás de suas próprias dificuldades estão os motivos de seus problemas: as mortes provocadas por Santiago nas batalhas de seu passado mítico-cosmológico são as origens de ameaças recebidas por desconhecidos, antes de se refugiar no Vale do Amanhecer, por exemplo.

Conforme podemos perceber, as narrativas mítico-cosmológicas são ativas, a ponto de oprimirem suas vítimas e até mesmo provocarem riscos de vida. A fim de se protegerem, inicialmente, e se libertarem destas ameaças alguns adeptos se refugiam nas proteções fornecidas pelos rituais para que, na primeira oportunidade, possam transformar definitivamente a natureza destas histórias esquecidas. Turner sugeriu que em algumas situações o Estado colonizador intervinha para solucionar crises em seus Estados colonizados (Turner, 1987:35). No Vale do Amanhecer, temos um Estado que fornece todos os recursos para o julgamento e a libertação de seus membros. O Estado colonizador, na verdade, disponibiliza mecanismos de reparações de crises míticas que nunca deixaram de ser ameaçadoras.

É compreensível a consideração de que as narrativas mítico-cosmológicas do Vale do Amanhecer sejam ativas e perigosas, afinal, os dramas sociais nunca deixaram de existir em nosso campo de pesquisa. Esta afirmação não contradiz a lógica de nosso argumento, apenas traz à tona a importância de observarmos a dimensão mítico-religiosa mais cuidadosamente, o que já vinha sendo sugerido por Turner. Recordemos que, segundo o autor, os dramas sociais deveriam existir em uma comunidade cujo vínculo social seria mais coeso como em sociedades com base econômica rural ou de aspectos ‘tribais’, onde a ligação parental é maior. Isto não acontece nem na Umbanda, nem no Vale do Amanhecer, pertencentes a um meio social heterogêneo, fruto de economia urbano-industrial. No entanto, este vínculo parental ainda existe, mas em nível cosmológico, como já vinha sendo salientado por Turner. Segundo ele, os adeptos da Umbanda aplicam termos às entidades e médiuns no âmbito do parentesco, tais como *Mãe de Santo* ou *Vovó Catarina*, recuperando, deste modo, valores metafóricos destes conteúdos. Estes vínculos são salientados no Vale do Amanhecer, sobretudo nos rituais de comunicação. Lembremos da história revivida por Graciara no seu *juízo*, quando ela conversou com sua irmã no período do Brasil colônia. Deste modo, a coesão social perdida pela urbanização é recuperada pelos rituais, a ponto de dizermos que

estes vínculos não deixam de existir, mas estão em um nível cosmológico. Turner já destacava este aspecto: “*In Umbanda the principles of continuity, stability, unity seem to be lodged in the cosmology of the belief system, in the symbolic types manifested as the Orixás and other entities, rather than in the social dimension*” (Turner, 1987:70). A coesão associada ao conceito de drama social não deixou de existir, sendo a peça que faltava para justificarmos a aplicação dos recursos reparadores e o argumento para compreendermos a cura do Vale, pois a persistência do drama social em nível mítico pôde ser recuperada e modificada pelos rituais.

A sugestão de Turner será agora bem vinda: conforme destaquei acima, o autor sugeriu que o terreiro de Maggie fosse estudado conforme suas relações com outros da vizinhança. Aplicarei aqui este raciocínio, mas mais uma vez em um nível cosmológico. Não podemos nos esquecer que Tia Neiva preocupou-se em estabelecer um bom relacionamento com seus vizinhos, enquanto ela fundava o Vale do Amanhecer. Por isso, realizou acordos com entidades do Vale Negro, dizendo que eles deveriam ficar longe da sua área. Isto demonstra sua inquietação, ou a de suas entidades de proteção, para manter uma “*more stable neighborhood relationships*” (Turner, 1987:69) para que pudesse ter uma maior durabilidade em unidades locais (*ibidem*).

5.1.1. Da arena de batalha

O texto da Rita Laura Segato – *O Santo e a Pessoa: Imagens que Articulam a sua Relação* (1995:223-257) – estabelece um diálogo interessante com esta pesquisa, quando analisou a questão da cura dos praticantes de cultos de possessão, em xangô do Recife. Em sua análise ela disse que um filho-de-santo teria seu equilíbrio psíquico associado ao caráter do santo a que o filho pertencesse. Deste modo, a iniciação do filho-de-santo estaria relacionada a uma responsabilidade do pai ou mãe-de-santo. Entende-se que a escolha do santo do fiel apenas ocorreria mediante uma consulta ao oráculo e a uma avaliação por parte do iniciador sobre o aspecto psicológico do iniciante e o do santo, em seu conteúdo mitológico. O caráter psicológico de ambos deve ser coincidente, mesmo que este aspecto seja pouco saliente no iniciante. Outra questão levantada está no fato de haver poucos praticantes do culto que tenham apenas um santo – em geral eles possuem dois ou mais –, havendo um

principal – o dono da cabeça – e o *ajuntó* – em um papel coadjuvante. Sem querer entrar em maiores detalhes, mostro que a autora coloca a possibilidade de os santos disputarem a cabeça do filho, bem como de um santo ser escolhido erroneamente. Nestes dois casos o filho-de-santo sentiria consequências em seu aspecto psicológico: dando uma ênfase em um aspecto de sua personalidade, que é vinculada à do santo, quando no fim da contenda entre ambos; ou sentiria problemas sociais e psicológicos se não houvesse solução da briga entre os santos. A autora mostra que o equilíbrio emocional é um resultado de uma negociação do próprio filho-de-santo, do pai ou mãe-de-santo, considerando o aspecto da personalidade do filho-de-santo e o caráter mitológico do santo. Mostra ainda que a cabeça do fiel seria algo como um palco, um lugar onde “(...) existe uma série de personagens, entrelaçados num drama que reedita as intrigas mitológicas na esfera e com os elementos do psiquismo individual” (Segato, 1995: 244). O resultado deste drama mitológico, negociado com o filho e o pai-de-santo, influenciaria a personalidade do filho-de-santo, bem como o seu equilíbrio psicológico.

No Vale do Amanhecer, o equilíbrio e a cura do adepto também estão associados a uma relação mítica, mas o palco desta batalha está nos rituais ou no dia-a-dia e o adepto é um eixo em um conflito que deve ser desempenhado nos ritos e complementado em disputas com espíritos que acontecem no *juízo* ou *Angical*. Assim como na pesquisa de Segato, o resultado da sorte do médium depende de sua participação neste conjunto de rituais, que simulam batalhas e até mesmo atualizam debates entre espíritos. A ausência prolongada nestas performances ou o fracasso em diálogos com cobradores pode implicar na permanência das cobranças espirituais ou na impossibilidade de suas curas.

A cura do adepto depende de sua completa inserção na cosmologia do Vale do Amanhecer. Isto implica dizer, que o médium deve se submeter a uma nova identidade hierárquica de forças, de entidades de proteção e de pertencimento a novos grupos. Passa a ter função importante no conjunto de rituais que protegem o Estado soberano do Vale do Amanhecer, conforme nossa interpretação, sendo submisso às orientações dos Pretos Velhos e à burocracia da instituição, podendo ser julgado por seus atos cometidos no passado, ao mesmo tempo em que é um instrumento de manutenção do Estado colonizador, por ser seu braço repressor, jurídico ou educacional¹¹⁸. Apenas inserido nesta cosmologia, sofrendo com

¹¹⁸ Dependendo do ritual que o adepto realize ele contribuirá de algum modo para a manutenção do domínio do estado: através da atuação do médium em rituais que objetivam a defesa do território do estado – ritual de *Abatá*, *Imantração* -, por contribuir com o desejo de justiça – ritual de *juízo* e *Angical* – ou recursos educacionais – mesa evangélica. Vale justificar que algumas vezes o *juízo* e *Angical* podem salientar muito o esclarecimento, também.

o processo de usurpação, adquirindo seus bônus, avaliados em aparelho de captura, ele obtém recursos que o auxiliam na modificação de seus dramas sociais individuais.

Os espíritos não são submissos ao Vale do Amanhecer. Na verdade, eles reagem, provocando efeitos e sendo vítimas dos rituais tanto quanto os adeptos. Isto implica dizer que quando um adepto começa a sofrer determinada cobrança, dependendo da natureza da persistência do espírito, o médium pode passar por situações que podem durar anos, até conseguir elevar seu cobrador. Neste dia, o espírito espera que o médium tenha aprendido com o sofrimento, como o fiel tem de conseguir convencer o espírito a seguir o seu caminho e, para isso, a entidade tem que ter sofrido os efeitos do ritual. Adepto e cobrador sofrem a seu modo o efeito do ritual, ou seja, *“Social dramas may draw their rhetoric from cultural performances; cultural performances may draw on social dramas for their plots and problems”* (Turner, 1987: 42).

Isto apenas é possível porque adepto e espírito reconhecem no ritual elementos que provocam submissão. Não apenas o médium se submete aos tabus dos rituais, mas o espírito reconhece a força dos ritos e não ousa desafiar as entidades de proteção dos médiuns, como reconhece a estrutura do ritual de *juízo*, realizando suas cobranças quando devem ser realizadas, não antes nem depois do momento adequado. O espírito que desafiou a adepta Avalciara, no capítulo III, foi levado até o ritual por causa das entidades de proteção da fiel. Já o espírito que era irmã de Graciara teve que esperar o momento adequado para lhe contar a narrativa mítico-cosmológica que envolveu-lhes. Isto permite-nos lembrar a citação que Tambiah fez de Bloch:

The ultimate inspiration for Bloch's view lies in seeing formalized modes of communication as the handmaid (perhaps even a basis?) of political authority, and in the further extrapolation that religion is an extreme form of political authority. Formalization in a political action context becomes an engine of power and coercion, because it admits of no argument, and of no challenge to authority, except by total refusal to accept the conventions of authority. (Tambiah, 1985: 155).

Deste modo, temos um argumento que justifica a obediência aos rituais do Vale do Amanhecer. O fato de se manter a formalidade adequada aos ritos já garante a autoridade sobre todos os participantes. No entanto, no caso da desta etnografia, encontramos tais formalidades e, além disso, uma formalização política que funciona como um mecanismo de poder e coerção. Este duplo mecanismo age sobre todos os envolvidos, sobretudo sobre

sofredores e cobradores, mas também adeptos, provocando transformações que ocasionam elevações de espíritos e, por sua vez, a cura de fiéis.

5.2. Ainda Turner

5.2.1. As narrativas mítico-cosmológicas

O texto de Victor Turner, “*Social Dramas in Brazilian Umbanda: The Dialectics of Meaning*” (1987), foi desenvolvido conforme sua teoria de drama social, alicerçada na análise da evolução de conflitos de interações sociais e na observação da aplicação de recursos que solucionariam tais contendas. Uma comunidade coesa, geralmente fundamentada em vínculos parentais, com base em economia rural, pode ter em seu núcleo conflitos que revelam a natureza competitiva de seus membros. Estas vendetas provocam crises internas, gerando grandes divisões que devem ser sanadas e para isso a comunidade utiliza-se de recursos reparadores que podem ser rituais que aplicam mecanismos de mediações entre os principais envolvidos. Deste modo, tal comunidade parece fornecer recursos que objetivam promover situações de melhor convivência entre seus membros.

No entanto, o Vale do Amanhecer é uma comunidade heterogênea e, por isso, merece uma abordagem diferenciada. O conceito de drama social apenas pode ser aplicado em uma comunidade coesa e homogênea, onde os conflitos internos, relacionados a rupturas de regras sociais, provoquem crises e divisões entre seus membros. O nosso grupo, em meio a uma comunidade urbana, baseada em uma economia industrial, é extremamente heterogêneo e as disputas entre seus membros pouco afetam-nos como um todo, não provocando qualquer divisão entre os participantes. Porém, há rituais semelhantes a recursos reparadores que são aplicados urgentemente a todos seus adeptos, como se todos estivessem envolvidos em contendas de tamanha repercussão. Porém, se a quantidade de adeptos submetidos a estes rituais periodicamente estivessem envolvidos em dramas sociais, haveria a possibilidade de a

doutrina ser colocada em risco. Um exemplo disso são os rituais de *juízo* e o de *Angical* que são realizados frequentemente e atendem a numerosos fiéis a cada sessão.

Mas conforme observamos, estes recursos reparadores não objetivam solucionar problemas sociais, mas individuais. Cada adepto participa dos rituais procurando suas curas, que não estão associadas a dramas sociais, mas a suas próprias narrativas mítico-cosmológicas. Espíritos de eras perdidas cobram os adeptos e a única ligação entre eles são estas aventuras esquecidas, recuperadas nos rituais. No entanto, surpreendentemente apesar de estas histórias não serem dramas sociais, elas exigiam mecanismos semelhantes para suas soluções, tais como recursos reparadores urgentes e necessários, assim como etapas similares para a solução do problema: a fase de identificação do obstáculo e de aplicação do veredicto, a de tratamento, que inclui um período liminar, e um de revelação. Além do mais, de modo semelhante aos dramas sociais as narrativas mítico-cosmológicas são como estruturas - ou "*scripts*" - das próprias dificuldades dos adeptos, estando anteriores aos acontecimentos em si, como sendo suas origens, pois "*provide materials for many stories*".

Ademais, embora o desempenho dos ritos tenha o objetivo de solucionar problemas individuais, observamos que de fato resolveram contendas que estariam localizadas em uma comunidade cosmológica perdida, como se reivindicassem restabelecimento de sua antiga harmonia e exigissem reparação de ruptura social que prejudicou a coesão anterior. As narrativas mítico-cosmológicas recuperam situações distintas das que são vividas de fato pelos adeptos, pois seus relatos se referem a antigos parentescos esquecidos e que devem ser reatados para que o diálogo com o espírito seja mantido. Esses laços assemelham-se à coesão social necessária para a análise do drama social. Além do mais, esta suspeita é reforçada, quando é observada a preocupação em manter a harmonia entre os grupos que estão ao redor do Vale do Amanhecer, mas em seu contexto cosmológico, conforme foi destacado através da narrativa de que Tia Neiva havia estabelecido acordos entre espíritos do Vale Negro que poderiam se opor a seu povo. Alianças externas eram mantidas a fim de se manter um relacionamento mais estável com sua vizinhança.

Deste modo, uma doutrina constituída por comunidade heterogênea em uma economia de base industrial tem a condição de recuperar conceitos de dramas sociais e recursos reparadores para compreendermos o mecanismo da cura. Conforme percebemos, a instituição aplicava recursos reparadores para solucionar narrativas que estavam, na verdade, dentro de um contexto mítico-cosmológico. No entanto, este conteúdo apresenta aspectos de

necessidade de coesão e reparação de rupturas, permitindo que recuperemos o conceito de drama social para tratarmos das narrativas mítico-cosmológicas, que interagem dialogicamente por ainda serem ativas e urgentes. No entanto, a única maneira de chegarmos até estas narrativas e repará-las é por meio das performances dos rituais. Se os dramas sociais exigem tais reparações, as narrativas mítico-cosmológicas, no mesmo nível de urgência, necessitam de recursos formais ou informais - diálogos entre os dois envolvidos - para recuperarem uma necessária e obrigatória harmonia.

Por isso, podemos dizer que os rituais, em seu conjunto, são como performances reparadoras. Afinal, Turner destacou que entre os Ndembu há alguns recursos empregados para que conflitos sejam solucionados e a ordem seja restabelecida. Estes mecanismos são o emprego de performances formais ou informais, que atuam contra os próprios representantes da comunidade, geralmente através de emprego de força, inicialmente mantendo o transgressor em uma fase liminar, sofrendo imolações, para que possa ser reintegrado. Situações semelhantes acontecem com adeptos do Amanhecer quando são submetidos às cobranças e mantidos em períodos liminares, até terem o direito de serem cobrados por suas vítimas do passado, quando a justiça é aplicada contra seus próprios adeptos para que aconteça a reparação. Por isso, tais rituais podem ser considerados em seu conjunto como performances reparadoras de dramas sociais individuais, ou mítico-cosmológicos, onde toda a força da coação social ainda repercute atualizada em cada adepto.

5.2.2. O desempenho da burocracia do Estado

Deste modo, os rituais do Vale do Amanhecer representam uma performance de conflito que tem o objetivo de proteger o Estado soberano da doutrina, mas que, no final das contas, provoca a cura de seus adeptos. A inserção do adepto ao sistema e ao conjunto cosmológico dos rituais do Vale do Amanhecer, fazendo parte da burocracia e da estrutura protetora e usurpadora da doutrina, faz com que o adepto tenha por contrapartida as proteções necessárias para obter sucesso em rituais de desobsessão, tais como *juízo* e *Angical*. O resultado deste conflito entre adepto e espíritos é responsável por transformá-los em razão das

dificuldades e demora do conflito. As estruturas dos rituais também são significativas neste processo, no Vale há o duplo recurso de haver padrões de formalidade e tabu pela exigência do ritual religioso, mas também pelo rigor do seu aspecto político, reforçando ainda mais o poder e coerção envolvidos nas atividades, sendo ainda mais eficazes para as curas.

6. CONCLUSÃO:

6.1. Crise política e mediunidade

Procurei demonstrar no capítulo I que havia uma contradição no Vale do Amanhecer, uma vez que o número de fiéis que participavam dos rituais parecia não ser afetado com a crise na disputa do posto mais alto da instituição: um golpe que substituiu o primeiro Trino da doutrina. Uma das explicações viria, portanto, com o histórico da instituição e com a abordagem etnográfica, pois as orientações das entidades no cotidiano dos fundadores e de adeptos os auxiliava a aliviarem suas dificuldades e incentivava a participação incessante nos ritos. Ademais, uma segunda explicação viria com duas falas básicas: as que afastam os fiéis de desagradáveis conflitos - em razão da iminência de prejudicarem seus carmas, de violarem interdições em envolvimento políticos e de inspirarem sentimentos contrários à paz e harmonia - e as que reforçam a avassaladora e irrevogável justiça de *Chapanã*, o *Cavaleiro da Lança Negra*, contra agentes incorrigíveis que insistissem em prejudicar o sistema doutrinário do Amanhecer.

Assim, chegamos à primeira conclusão: a de que os adeptos são incentivados a exercer a sua mediunidade e a preservar os seus carmas. Apenas pelo exercício dos rituais, atividade significativa para adeptos e instituição, é que forças são geradas e vínculos duradouros entre médiuns e entidades são mantidos.

6.2. A natureza desta ligação existente entre espíritos de luz e adeptos justifica-se e torna-se ainda mais intensa em razão da complexidade das práticas dos rituais. A formação do fiel insere-o em um sistema tão amplo que atualiza o conceito da instituição: o Vale do Amanhecer é uma doutrina política, afinal, as identidades dos adeptos são desconstruídas e reconstruídas para que possam ser inseridos a novas hierarquias associadas a redistribuições de cargos, responsabilidades, personalidades e poderes. O indivíduo está amplamente burocratizado, pois passa a ter a segurança de cavaleiros ou guias missionárias, são chamados de *jaguares*, doutrinadores, *Aparás*, *yuricys* e fazem parte de novas hierarquias de

forças, sendo portanto, *Arcanos*, *7º Raios* etc. Assim, temos uma conceituação que aglutina todas as outras qualidades levantadas anteriormente sobre o Vale. Afinal, se anteriormente destaquei a crença na vida após a morte, o resgate cármico, a divisão paramilitar e as desobsessões de espíritos, podemos dizer agora que estas hierarquias e qualidades políticas estão associadas ao resultado cármico do passado de outras vidas e funcionam para a elevação de espíritos para a casa transitória de *Mayante*.

Nada disso seria possível, afinal, se o adepto participasse de acordos ou conflitos árdios contra espíritos do Vale Negro sem a preparação adequada. Os adeptos precisam saber como conversar ou lutar contra espíritos, por isso, aprendem a desempenhar os rituais, recebem nomenclaturas hierárquicas, utilizam armas adequadas, ou seja, energias superiores, e se posicionam corretamente em postos para desempenhar funções estabelecidas.

Havia concluído anteriormente que a doutrina do Vale do Amanhecer, devido ao mecanismo de funcionamento e periodicidade dos rituais, organiza-se como um Estado soberano. O portal do Vale, o ritual de *Abatá* e de *Imantração* protegem o território da cidade contra as forças do caos e da desordem referentes às margens. Entidades, rituais e adeptos participam deste procedimento contra espíritos que não aceitam a lei.

Ademais, lembremos que o centro do Estado do Vale do Amanhecer é um corpo burocrático extraterreno, existente em uma região abstrata, sem deixar de ser onipresente e inalcançável ao mesmo tempo. Isso implica na diferenciação e pluralização de seus representantes, para que se possa garantir a comunicação e a administração de uma doutrina. Por causa da morte de Tia Neiva, a fala de *Pai Seta Branca* tornou-se perdida, mas representada pelos inúmeros Pretos Velhos. Da mesma forma, suas determinações foram substituídas pelos Trinos, com a diferença de que, agora, as decisões não têm o aval da voz soberana. Enquanto sua voz se diversificou, o seu comando se unificou, afastando-se do centro supremo. Assim, com o objetivo de se aproximar de orientações mais pertinentes, os adeptos são fiéis às informações dos Pretos Velhos, dando pouca importância aos Trinos para valorizar mais o braço extraterreno do Estado do Vale do Amanhecer.

Como consequência desta divisão, podemos avaliar estes dois representantes do Estado, considerando dois aspectos distintos, baseando-nos em um mecanismo fornecido por Ferguson. Exatamente como foi explicado por este autor, o Estado na ótica dos Trinos é apenas um ponto de coordenação e multiplicação de relações de poder. Por outro lado, conforme Pretos Velhos, rituais e energias, Estado é uma substância movimentada entre

indivíduos, entidades e rituais, sendo apenas, por meio deste circuito, uma fonte de poder e de cura.

Este Estado soberano extraterrestre possui também uma organização burocrática com seus respectivos representantes responsáveis pela realização dos rituais e da aplicação de seus objetivos. Afinal, em uma distribuição hierárquica tão rigorosa, este Estado exigiria um representante supremo, responsável por decisões que atendem à instituição em aspectos pragmáticos conforme a sua fundação, e a divulgação de suas leis. Também foi ele quem indicou principais representantes entre adeptos da doutrina. Por outro lado, Pai João de Enoch é o executivo do Vale do Amanhecer nos planos espirituais, enquanto que Pai Joaquim das Almas, Pai João de Enoch e Pai Zé Pedro são responsáveis pelo sistema jurídico.

Outrossim, tentamos dar um sentido ao intenso rigor na constância da realização de rituais que implicam uma defesa no território da doutrina: o Vale do Amanhecer não é apenas um sistema burocrático, mas sobretudo um Estado colonizador extraterreno. Isto não implica em uma qualidade cosmológica apenas, mas em uma justificativa de seu mecanismo de funcionamento: sendo um Estado invasor, luta para manter sua ordem coesa em território adverso, sempre atento às reações provenientes de espíritos das margens, tais como os do Vale Negro. Objetivando garantir seu domínio sobre estas entidades, utilizam não apenas do recurso da força, mas também de mais dois outros, o da educação e o da justiça popular. Interpretamos aqui como um método educacional o processo que visa a orientação de espíritos recém chegados à casa transitória de *Mayante* e o procedimento de orientação que ocorre durante o desempenho do ritual, com o intuito de transformar o modo de pensar da entidade subjugada. Aquilo que chamamos de justiça popular é o método pelo qual a vítima decide sobre a absolvição de seu antigo algoz, hoje o adepto da doutrina, após um certo período de expiação. Agindo deste modo, as inúmeras vítimas de antigas encarnações aplicam uma sentença particular para cada caso, atualizando, assim, o conceito de direito de equidade. Neste caso, quando o espírito entende que houve justiça, aceita seu englobamento no Estado de *Pai Seta Branca*.

Como se fosse uma consequência deste pensamento, temos a análise de Deleuze e Guattari sobre dois polos de política soberana: o polo de defesa e o jurídico. Sua abordagem muito nos interessa, em virtude da similaridade de suas conclusões com o mecanismo encontrado nesta etnografia. Com base no trabalho destes autores, concluí que o Vale do Amanhecer aplica a violência por meio da manutenção de suas defesas, pois emprega um

processo de captura através de redes magnéticas contra os espíritos periféricos, e pelo empenho da justiça contra seus próprios adeptos, devido à submissão e à privação a que os submete. Não podemos nos esquecer, ainda com base nos mesmos autores, que o próprio sistema emprega da violência da usurpação visto que, para a montagem do sistema do Estado, os adeptos do Vale do Amanhecer são submissos a uma espécie de servidão, como peças de uma máquina, pois devem manter com frequência seus rituais mediúnicos, estando sob a direção e controle de uma unidade superior. Seus bônus de trabalhos espirituais também são submetidos a uma espécie de aparelho de captura, responsável por apropriar-se destas moedas espirituais e comparar o excedente, com o necessário para a sua libertação cármica.

6.3. O efeito do diálogo entre adepto e espírito

Finalmente, analisei a situação da prática dos rituais. Portanto, posso considerar que, embora os sujeitos encontrem suas libertações em rituais de comunicação consagrados, tais como *juízo* e *Angical*, os ritos performáticos não podem ficar de fora destas situações. Afinal, o *Abatá*, a *Escalada*, a *Imantração* libertam ou elevam espíritos, mas não os cobradores dos adeptos. Desse modo, obtendo bônus destes rituais, ou seja, mantendo-se inserido na instituição, o médium tem mais condições de obter sua libertação. Estas foram as inquietações de Santiago e Graciara: obter “moedas espirituais” para elevarem seus espíritos cobradores.

No entanto, caso o adepto tenha participado de todos os rituais necessários para melhorar a sua condição, mas ele não se retrate com o espírito, o processo estará incompleto. Entretanto, apesar deste procedimento ser aparentemente oposto aos métodos aplicados pelos rituais de defesa, parece reforçá-los. Afinal, o rito de *Angical* desempenhado por Avalciara deixou claro que a adepta necessitava das proteções fornecidas por suas entidades para conseguir conversar com o espírito; além do mais, conforme o espírito se aproximava mais do centro de poder da doutrina do Vale do Amanhecer, mais se tornavam eficazes as defesas prestadas pelas entidades. Ademais, o rito mostrou-se como um esforço para englobar um espírito a um novo sistema, tirando-lhe de uma antiga estrutura muito mais opressora. Foram

aplicados por Avalciara recursos que garantiram sua libertação: o domínio do discurso através do emprego de estruturas linguísticas para superar a sedução do espírito pela aplicação do medo e do terror. O cobrador foi elevado, mas apenas depois de compreender sua condição, o que permitia a interpretação de que este rito fosse como um diálogo revelador entre cobrador e adepta, uma espécie de hermenêutica do ser.

6.4. Dramas sociais e narrativas mítico-cosmológicas

Conforme foi demonstrado, os rituais do Vale do Amanhecer pareciam ter uma grande relevância no contexto da solução de conflitos, no entanto, como poderíamos defender esta tese se o conceito fundamental referente a este tópico estivesse ausente. Por ser heterogênea, tendo como base uma economia industrial, a doutrina do Vale do Amanhecer não pouco é abalada por conflitos de interações sociais, no entanto, surpreendentemente desempenha rituais, que se assemelham a mecanismos de reparações de conflitos. Esta incoerência conduziu-me a reler Turner - “*Social Dramas in Brazilian Umbanda: The Dialectics of Meaning*” (1987) – para entender que o conceito de drama social ainda existia, mas apenas poderia ser encontrado nas narrativas mítico-cosmológicas.

Em seu texto, Turner demonstrou que uma comunidade homogênea, geralmente de economia rural, com vínculos parentais muito fortes, utiliza recursos reparadores para solucionar conflitos que repercutem e dividem a comunidade. A origem destas contendas está em conflitos de interações sociais que foram analisadas pelo autor em sua evolução para que ele pudesse compreender a maneira como a comunidade resolvia estas situações. Deste modo, ele fez um levantamento de características referentes aos dramas sociais que puderam ser aproveitadas nesta etnografia.

De acordo com Turner, o drama social seria ‘processualmente estruturado’, o que implica dizer que ele pode ser analisado conforme sucessivas fases dentro de uma ação pública. Estas qualidades são semelhantes ao processo aplicado pelo Vale do Amanhecer sobre as narrativas mítico-cosmológicas que sujeitam os adeptos a certos obstáculos. Afinal, as fases rituais de reparação de conflitos, nos dois casos, iniciam-se com a identificação da doença, seguida pela aplicação de recursos divinatórios – que seriam as orientações dos Pretos Velhos – para depois serem aplicados os tratamentos que têm seu ápice na revelação

do significado de seus envolvidos. Tais mecanismos colocam dramas sociais e narrativas mítico-cosmológicas dentro parâmetros similares.

As fases de reparações de conflitos também são mecanismos paralelos entre os conceitos de dramas sociais e as narrativas mítico-cosmológicas. Podem aplicar reparações formais ou informais, contra seus próprios integrantes, mantendo-os em períodos liminares, para que possam sofrer imolações e serem posteriormente avaliados. Estas semelhanças de mecanismos fizeram com que fossem consideradas as narrativas mítico-cosmológicas como se estivessem dentro do mesmo patamar dos dramas sociais.

Além do mais, as qualidades que faltavam para justificar a presença do conceito de drama social na comunidade do Vale do Amanhecer, são encontradas nas narrativas mítico-cosmológicas. Afinal, os vínculos de parentescos, bem como a prevenção para manutenção de estabilidade em relacionamento com a vizinhança estão no conteúdo mítico.

Em razão destas características semelhantes entre dramas sociais e narrativas mítico-cosmológicas, ambos foram colocados dentro de certa similaridade, para que fosse possível justificar a importância das submissões individuais aos ritos, bem como a urgência em aplicar tantos rituais para a solução destas situações pessoais. A construção da personalidade de cada indivíduo recupera um espaço social muito maior que deve ser revivido para que uma harmonia seja restabelecida. Deste modo, os rituais do Vale do Amanhecer, em seu conjunto, podem ser tratados como performances reparadoras por procurarem solucionar conflitos cosmológicos individuais, com as mesmas urgências exigidas de seus mecanismos sociais como se cada um tivesse a sua comunidade e seus mitos particulares. O poder de coação e as repercussões dos dramas sociais são atualizados no próprio indivíduo.

6.5. O aspecto formal e político dos rituais

Ademais, finalmente, podemos concluir que o adepto é inserido em uma performance de conflito no decorrer de todos os rituais, com o objetivo de realizar as desobsessões de espíritos que ameacem a instituição, mas provoca, em razão da participação nesta estrutura usurpadora, seu próprio alívio. Obtendo suas proteções por ser parte de um sistema hierárquico burocrático e cosmológico, o adepto deve ser mais um médium que

garante a defesa da doutrina, mas também realiza um enfrentamento contra espíritos cobradores que o ameaçam. Apenas quando estiver devidamente preparado poderá encontrá-lo em *juízo* ou *Angical*, sofrendo no decorrer deste processo de preparação suas provações, suas dificuldades que provocam suas transformações como a do espírito que exige justiça de contenda acontecida em passado mítico-cosmológico. Todos estes rituais estão envoltos em grande formalidade, o que por si só já garantiria submissão dos espíritos, mas a qualidade política dos trabalhos espirituais reforça ainda mais o poder e a coerção das atividades, dando mais credibilidade à eficácia da cura.

6.6. A inserção em um Estado Soberano e a cura

Portanto, conforme nosso enfoque, a cura do adepto depende de sua inserção na doutrina do Vale do Amanhecer. No entanto, estar inserido nesta instituição implica em contribuir de maneira particular com um Estado soberano que necessita: periódica e urgentemente de participantes para seu sistema de defesa; em assumir uma complexa identidade hierárquica; em submeter-se ao processo de usurpação e jurídico do Estado soberano; em utilizar recursos do discurso com agilidade, conforme um processo que lembre acordos ou negociações. Afinal, assim foram interpretados os rituais de *Alabá*, *Imantração*, *Angical*, *Juízo* etc, realizados por mestres tão longamente preparados. Pode-se dizer, em resumo, que a cura do adepto depende da participação em um procedimento global de fazer política, vivendo os seus riscos e sucessos, sem deixar de cooperar com a causa do Estado extraterreno.

A inserção do adepto não implica na garantia de sua cura. Para obter seus alívios ele deve participar dos rituais frequentemente para assim obter bônus para a participação em rituais de comunicação e conversar com o espírito cobrador. Este, por sua vez, apenas irá perdoá-lo se tiver cobrado-lhe durante um período e considerar ter ocorrido justiça. Na prática esta condição resulta em situações de sofrimentos repetitivos em que o adepto apenas sente que seus alívios estão ocorrendo ao final de um longo processo. Santiago submeteu-se a esta situação cíclica de maneira desprotegida, receoso por sua segurança e por submissão a cobranças cármicas. O espírito que ameaçava Avalciara demonstrou que, mesmo afastado do

Vale do Amanhecer, ainda estaria em outro sistema, mas em um muito mais opressor. A doutrina oferece a opção de aliviar as cobranças cármicas, levando o adepto a sofrê-las até o limite da angústia, para a obtenção da libertação e, assim, recomeçar novo carma. O processo da libertação ocorre por meio de repetitivas expiações.

Deste modo, pouco podemos falar, neste texto, em cura definitiva. Afinal, se considerarmos que a cura é a libertação de Santiago para morar onde quiser, ou a obtenção de emprego fixo e definitivo de Graciara, ou o vínculo empregatício de Avalciara em empresa com salário justo, então dir-se-ia que não houve alívio esperado. No entanto, também não seria justo considerar que suas condições são as mesmas desde que entraram para a doutrina, pois, Santiago agora pode sair dos portões do Vale do Amanhecer sem ser ameaçado, Avalciara não tinha oportunidade de emprego e hoje já está trabalhando. No entanto, o *juízo* de Graciara foi esclarecedor no seguinte sentido: a realização da adepta esteve menos na promessa de um emprego vindouro do que na satisfação emocional de ter conversado com sua irmã de outras vidas e de ter compreendido sua condição. Graciara viveu completamente sua cura sem tê-la alcançado ainda, afinal, a elevação do espírito seria a condição de sua melhora. Portanto, pode-se dizer que em meio a essa instituição tão opressora, afirmo isso considerando seu aspecto usurpador, e no âmago desse processo tão longo e angustiante, a vivência do alívio é tão efetiva quanto a ocorrência de fato da cura dos adeptos do *Pai Seta Branca*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÁLVAREZ, Silvia Monroy. *Choque ideológico em um escritório modelo rural de Antioquia, Colômbia, reconhecimento, identidade e sobreposição de valores*. Brasília: Universidade de Brasília, 2006 (tese).

ARANHA, Jayme 2002 – Jakobson a bordo da Voyager. In M. Peirano (org.) *O Dito e o Feito*. Rio de Janeiro: Relume Dumará. pp. 59-82. 2002.

AUSTIN, J.L. *How to Do Things with Words*. Cambridge, Mass.: Harvard Univ. Press. 1975.

AZEVEDO, Ana Vicentini de. *A Metáfora Paterna na Psicanálise e na Literatura*. Brasília: Editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

BAILEY, Frederik G. *The Need for Enemies: A Bestiary of Political Forms*. Ithaca/London: Cornell University Press. 1998.

BARTH, Fredrik. *Political leadership among Swat Pathans*. London: University of London/ The Athlone Press. 1959.

BARROS, Sullivan Charles (2008). “Possessão, Gênero e Sexualidade Transgressora: Análise biográfica de uma Pomba-Gira da Umbanda”. http://www.fazendo.genero8.ufsc.br/sts/ST30/Charles_%20Barros_Sullivan_30.pdf.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Editora Brasiliense: 1994.

BORGES, Antonádia. *Tempo de Brasília, etnografando lugares-eventos da política*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

BUTLER, Judith. 2003. “O parentesco é sempre tido como heterossexual?”. In: *Cadernos Pagu*. pp. 219-260.

CARVALHO, José Jorge de. “Características do Fenômeno Religioso na Sociedade Contemporânea”. In: *Série antropológica 114*. Brasília: UnB, 1991.

_____. “O Encontro de Velhas e Novas Religiões: Esboço de Uma Teoria dos Estilos de Espiritualidade”. In: *Série antropológica 131*. Brasília: UnB, 1992.

CAVALCANTE, Carmen Luisa Chaves. *Xamanismo no Vale do Amanhecer, o Caso Tia Neiva*. São Paulo: Annablume, Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2000.

CIXIOUS, Hélène: "Castration or Decapitation". *Revista Signs*, volume dedicado à Teoria Feminista Francesa 1981, vol. 7/1.

CONTRERAS, José & Favret-Saada, Jeanne (1990). "Ah! La féline, la sale voisine". terrain.revues.org/document2968.html.

CRAPANZANO, Vincent. *Hermes' Dilemma & Hamlet's Desire. On the epistemology of interpretation*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press. 1992.

_____. "Kevin: on the transfer of emotions". *American Anthropologist*, vol. 96, n. 4: 866-885. 1994.

DAS, Veena & Poole, Deborah (2004). *Anthropology in the margins of the State*. Santa Fé: School of American Research Press.

DELEUZE, G. & Guattari, F. *Capitalisme et schizophrénie. Mille Plateaux*. Paris: Éditions de Minuit. 1980.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976 [1966].

DURKHEIM, Émile. *As Formas Elementares de Vida Religiosa*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, [1957].

EVANS-PRITCHARD, E. E. (1940) *African Political Systems*. London and New York: KPI Limited. Preface by Radcliffe-Brown Preface e Introduction.

_____. *The Nuer: a description of the modes of the livelihood and political institutions of a Nilotic people*. Oxford: Clarendon Press. 1940.

EVANS-PRITCHARD, E. E. *Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2005 [1976].

FERGUSON, J. *The anti-politics machine: "development," depoliticization, and bureaucratic power in Lesotho*. Cambridge: Cambridge University Press. 1990.

FRAZER, Sir James George. *O Ramo de Ouro*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1982, [1978].

GALINKIN, Ana Lúcia. *A Cura no Vale do Amanhecer*. Brasília: Universidade de Brasília, 1977 (Tese).

GILLISON, Gillian. “Symbolic Homosexuality and Cultural Theory: The Unconscious Meaning of Sister Exchange Among the Gim of Highland New Guinea”. In: *Anthropology and Psychoanalysis. Na Encounter through Culture*. London: Routledge, 1994.

GONÇALVES, Djalma Barbosa. “Vale do Amanhecer, Análise antropológica de um movimento religioso Sincrético contemporâneo”. Dissertação de graduação apresentada ao departamento de antropologia . Brasília: UnB. 1999.

GLUCKMAN, M. *Order and Rebellion in Tribal Africa: Collected Essays With an Autobiographical Introduction*. London: Cohen and West, 1963.

GLUCKMAN, M. “Rituais de Rebelião no Sudeste da África”. In. *Textos de Aula, Antropologia 4*. Brasília: EdUnB, 1963.

HERZFELD, Michael. *The social production of indifference: exploring the symbolic roots of Western bureaucracy*. New York: Berg. 1982.

_____. Political Optics and the Occlusion of Intimate Knowledge. *American Anthropologist*. 107(3): 369–376. 2005.

JAKOBSON, Roman. *Selected writings*, vol.2. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1971.

FRAZER, Sir James George. *O Ramo de Ouro*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1982, [1978].

KONDO, Dorinne. The way of tea: a symbolic analysis. In *Man* vol. 20, pp. 287-306. 1985.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro:Tempo Brasileiro, 1975.

MALINOWSKI, Bronislaw. 1978 [1922]. *Os Argonautas do Pacífico Ocidental: um Relato do Empreendimento e da Aventura dos Nativos nos Arquipélagos da Nova Guiné Melanésia*. São Paulo: Abril Cultural.

_____. *Magia, Ciência e Religião*. Lisboa: Edições 70, 1984.

- MARQUES, Erich Gomes. “Vale do Amanhecer: A Dinâmica das Emoções nas Incorporações do ‘Trabalho de tronos’: Uma Abordagem Psicanalítica do Material Etnográfico”. Dissertação de Antropologia apresentada ao departamento de antropologia. Brasília: UnB. 2002.
- MOUTINHO, Laura. “Homossexualidade, Cor e Religiosidade: Flert entre o “Povo de Santo” no Rio de Janeiro”. In: *Sexualidade, Família e Ethos Religioso*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- NATIVIDADE, Marcelo. “Homossexualidade Masculina e Experiência Religiosa Pentecostal”. In: *Sexualidade, Família e Ethos Religioso*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- OBEYESEKERE, Gananath. *Medusa’s Hair*. University of Chicago: Chicago, 1984.
- PEIRANO, M. As árvores Ndembu. *A Favor da Etnografia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, p. 59-117. 1995.
- RABELO, Miriam C. M. “Comparando Experiências de Aflição e Tratamento no Candomblé, Pentecostalismo e Espiritismo”. Em: *Religião e Sociedade*. Vol. 22/1. Rio de Janeiro: ISER, 1977.
- RISSER, James. The Voice of The Other in Gadamer’s Hermeneutics. In: Lewis Edwin Hahan (org.), *The Philosophy of Hans-Georg Gadamer*. Illinois: University at Carbandole, s/d.
- ROSENTHAL, Judy (2002) Trance against the state. In Treenhouse, C; Merz, E & Warren, K (eds.) *Ethnography in unstable places. Everyday lives in contexts of dramatical political change*. Durham: Duke University Press.
- RUBIN, Gayle. 1975. “The traffic in women: notes on the ‘political economy’ of sex”. In: R. Reiter (org.), *Toward an Anthropology of women*. New York: Monthly Review Press. pp. 11-19.
- SAHLINS, Marshall. 1980. *Metáforas históricas e realidades míticas: estrutura nos primórdios da história do reino das Ilhas Sandwich*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- SALGUEIRO, Roberta da Rocha. “De Pretos Velhos e Princesas: imaginário afro-brasileiro no Vale do Amanhecer”. Dissertação de graduação apresentada ao departamento de antropologia. Brasília: UnB, 2000.
- _____. *A Hierarquia Espiritual das Entidades Negras no Vale do Amanhecer*. Dissertação de mestrado apresentada ao departamento de antropologia. Brasília: UnB, 2003.
- SASSI, Mario. *No Limiar do III Milênio*. Brasília: Editora Vale do Amanhecer, s/d, [1974].

_____, *O que é o Vale do Amanhecer*. Rio de Janeiro: Guavira, 1979.

_____, *Sob os Olhos da Clarividente*. Brasília: Editora Vale do Amanhecer, 1999.

_____, 2000, *A Conjunção de Dois Planos*. Brasília: Editora Vale do Amanhecer, 2003, [1974].

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.

SEGATO, Rita Laura. *Santos e Daimones: o Politeísmo Afro-brasileiro e a Tradição Arquetipal*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995.

SEGATO, Rita Laura. 1999. “A Estrutura de Gênero e a Injunção do Estupro”. In Bandeira, Lourdes e Mireya Suárez (Orgs.): *A Violência Sexual no Distrito Federal*. Brasília: Paralelo 15.

SIEGEL, James (2006). *Naming the witch*. Califórnia: Stanford University Press.

SILVA, Márcia Regina da. “*Vale do Amanhecer: aspectos do vestuário em um contexto religioso*”. Dissertação de graduação apresentada ao departamento de antropologia. Brasília: UnB, 1999.

TAMBIAH, Stanley. *Culture, thought, and Social Action*. London: Harvard Univ. Press. 1985.

_____. “Relations of analogy and identity. Toward multiple orientations to the world”. In David Olson e Nancy Torrance (eds.) *Modes of Thought. Explorations in Culture and Cognition*. Cambridge Univ. Press. 1996.

TAUSSIG, Michael (1997). *The Magic of the State*. New York and London Routledge.

TAUSSIG, Michael (2006). *Walter Benjamin’s Grave*. The University of Chicago Press.

TAVARES, Hugo César. *Troca de Mulheres (Em Lévi-Strauss e Lacan)*. Rio de Janeiro: Hôlon, s/d.

TRAJANO, Wilson Filho. *A nação na web: rumores de identidade na Guiné-Bissau*. In M. Peirano (org.) *O Dito e o Feito*. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 2002.

TURNER, V. *Schism and continuity in an African society : a study of Ndembu village life*. Oxford: Berg. 1957.

_____. *A Floresta de Símbolos*. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2005.

_____. *The Anthropology Of Performance*. New York: PAJ Publications. 1987.

VALENTINE DANIEL, E. "Violent measures". In *Charred Lullabies*. Princeton, NJ: Princeton Univ. Press. pp. 73-103. 1996.

WEBER, Max (2004). *Economia e Sociedade*, Volume 1. Fundação Universidade de Brasília e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.

ZELAYA, N.C. (Tia Neiva). *Leis e Chaves Ritualísticas*. Brasília: Vale do Amanhecer, s/d, [1977].

_____. (in memorian). *Cartas Abertas*. Brasília: Vale do Amanhecer, 2002.

ZELAYA, Carmen Lúcia. *Símbolos na doutrina do Vale do Amanhecer: sob os olhos da clarividente*. Brasília: Tia Neiva Publicações, 2009.

GLOSSÁRIO

Este glossário foi escrito por intermédio do “acervo Tumarã”, conjunto de textos produzidos como uma espécie de enciclopédia contendo diversos conceitos pertencentes ao Vale do Amanhecer. Este acervo é distribuído em *Word*, para ser lido no computador, e Marcos Antônio forneceu o que está a ser utilizado para completar esta dissertação.

Abatá: ritual realizado nos cruzamentos, visando a transformação de energias negativas em positivas ou o aprisionamento de espíritos de baixas hierarquias. Os médiuns se organizam em geral em 5 pares, mantendo a disposição de uma elipse no local a ser desempenhado. Cada adepto deve realizar sua emissão e canto.

Acambuê: “*é uma consagração da Estrela Candente completa, com 108 pares ocupando os Esquifes*”.

Adjunto de Povo: são grupos reunidos com base na origem espiritual em comum. O representante do adjunto passa a receber a sua denominação. Deve-se observar que há casos que o representante do adjunto não forma um povo, neste caso não há um grupo nem reuniões para organizar.

Ajanã: ver “*Mestres e Ninfas*”.

Alabá: é um trabalho de comunicação que acontece nas noites de lua cheia, tendo início a partir das 18:00h. Tem o objetivo de conduzir à harmonia dos plexos dos pacientes, por meio da manipulação dos Pretos Velhos e a proteção de *Cavaleiros* espirituais, sobretudo os de *Lança Vermelha*.

Anodização: este é um termo empregado para duas situações: quando o médium faz uso do sal e do perfume antes dos rituais, diz-se que ele está anodizando. A anodização é também um outro nome para o ritual de *unificação*. A unificação é um ritual realizado, geralmente, uma vez por mês no período de lua cheia, na Quinta-feira à noite ou no Domingo à tarde, no Solar dos Médiuns, que visa solucionar problemas de ordem nacional ou em nível planetário, tais como a Guerra do Golfo ou a gripe suína etc. Nestes dias são ocupados os lugares dos sete *Quadrantes* e ainda o da realização da *Estrela Candente*.

Apará: ver “*Mestres e Ninfas*”.

Aramê: ver “*Prisão*”.

Arcanos: arcanos são espíritos tão superiores que projetam suas forças a partir de um ponto de fora do planeta terra. No Vale do Amanhecer alguns adeptos foram consagrados arcanos, sendo uma espécie projeção da força destas entidades espirituais.

Bônus: são “*pequenas células de energia vital*” recebidas pelo merecimento do adepto por suas participações nos rituais. Afinal, por seu intermédio, entidades podem realizar suas atividades espirituais. Mas caso o fiel comece a cometer inconsequentes perversidades, pode ser leiloado pela espiritualidade para espíritos das trevas e os bônus obtidos por este leilão podem ser usados para favorecer adeptos que necessitam.

Caboclos: espíritos que se apresentam na roupagem de índios.

Capela: planeta localizado atrás do sol. Habitado por seres chamados por “Cavaleiros de Oxosse” que têm a missão de preparar os habitantes da terra para sua evolução.

Carma: obstáculos justificados por ações realizadas em outras vidas. Os prejuízos provocados a outros espíritos retornam transformando o agente em vítima de suas ações, como uma consequência da Lei de Causa e Efeito.

Cavaleiros Especiais: são entidades de luz de proteção dos adeptos, que capturam espíritos que necessitam de ajuda, por intermédio de redes magnéticas, para conduzi-los aonde possam receber proteções.

Centúria: curso ministrado a adeptos que participaram da consagração de *Centúria*, divulgando conhecimentos similares aos que são apresentados no curso de 7° Raio.

Chakras: “*são pontos de captação e emissão de energias do corpo etérico, distribuídos em pontos correspondentes aos plexos do corpo físico, a este ligados pelo sistema nervoso e, especialmente, pelo Centro Coronário*” (Cf. acervo Tumarã).

Chapanã ou Cavaleiro da Lança Negra: cavaleiro que conduz o espírito do adepto que praticou incorrigíveis perversidades até as entidades das cavernas que o adquiriram em leilão.

Charme: “*o charme, Fagulha Divina ou Centelha Divina é a nossa herança transcendental*” (Cf. acervo Tumarã).

Classificação: as classificações são as hierarquias de forças obtidas a partir do momento em que o médium torna-se *centurião*. O doutrinador recebe as seguintes classificações: 7° Raio Autorizado Taumantes Raio Rama Adjuração; Adjunto Regente Koatay 108 Taumantes Raio Rama Adjuração; Adjunto Koatay 108 Triada Harpásios Raio Rama Adjuração; Adjunto Koatay Herdeiro Triada Harpásios Raio Adjuração Rama 2000. Os Ajanãs recebem outras classificações: 5° Yurê Raio Autorizado Cautanenses Raio Rama Ajanã; 5° Yurê Adjunto

Regente Cautanenses Raio Rama Ajanã; 5º Yurê Adjunto Koatay 108 Cautanenses Raio Rama Ajanã; 5º Yurê Adjunto Koatay 108 Cautanenses Raio Ajanã Rama 2000; 5º Yurê adjunto Koatay 208 Vancares Raio Rama Ajanã; 5º Yurê Adjunto Koatay 108 Vancares Raio Rama 2000. Para os médiuns mudarem de uma classificação para outra devem participar de um ritual de *reclassificação*, promovido pelos Devas.

Cobrador: espíritos encarnados ou desencarnados que foram vítimas de malefícios em outras vidas e adquirem o direito de exigir reparo do antigo malfeitor, provocando males semelhantes aos sofridos anteriormente.

Condessa Natary (Natarry ou Natanrry): entidade de luz representada no *juízo* e *aramês*, chamada de “testemunha de todos os tempos”, representante do *Espírito da Justiça*, é projeção do *Cavaleiro da Lança Negra* ou também chamado de *Chapanã*.

Consagrações: capacidade do espírito encarnado vir a receber cada vez mais energias devido ao avanço de seu grau de evolução. No entanto, existem as consagrações coletivas que têm o objetivo de manter “a força decrescente e a hierarquia do Mestrado” (Cf. acervo Tumarã) e que “canalizam potentes raios de forças que são manipuladas e distribuídas” (Cf. acervo Tumarã) aos médiuns. Estão entre estas as Consagrações de 1º de Maio, as de Falanges Missionárias, as de Adjuntos etc.

Cura Iniciática: ritual realizado no templo tendo a participação de doutrinadores e médiuns de incorporação, em que são utilizadas as energias ectoplasmáticas dos médiuns. É assim chamado porque são incorporadas entidades médicas.

Devas: sua função e denominação estão relacionadas às linhas indianas, nas quais os devas estão entre os seres divinos superiores e os seres humanos, tendo como uma de suas atribuições a responsabilidade por comandarem os seres elementais. O objetivo dos Devas no Vale do Amanhecer é de executar alguns rituais, como os de classificação e reclassificação, além de serem responsáveis pelas distribuições das emissões e cantos.

Defumação: a defumação funciona como uma espécie de limpeza tanto de médiuns e pacientes, quanto do ambiente ao redor, por meio da ativação dos *chakras* dos fiéis, da desintegração de cargas negativas e do afastamento de espíritos não evoluídos. A defumação ocorre pela aplicação de fumaça provocada pela queima de um pó produzido a partir do endurecimento de resina retirada de uma árvore específica. Geralmente a defumação é realizada dentro do templo durante ou após rituais específicos.

Defumação no Sudálio: ritual realizado dentro do templo, sendo composto por um doutrinador comandante, uma *ninfa lua Centuriã* e um *Ajanã* para a defumação. Participam do trabalho apenas 7 pacientes.

Doutrinador: o médium doutrinador é aquele que não incorpora, tendo sua mediunidade concentrada no sistema nervoso central, o que amplia sua consciência e sua capacidade racional. Conforme os adeptos, o doutrinador foi trazido por Tia Neiva.

Ectoplasma: também chamado de “*fluido magnético animal*”, é uma espécie de energia produzida no organismo de todos, que é aperfeiçoada na medida em que a pessoa participe dos rituais, principalmente na condição de adepto.

Elevação: capacidade que o doutrinador possui de enviar um espírito para o *Reino Central*, abrindo um canal para projetá-lo, por meio da utilização de uma chave adequada e da utilização de seu próprio ectoplasma.

Elevação de Espadas: “*A Elevação de Espadas é o cruzamento de forças iniciático- evangélicas que projetam no médium os poderes de ADONES, somando-se aos raios de Eridan, que recebeu no Desenvolvimento, e de Oner, quando de sua Iniciação, formando potente conjunto de forças desobsessivas*” (Cf. acervo Tumarã). O adepto participa deste ritual três meses após ter feito a elevação.

Elútrio: espírito obsessor que tem a aparência de uma cabeça de macaco achatada, tendo cerca de 10 centímetros de tamanho, que se fixa em algum órgão do corpo humano.

Emissão: código baseado na hierarquia doutrinária do médium, que deve ser falado durante a realização de alguns rituais, tendo o objetivo de trazer as forças particulares de cada médium.

Emplacamento: ao final da primeira fase do desenvolvimento, o adepto apto recebe uma placa com o nome de sua princesa – o doutrinador – ou o nome de seus mentores – médium de incorporação – podendo agora participar do ritual de iniciação.

Espírito de Luz: são espíritos desencarnados que não possuem mais *carmas* a resgatar na terra, por isso são dirigidos a outros planetas onde adquirem um padrão vibratório próximo ao da luz, não mais participando do ciclo de reencarnações.

Estrela: as estrelas são forças que estão relacionadas com a origem que os adeptos tiveram a partir de *Capela*, emitindo energias que os ajudam conforme as condições enfrentadas nos rituais. São um total de 21 e cada qual forma uma *Amacê*.

Estrela Candente: ritual realizado diariamente no solar dos médiuns, no lago artificial em forma de estrela de seis pontas. A realização de um ritual completo corresponde a uma *escalada* e compreende a participação dos adeptos em três estrelas, que ocorrem nos

horários de 12:30h, 14:30h e 18:30h. Neste rito, espíritos que não podem ser atendidos no templo são elevados, por intermédio de *Amacês*, espécie de nave espacial invisível.

Estrela de nerhu: ritual que movimenta grande energia, sendo realizado às 18:00h, nos dias de trabalho oficial (sábado, domingo e quarta-feira). É realizado em frente ao templo, simulando encenação específica para permissão de sacrifício de ninfas *Esmênias* ou suas representantes.

Falanges: grupos de espíritos que possuem as mesmas afinidades, embora tenham origens diferentes. Tia Neiva formou no Vale do Amanhecer duas linhas de falanges que reunissem os médiuns: as falanges missionárias e as falanges de Mestrado.

Falanges de Mestrado: classificação em nível espiritual, fornecida pelos Devas. Cada médium será classificado de acordo com a natureza de seu plexo iniciático. São um total de 12 falanges: *amanhecer, anunciação, ascensão, consagração, cruzada estrela candente, redenção, ressurreição, sacramento, solar, sublimação, unificação.*

Falanges Missionárias: estas se organizam conforme a missão dos adeptos. Cada médium escolhe um grupo que é responsável pela realização de algum ritual no Vale do Amanhecer. Cada Falange possui um representante responsável por organizar as datas dos eventos, bem como determinar o membro que participará do ritual. Todas as Falanges Missionárias possuem um canto particular, um mito de origem e uma indumentária própria. As Falanges Missionárias são as seguintes: Nityamas, Nyatras, Samaritanas, Gregas, Mayas, Magos, Príncipes Mayas, Yuricys Sol, Yuricys Lua, Dharman Oxinto, Muruaicys, Jaçanãs, Arianas da Estrela Testemunha, Madalenas, Franciscanas, Narayamas, Rochanas, Cayçaras, Tupinambás, Ciganas Aganaras, Ciganas Taganas, Agulhas Esmênias. Três Falanges Missionárias foram extintas: as Zingaras, as Esmênias e as Tatiaras.

Humarran: monge que preparou Tia Neiva durante cinco anos. Mesmo vivo e estando em um mosteiro nas montanhas do Tibet, ele ensinava Tia Neiva no Vale do Amanhecer, pois era capaz de se projetar, ou seja, sair do próprio corpo e se encontrar com sua aluna em outra dimensão.

Imantração: trabalho realizado dentro do templo, nos dias de trabalho oficial, ou do lado de fora, este mais raro. Os mestres devem se vestir com as roupas das falanges e andar em fila, cantando mantras, para desalojar espíritos sofredores.

Indução: este ritual realiza a desintegração de cargas negativas, tendo aplicação para a solução de problemas materiais, sobretudo de natureza econômica. Crianças menores de 10 anos e gestantes de mais de 3 meses de gravidez não podem ser atendidos neste ritual.

Iniciação: primeira consagração do adepto, implicando na sua admissão na doutrina.

Julgamento: ver “*Prisão*”.

Junção: ritual fundamentado na utilização de fluidos de Doutrinadores, por meio da aplicação de passes magnéticos, para alcançar a libertação de elítrios dos pacientes.

Koatay 108: hierarquia espiritual obtida por Tia Neiva, passando a ser designada como tal em diversas situações.

Legião do Mestre Lázaro: grupo de espíritos de luz que possuem forças que estão na Linha Africana e na Linha do Amanhecer. Mestre Lázaro recebe de *Pai Seta Branca* várias missões, mas principalmente as de resgates no Mundo das Trevas, utilizando redes magnéticas e dispondo sua falange de modo semelhante às legiões romanas quando preparavam-se para os combates: “*em grupos de cavaleiros, revestindo-se com uma força tão grande que são temidos até pelos grandes condutores de espíritos sem Luz*”.

Leito Magnético: ritual realizado dentro do templo, contando com a presença de quatro *cavaleiros de Luz*, para garantir o seu grande poder de desobsessão e de cura. Os espíritos são aprisionados por uma malha magnética formada por intermédio das emissões dos mestres e *ninfas*.

Linha de Passes: na Linha de Passes ocorrem a incorporação de Pretos Velhos e Caboclos com o objetivo de retirar cargas negativas ou irradiações que tenham ainda ficado nos pacientes após a participação nos rituais. Para participar deste rito não é necessário encaminhamento do Preto Velho.

Médico do Espaço: “entidades médicas” que atuam na cura física e espiritual.

Médium: conforme a doutrina do Vale do Amanhecer, todo o ser humano é um médium, ou seja, possui capacidades de interagir com o mundo espiritual. Na instituição ele aprende a emitir e receber numerosas forças de outras dimensões, o que permite que os rituais sejam eficazes.

Mesa Evangélica: mesa montada em forma de triângulo, em que cada lado se encontram sentados médiuns, que incorporarão espíritos que deverão ser conduzidos a dimensões adequadas, por meio das elevações realizadas por doutrinadores, localizados atrás dos incorporadores.

Mestres e Ninfas: os adeptos recebem denominações particulares, conforme o gênero. O médium é chamado de mestre, podendo ser mestre sol – o doutrinador - ou mestre lua – o médium de incorporação. A adepta é chamada de *ninfa lua* – médium de incorporação – e *ninfa sol* – a médium doutrinadora. O *Ajanã* é o médium de incorporação masculino. O

Apará é o médium de incorporação feminino, mas às vezes tal denominação é utilizada para os *Ajanãs*, por um certo descuido ou pela tendência em chamar todos os médiuns de incorporação de *Aparás*.

Ministro: espírito de luz de alta hierarquia que assumiu compromisso com seu povo para realizar diversas missões, tais como o Ministro Tumuchy. Além do mais, os adeptos também recebem ministros para suas proteções, após o curso de *Centúria*.

Missão: programa das ações de cada espírito na terra.

Ninfas: ver “*Mestres e Ninfas*”.

Oráculo: “é um tipo de Cabala” beneficiada por uma entidade de alta hierarquia, que faz fluir suas forças a partir de suas raízes para serem manipuladas nos rituais ou para favorecer os adeptos. O *Oráculo do Pai* é onde fiéis podem ter acesso a energias provenientes de *Pai Seta Branca*.

Passe Magnético: é uma chave aplicada pelo Doutrinador em um conjunto de palavras e movimentos que procuram o alívio do paciente por intermédio da retirada de impregnações, devido a limpeza e a alteração do campo celular de seus *Chakras*.

Pira: “é o centro de controle energético do Templo, onde se faz a ligação com a Corrente Mestra, ponto de abertura e encerramento do trabalho do médium”.

Povo: grupo espiritual originado de uma das sete raízes. Este grupo tem relação com a jornada original de *Pai Seta Branca*.

Pretos Velhos: agrupamentos de entidades de alta hierarquia que assumem a roupagem de Pretos Velhos, para orientar pacientes ou adeptos. Vladimir de Carvalho, ex-relações públicas do Vale do Amanhecer, falecido em 2007 com aproximadamente 70 anos, explicou que a falange de Pretos Velhos era formada por grandes cientistas de *Pai Seta Branca*, mas que vinham nos atendimentos na forma de ex-escravos. No entanto, segundo ele, alguns espíritos realmente foram escravos.

Princesas: são sete espíritos femininos de alta hierarquia, sendo que seis delas foram escravas e uma sinhazinha.

Prisão: o ritual de prisão é desempenhado pelo adepto para poder alcançar o perdão de suas vítimas de outras vidas. Existem dois tipos de prisão, que se revezam a cada 15 dias. Um é o *Aramê*, em que o médium visa alcançar o seu perdão de inúmeros cobradores ao mesmo tempo. Já o *juízo* procura possibilitar o perdão do médium de uma vítima apenas. Os prisioneiros vestem indumentárias específicas e assumem a condição de “prisioneiro da

espiritualidade maior” por um período de uma semana, quando deverá pedir bônus para sua libertação.

Quadrante: ritual realizado diariamente ao redor do lago de *Iemanjá*, a partir das 16:00h. Cada dia da semana um ritual é realizado para uma princesa específica.

Radar: local disponibilizado dentro do templo onde ficam os comandantes responsáveis pelo acompanhamento dos rituais desempenhados. Do radar fluem forças que harmonizam os ritos desempenhados.

Randy: ritual de grande efeito curador, realizado dentro do templo, tendo a participação de cavaleiros de luz. Neste rito podem ocorrer cirurgias espirituais.

Reclassificação: ver “*Classificação*”.

Retiro: complexo de forças que se projeta no templo do Vale do Amanhecer a partir de *Mayante*, começando a chegar de manhã, mas se tornando mais intenso à tarde. O médium tem acesso a estas energias desde que ele participe dos rituais desempenhados durante o dia todo. Neste caso, pode-se dizer que ele participou de um *retiro*.

Sessão Branca: ritual que possibilita a troca de energias entre o Vale do Amanhecer e povos indígenas. Durante este rito, índios vivos são incorporados e suas histórias são ouvidas, embora algumas não sejam mesmo compreendidas devido à diferença das línguas.

Sétimo Raio: classificação muito elevada nos planos espirituais. Conforme acervo Tumarã, “*Pai Seta Branca é um Sétimo Raio de Jesus; Arakén é um Sétimo Raio de Pai Seta Branca*”. Esta classificação é fornecida aos adeptos, após participarem em curso de duração de nove meses.

Solar dos Médiuns: complexo construído a 1 km do templo, onde encontram-se uma cachoeira, um lago em forma de estrela de seis pontas, outro lago maior, chamado de lago de *Iemanjá*, diversas imagens construídas, como as das seis princesas, a de *Iemanjá* e a de *Mãe Yara* - alma gêmea de *Pai Seta Branca* - e a construção de uma pirâmide. Lá são realizados basicamente os rituais de *Estrela Candente*, *Quadrantes*, *Unificação*, 1º de Maio e outras consagrações.

Trinos Triada: “representantes de nossas Raízes” (Cf. acervo Tumarã), tendo o objetivo de manter o cumprimento das leis da doutrina. Os Trinos Triadas Presidentes são o 1º mestre Sol, Trino *Tumuchy*, Mário Sassi; o 1º Mestre *Jaguar*, Trino *Arakén*, Nestor Sabatovicz; o 1º Mestre Curador, Trino *Sumanã*, Michel Hanna; o 1º doutrinador, Trino *Ajarã*, Gilberto Chavez Zelaya.

Tronos: São trabalhos de comunicação e desobsessão que acontecem no interior do templo, por intermédio de Pretos Velhos incorporados e devidamente acompanhados por doutrinadores.

Trono Milenar: ritual onde são doutrinadas entidades de sábios e sagazes espíritos.

Turigano: ritual desempenhado para buscar forças referentes à origem dos adeptos em Esparta. Realizado em espaço adequado em frente ao templo.

Umahã: ver Humarran.

Vale das Sombras: espécie de universidade localizada próxima da terra e composta por grandes pensadores – filósofos ou cientistas - que não participam do sistema cíclico de reencarnação. Procuram aumentar suas legiões por meio do exercício de suas influências sobre cientistas ou políticos. Sobre estes últimos, atuam as legiões dos *Falcões*.

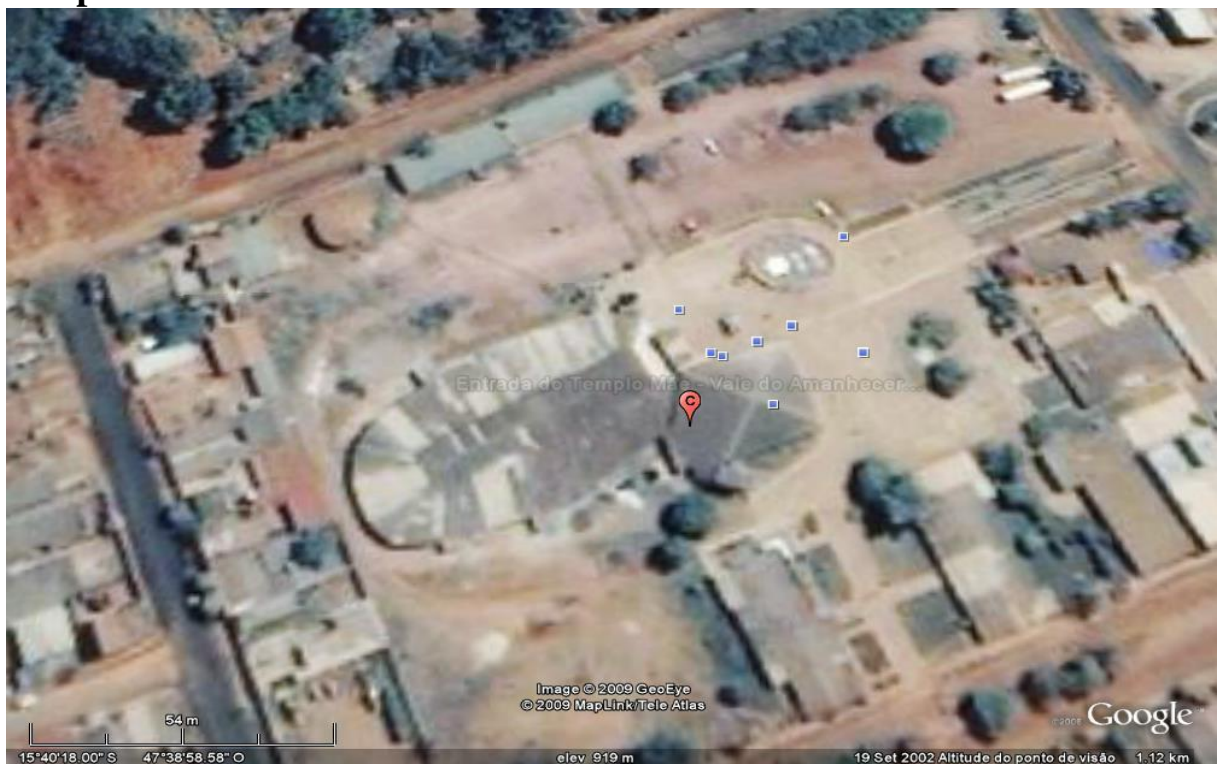
Vale Negro: descrito como um lugar de muitas dores, sendo localizado em uma região do *Canal Vermelho*, onde estão líderes das *Trevas*, as *Cavernas* e *Bandidos do Espaço*.

ILUSTRAÇÕES:

Localização do Vale do Amanhecer (D)¹¹⁹.

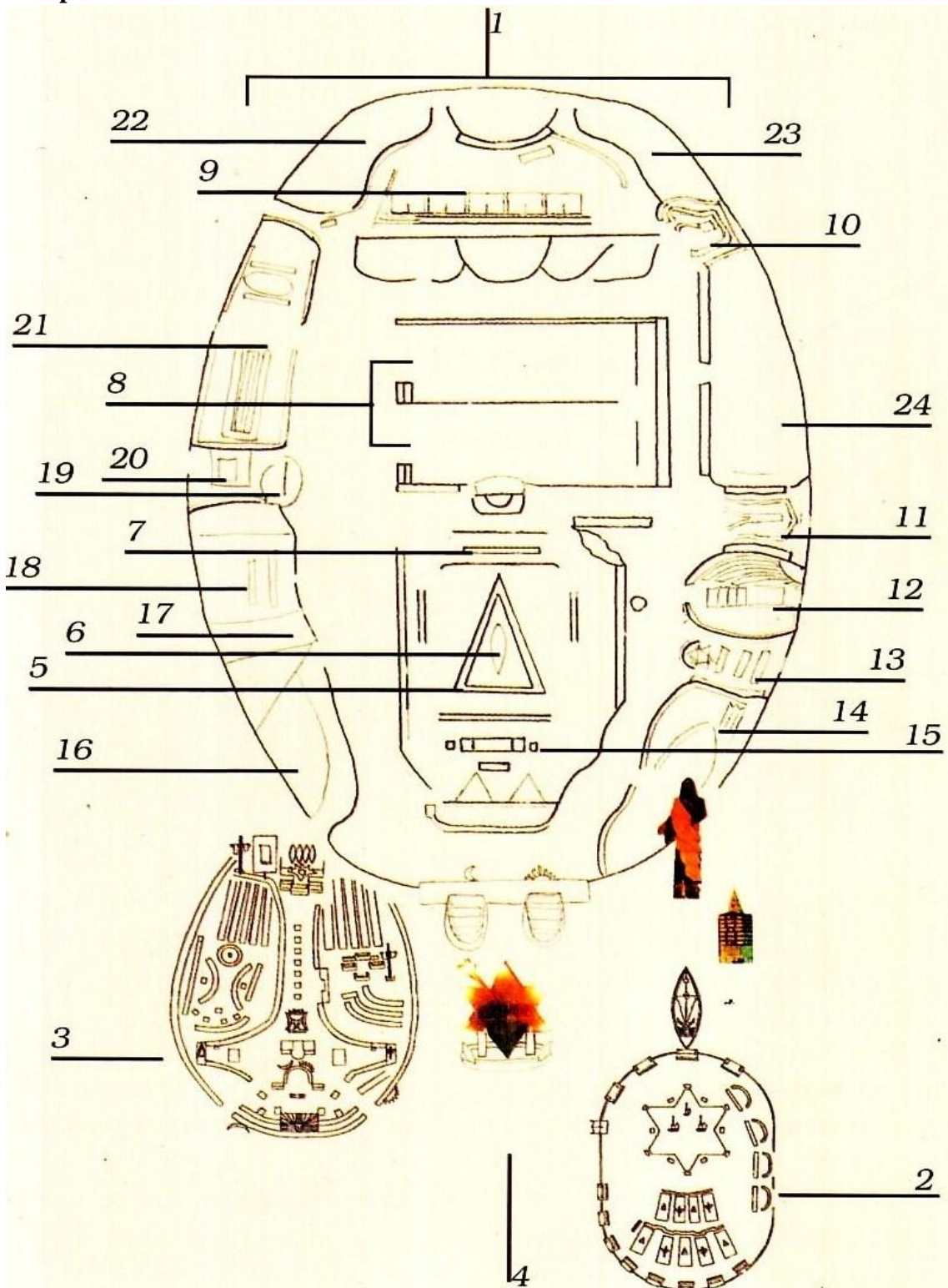


Templo do Vale do Amanhecer¹²⁰



¹¹⁹ Ilustração 1
¹²⁰ Ilustração 2.

Templo do Vale do Amanhecer¹²¹



¹²¹(Sassi, 1999: 45); ilustração 3.

Divisão do Templo do Vale do Amanhecer:

- 1. O templo do Vale do Amanhecer;**
- 2. Estrela Sublimação ou Estrela de Nerhú;**
- 3. Turigano;**
- 4. Estrela em mosaico de espelhos;**
- 5. Mesa Evangélica;**
- 6. Elipse;**
- 7. Presença Divina;**
- 8. Tronos vermelhos e amarelos;**
- 9. Ritual de cura;**
- 10. Ritual de Junção;**
- 11. Indução;**
- 12. Oráculo de *Pai Seta Branca*;**
- 13. Linha de Passe;**
- 14. Oráculo de Cruz do Caminho;**
- 15. Randy;**
- 16. Castelo de autorizações;**
- 17. Castelo de instrutores;**
- 18. Castelo dos mestres Devas;**
- 19. Radar;**
- 20. Castelo do Cochicho;**
- 21. Castelo do silêncio;**
- 22. Castelo de Iniciação dos médiuns Aparás;**
- 23. Castelo de Iniciação dos médiuns Doutrinadores;**
- 24. Castelo dos doutrinadores;**

Templo do Vale do Amanhecer (C) e Solar dos Médiuns (D)¹²².



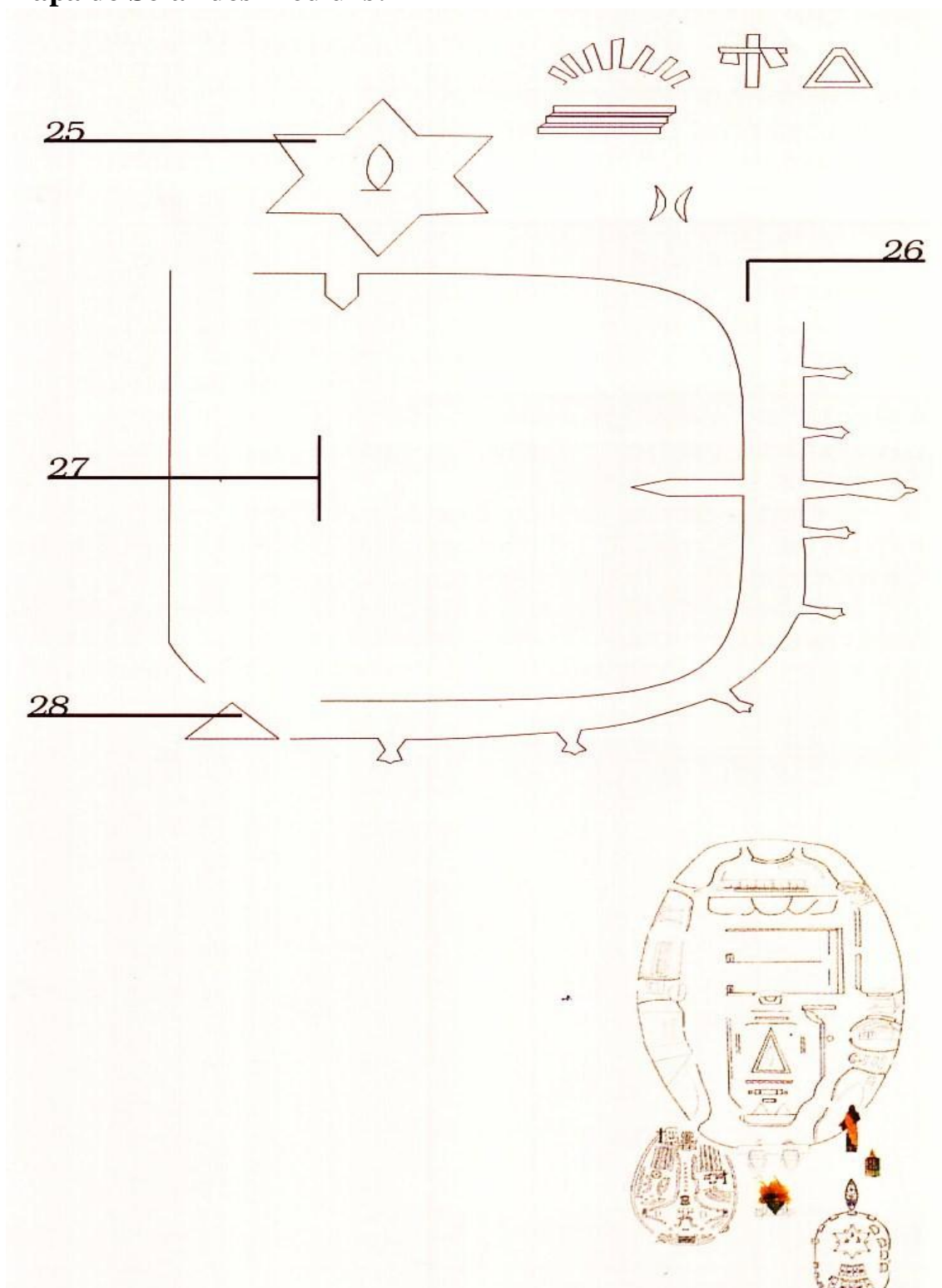
Solar dos Médiuns¹²³.



¹²² Ilustração 4.

¹²³ Ilustração 5.

Mapa do Solar dos Médiuns:¹²⁴



- 25. Estrela Candente;**
- 26. Quadrantes;**
- 27. Lago de Mãe Yemanjá; 28. Pirâmide**

¹²⁴ (Sassi, 1999: 59); ilustração 2.

FOTOS:

Médiuns em fila aguardam o horário para a saída do *Abatá*. 31 de Outubro de 2009.¹²⁵



Adeptos partindo para o *Abatá*. 31 de Outubro de 2009.¹²⁶



¹²⁵ Foto 1.

¹²⁶ Foto 2.

A realização de um *Abatá*¹²⁷.



Prisioneiros trocando bônus¹²⁸.



¹²⁷ Foto 3.

¹²⁸ Foto 4.

Imantração realizada no dia 23 de Agosto de 2009¹²⁹.



¹²⁹ Foto 5 e 6.

Escalada da falange de Príncipes e *Yuricys* (31 de Outubro de 2009)¹³⁰.



Doutrinadores deitados nos esquifes¹³¹ no ritual de *Estrela Candente*.



¹³⁰ Foto 7.

¹³¹ Foto 8.



Prisioneira no Quadrante¹³².



O final do quadrante¹³³.

¹³² Foto 9.



Portal da entrada do Vale do Amanhecer¹³⁴



Elipse que recebe energias que serão necessárias para os rituais.¹³⁵

¹³³ Foto 10.

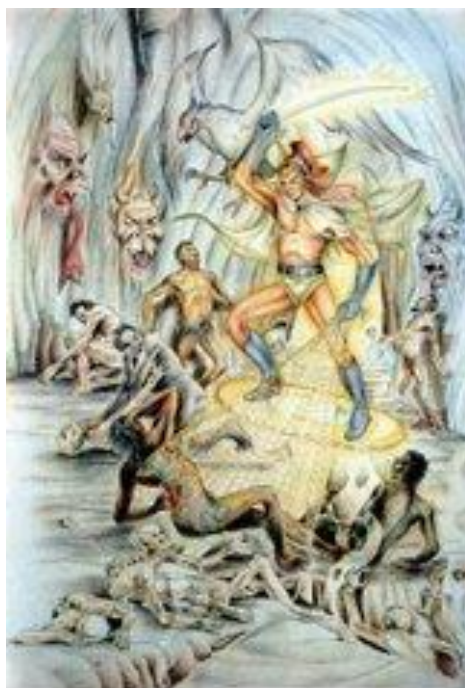
¹³⁴ Foto 11.

¹³⁵ Foto 12.

Pilotos da Nave de *Pai Seta Branca*, (ilustração de Vilela¹³⁶).



Os pilotos são: Stuart (amarelo), Jhonson Plata (Branco), Zaros (azul), Eris (lilás) e Gorck (verde).



Cavaleiro de luz resgatando espírito em caverna (ilustração de Vilela)¹³⁷.

¹³⁶ Imagem 1.

¹³⁷ Imagem 2



Cavaleiro do Divino Mestre Lázaro, no Canal Vermelho, segurando uma espada em sua mão direita e uma rede magnética na outra¹³⁸. Ao fundo estão os integrantes de sua falange (representação de Vilela).

¹³⁸ Imagem 2.